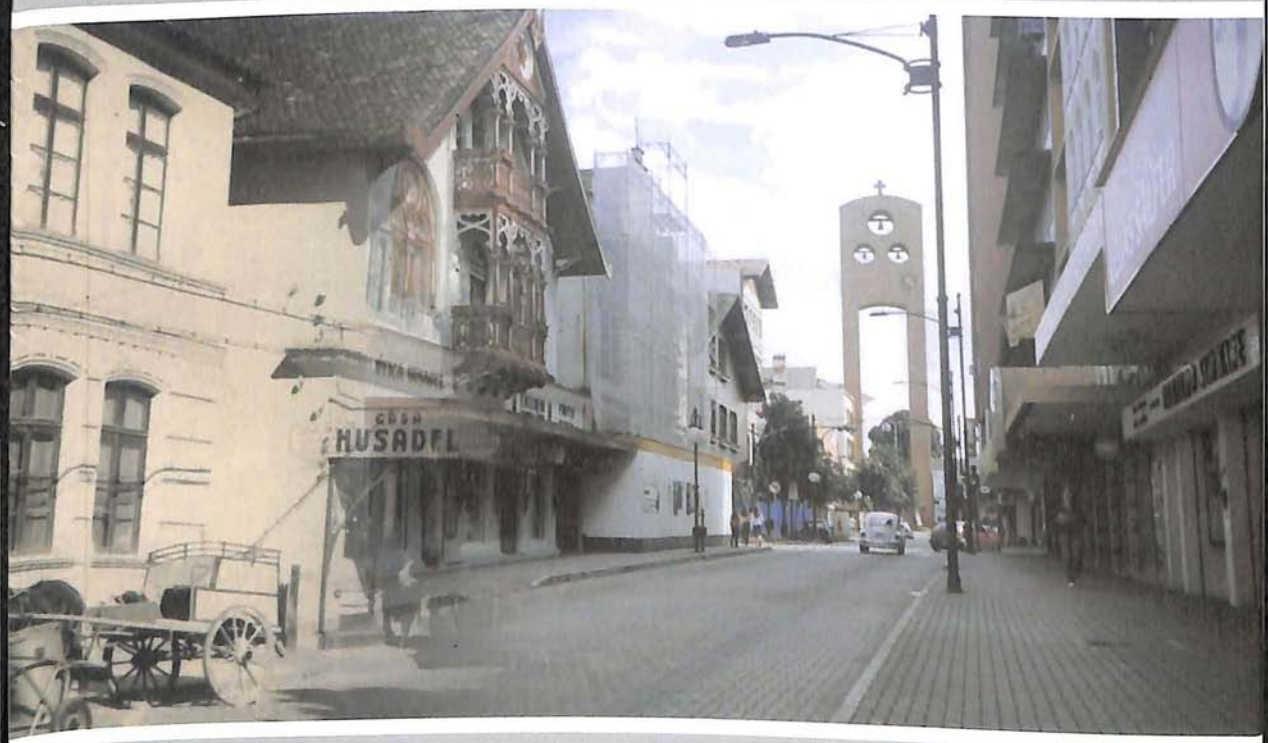
ISSN 0006-5218

# BLUMENAU
## em Cadernos

tomo 49 número 2 março/abril 2008




CULTURA EM MOVIMENTO
editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# BLUMENAU
## em Cadernos

t. 49 n. 2 março/abril 2008 Blumenau

ISSN 0006-5218

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Blumenau cad. | Blumenau | t. 49 | n. 2 | p. 1-128 | mar./abr. 2008 |

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

**Editora Cultura em Movimento**
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

**Prefeito Municipal** | João Paulo Kleinübing
**Vice-prefeito** | Edson Brunsfield
**Presidente da Fundação Cultural de Blumenau** | Ivo Hadlich
**Diretor Administrativo-Financeiro** | Iúry Bugmann Ramos
**Diretor do Centro de Publicação, Referência em Leitura e Literatura** | Rodrigo Rogério Ramos
**Diretor de Cultura** | Vinícius Nico Wolff
**Diretora do Museu de Arte de Blumenau** | Rafaela Hering Bell
**Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico** | Sueli M. V. Petry

**Blumenau em Cadernos**
**Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistórico@fcblu.com.br
**Diretora** | Sueli M. V. Petry
**Conselho Editorial**
**Presidente** | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

**Projeto gráfico** | Giba Santos
**Capa** | Composição de imagens da Rua XV de Novembro, da década de 40 e início do século XXI elaborada por Giba Santos.
Imagens cedidas pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
**Normatização do projeto gráfico** | Gláucia Maindra da Silva
**Revisão** | Valdir A. Petry **Secretária** | Mirela A. Nolasco

**Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux**, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
**Prêmio Destaque - 2002**, concebido pela Academia Catarinense de Letras.
**Homenagem Especial - 2007**, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

**Catalogação** | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimensal, set. 2000-.
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: Érico Ferreira da Silva, Luiz Ferreira da Silva, José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## SUMÁRIO

**Documentos originais | Artigo**
Os emigrantes do "Eridano" 1846
Pastor Max-Heinrich Flos
Tradutor Dr. Ivo Von Wangenheim
7

Die Auswanderer vom "Eridano" 1846
Max-Heinrich Flos
8

**Memórias**
Perdi meu melhor amigo da minha adolescência
José Gonçalves
18

**Entrevista**
História de vida - Lauro Werner
Entrevistadora: Mirela Adriana Nolasco
32

**Artigos**
Rebeldes católicos e o desaparecimento da Capela Sagrada Família da Fazendinha - Itajaí/1968
Edison d´ Ávila
51

A antropofagia blumenauense: a música em Blumenau no início do século XXI
Viegas Fernandes da Costa
65

**Burocracia e Governo**
Código de Posturas do Município de Blumenau
79

**Crônicas do Cotidiano**
A Rua da Glória sumiu!
Urda Alice Klueger
110



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Histórias da minha avó - V
Urda Alice Klueger
114

Poço da Moça
Dr. Walmor Erwin Belz
120

**Autores catarinenses**
Othon D´Eça: algumas notas sobre sua vida e obra
Enéas Athanázio
122


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# APRESENTAÇÃO

"Blumenau em Cadernos" oferece aos leitores uma diversidade de temas, os quais, certamente, fornecem elementos para o entendimento de alguns aspectos da história regional e catarinense.

Nesta edição de março/abril, na coluna **Documentos Originais**, publica-se um texto bilíngüe de autoria do pastor Max Heinrich Flos que, em uma de suas missões pastorais, veio conhecer a região de Santa Isabel, próxima a Florianópolis. No seu processo de colonização, esta localidade foi ocupada por um contingente de imigrantes que chegou ao Rio de Janeiro (1846) a bordo do navio "Eridano". Devido à falta de organização dos agentes imigratórios da época, a entrada destes imigrantes no Brasil foi muito conturbada. Este episódio foi narrado pelo Dr. Robert Avé-Lallemant, que fez o registro. Ao fazer uma visita à colônia Santa Isabel anos depois, o pastor Flos deparou-se com descendentes daqueles imigrantes. Assim recordou a saga inicial aos moradores daquele lugarejo. Por estar redigido em alemão, a tradução do texto foi realizada pelo Dr. Ivo von Wagenheim.

Na seção **Memórias**, o escritor e memorialista José Gonçalves, ao escrever "Perdi meu melhor amigo da minha adolescência", faz um verdadeiro passeio pelas ruas de Blumenau entre as décadas dos anos trinta e quarenta do século passado. Em suas lembranças descreve fatos vividos e relembra antigas ruas, residências, pontos comerciais, pessoas e outros elementos que fizeram parte da paisagem urbana da cidade.

O historiador Edison d'Ávila escreve na coluna **Artigos**, fazendo uma análise em torno do tema que intitulou: " Rebeldes Católicos e o desenvolvimento da Capela Sagrada Família da Fazendinha – Itajaí/1968". A questão deu-se em decorrência do desaparecimento de um ícone daquele povoado para dar lugar à uma escola, ignorando a comunidade de Fazendinha que se unira para edificar o seu templo religioso. Esta nova situação gerou conflitos entre o pároco e os moradores.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ainda na coluna **Artigos**, o historiador Viegas Fernandes da Costa, ao escrever "A antropofagia blumenauense: a música em Blumenau no início do século XXI", faz um estudo em torno da música produzida na cidade. Para a construção desta abordagem, o autor parte do suporte literário, enquanto discurso sobre a cidade e suas relações com o nacional e o global, e instrumento de crítica social e identitária.

Com a coluna **Burocracia & Governo** publica-se o "Código de Postura do Município de Blumenau". A intenção deste registro é trazer para o conhecimento dos leitores e pesquisadores o quanto a normatização estabelecida pelo poder público procurava resolver os novos problemas da cidade. Não bastava mais garantir sua propriedade e produtividade, mas garantir sua organização, higienização e salubridade, introduzindo uma nova ordem para que a mesma pudesse adquirir ares de uma "certa modernidade".

Urda Alice Klueger, em **Crônicas do Cotidiano**, apresenta duas crônicas. Na primeira, sob o título "A Rua da Glória sumiu", faz um contraponto desta rua que, ao longo dos anos, passou por profundas mudanças, e descobriu que a Rua da Glória da sua infância vive hoje apenas no seu coração. A segunda crônica intitulada "Histórias de minha avó - V", relembra histórias e momentos vividos com a avó.

Em outro momento, o médico Walmor Erwin Belz relembra a história do Poço da Moça.

Finalmente, o escritor e advogado Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, faz um relato biográfico sobre o escritor Othon d' Eça.

Esperamos contar com o apoio dos leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas Artigos, História Historiografia, Memórias, Biografias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora de "Blumenau em Cadernos"


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# Os emigrantes do "ERIDANO" 1846

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## DIE AUSWANDERER VOM "ERIDANO" 1846

Noch einmal begleiten wir den Lübecker Artzt Dr. Avé-Lallemant auf seiner Reise und hören von der Erlebnissen vor hundert Jahren. In Begleitung eines Saphi als Diener und eines stets wechselnden Wegweisers, der auch für die Packtiere sorgte, mit Flinten, Pistolen und Messern wohl ausgerüstet, war unser Doktor auf der Reise von Lages nach Destêrro. Hochland und Gebirge lagen bereits hinter ihm. „Wir entdeckten Spuren von Anbau links und rechts an den Höhen, von frischem, lebenslustigen Anbau! Häuser schimmerten durch die Abenddämmerung: wir waren im Unterland von Sta. Catharina, wo der Ackerbau sein bescheidenes und ehrenvolles Gewerbe treibt und friedliche Landleute sich zu einer Kolonie zusammengeschart haben". Unser Reisender war glücklich in Santa Isabel am Rio dos Bugres angekommen und berichtet von einem überraschenden Erlebnis:

„Im Dezember des Jahres 1846 kamen auf dem Schiffe Eridano siebzig bis achtzig deutsche Auswanderer nach Rio de Janeiro. Niemand hatte sie kommen heissen, niemand wusste etwas mit ihnen anzufangen; sie standen am Ufer einsam und verlassen und wären ohne Obdach geblieben, wenn man ihnen nicht das kümmerliche Dach erlaubt hätte, unter welchem das Holz der nach Praya-Grande stündlich fahrenden Dampfboote gelagert ist.

Dort sah ich die Leute in ihrer Bedrängniss; einige von ihnen waren krank; ich that für sie, was ich konnte, ja ich musste sogar einer Frau beistehen, die dort an offener Strasse in die Wochen kam.

Aber der Holzschuppen wurde gebraucht. Und nun mussten die Leute achtundvierzig Stunden auf dem Palastplatz unter freiem Himmel bleiben, dort bekamen sie ein furchtbares Decembergewitter und blieben ohne Obdach, wenn nicht die Anwohner, namentlich der Wirth des Hotels Pharoux, ihnen zu Hülfe gekommen wäre. Nach elf Tagen dieses traurigen Aufenthalts wurden die meisten von ihnen auf einem brasilianischen Kriegsschiffe nach dem Südprovinzen gebracht, und ich erfuhr nichts mehr von ihnen.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# OS EMIGRANTES DO "ERIDANO" 1846[1]

Mais uma vez ouviremos dos lábios do Dr. Robert Avé-Lallemant a história de uma viagem e do que aconteceu há cem anos atrás. Acompanhado de um spahi como servo e de um guia que mudava continuamente e que também cuidava dos animais de carga, bem armado com espingardas, pistolas e facões nosso doutor achava-se em viagem de Lages para Desterro. O planalto e a serra já haviam deixado para trás. "À direita e à esquerda já se notavam sinais de colonização. Casas formavam um ponto brilhante no crepúsculo; tínhamos chegado ao litoral de Santa Catarina onde modestos agricultores tinham-se reunido em pacífica Colônia". Nosso viajante havia chegado à Santa Isabel, de onde relata um interessante acontecimento:

"Em dezembro de 1846 chegaram no navio Eridano setenta ou oitenta emigrantes alemães ao Rio de Janeiro. Ninguém os havia abonado e ninguém sabia o que fazer com eles. Esperavam sós e abandonados, e teriam ficado sem teto sobre a cabeça não lhes tivesse emprestado o rancho onde se guarda lenha dos vapores que iam toda hora até Praia Grande (hoje Niterói).

Foi lá que os encontrei. Tristonhos, alguns doentes, fiz por eles o que pude. Tive até que auxiliar uma mulher que estava em dificuldades no meio da rua.

Mas o rancho estava sendo necessitado, e assim os emigrantes tiveram que ficar quarenta e oito horas ao relento, no largo do Paço, onde ainda lhes caiu em cima terrível trovoada de verão. Teriam ficado sem moradia, não fosse o dono do Hotel Pharoux e outros a lhes ajudar. Após

[1] Texto Bilíngüe de autoria do Pastor Max-Heinrich Flos. Trad. Dr. Ivo von Wangenheim. Extraído da publicação Unsere Väter - "Nossos Pais". Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. 1961.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ich ritt am 3. Juli (1858) den Rio-dos-Bugres hinab und gelangte zu einem wohlgezimmerten Hause, vor dem ein Mann stand. An denselben Mann hatte ich einen Brief vom Präsidenten der Provinz abzugeben, und trat ins Haus.

Da tanzten nach einem Leierkasten einige schlanke Bursche und Mädchen und alles war seelenvergnügt, just als ob's Kirchweih werden sollte. Der Hausbesitzer Scheid aus Rheinbayern vom Donnersberg her setzte sich zu mir und erzählte mir von der deutschen Kolonie Sta. Isabel, in deren Mitte ich mich befand, und kaum hatte er angefangen, mir von seinem Schicksal in Brasilien zu erzählen, als mir die Auswanderer vom Eridano aus dem Jahre 1846 wieder vor Augen traten. Scheid und seine Familie gehörten zu ihnen, ja er selbst war in jenem Holzschuppen krank gewesen und wahrscheinlich hatte ich ihn behandelt.

O trabalho na roça. Acervo A.H.J.F.S.

Und nun ward mir die Kolonie von Sta. Isabel doppelt interessant. Kaum konnte ich den nächsten Morgen abwarten, um Land und Leuten etwas


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

onze dias nesta triste situação a maioria foi levada às províncias do sul por um navio de guerra brasileiro. Nada mais soube deles.

A 3 de julho ( de 1858 ) desci o Rio dos Bugres a cavalo e cheguei a uma bonita casa defronte à qual um homem esperava por mim; eu tinha que entregar-lhe uma carta do presidente da Província, e assim entramos.

Lá dentro encontrei muita alegria e um grupo de rapazes e moças dançando ao som de um realejo como se fosse quermesse. O dono da casa, o Sr. Scheidt, do Donnersberg em Rheinbayern sentou-se comigo e descreveu-me a Colônia de Santa Isabel, na qual eu me achava. Nem bem tinha ele começado a contar, quando me lembrei dos emigrantes do Eridano em 1846. Scheidt e sua família pertenciam àqueles infelizes, ele mesmo havia estado doente e provavelmente tinha sido tratado por mim.

Assim, esta colônia tinha para mim um duplo interesse. Esperei impaciente o dia seguinte para olhar mais de perto os habitantes e a terra.

Estes emigrantes haviam sido levados à Santa Catarina em princípios de 1847, onde havia-se fundado uma colônia às margens do Rio dos Bugres, denominado Santa Isabel em honra à princesa. Tudo fora bem. Venceram as primeiras dificuldades numa terra estranha com cuja agricultura não estavam familiarizados, sem muito custo, e estavam agora felizes e bem de vida. Scheidt até ficou bastante rico. Possui trezentos hectares de terra, 19 mulas, muito gado leiteiro, uma nova residência ainda incompleta onde vai instalar seu moinho. Ao seu redor crescem seis crianças fortes, dos quais os filhos mais velhos são lhe de grande auxílio. Também sua idosa mãe vive com ele; uma senhora de setenta e nove anos de uma resistência incrível, trabalha no campo na mais alta ladeira e no sábados dança com suas netas fortes tão bem a valsa como se estivesse há sessenta anos no Donnersberg. Assim, o Senhor Deus ajudou, em nem bem onze anos, a crescer e prosperar materialmente o mesmo grupo de homens que eu havia visto na maior miséria, no Rio em 1846.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ins Gesicht zu schauen.

Die Auswanderer vom Eridano waren nach Sta. Catharina gebracht worden im Anfang des Jahres 1847, wo man oben am Rio-dos-Bugres die Gründung einer nach der jungen Prinzessin Donna Isabel genannte Kolonie angelegt hatte. Allen war es gut gegangen. Sie überwanden die ersten Schwierigkeiten, die ihnen im fremden Land und bei dessen fremdartigen Ackerbau in den Weg traten, ohne grosse Mühe, und leben nun seitdem dort als glückliche, wohlhabende Menschen. Scheid ist sogar ein sehr wohlhabender Mann geworden. Er besitzt 1200 Morgen Landes, 19 Maulesel, viel Milchkühe, dazu ein noch nicht fertiges Wohnhaus, wohin er jetzt auch seine Mühle verlegt. Um ihn gedeihen sechs gesunde, derbe Kinder, von denen die ältesten Söhne die mannhaften Stützen des Vaters sind. Auch seine alte Mutter von neunundsiebzig Jahren lebt bei ihm, eine Frau von einer wirklich unbegreiflichen Rüstigkeit; sie arbeitet im Felde auf den höchsten Abhängen, und am Sonnabend tanzt sie mit den derben Erkelinnen ihren Walzer so gründlich, als wäre sie noch vor sechszig Jahren am Donnersberg. So hat denn in kaum elf Jahren der gnädige Gott hier eine Schar von Menschen zu Gedeihen und materiellem Wohlstand gebracht, die ich im Jahre 1846 in Rio de Janeiro nur mit der tiefsten Wehmuth anschauen konnte.

Am folgenden Morgen machte ich mit Scheid einen Spazierrit. Das Thal am Rio-dos-Bugres hat schöne, wilde Reize. Hoch heraus ragen die Höhen um den brausenden Waldbach, an dem zu beiden Seiten die einzelnen Kolonien sich gegen die Höhen aufwärts hinstrecken. Noch bieten sie das Bild des eben begonnenen Anbaues. Noch liegen die halbverkohlten Waldbäume umher, denn ein Decenniun macht sie nicht verfaulen, noch sieht man Felsblöcke und Wurzelstümpfe nur erst halb beiseite geschafft, noch ist das Bild kein reines, gefälliges nach europäischer Ansicht: aber ein urkräftiges, derbes, gedeihliches für den, der deutschen Kampf gegen brasilianischen Urwald kennt...


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na manhã seguinte fiz com Scheidt um passeio a cavalo. O vale do Rio dos Bugres é duma beleza selvagem. Os cumes se elevam altos sobre a corrente espumante; nas ladeiras a colônia se estende em direção ao alto. Ainda apresenta o quadro de colonização recente. Em toda parte se vê troncos carbonizados que os anos não fizeram apodrecer, pedras e raízes estão espalhadas pelas plantações, o aspecto geral ainda não é limpo e agradável do ponto de vista europeu. Mas é um quadro que bem demonstra a força e tenacidade do alemão em luta contra os elementos adversos na selva brasileira, até alcançar a merecida prosperidade. Recordei-me logo dos valentes São Leopoldinos nas perdidas picadas do sertão; em Santa Isabel vi os companheiros de lutas dos riograndenses, e vi amadurecer os mesmos frutos de luta tenaz que no Rio dos Sinos.

Visitamos diversos colonos. Todos tinham felizes rostos dominicais. Não encontrei um que não se achava perfeitamente satisfeito na terra distante. E a quantidade de crianças! De onde será que vem tanta criança! São uma turma alegre e querida, e dá gosto ver aos domingos, quando as mães lavam os rostinhos dos garotos e com algum custo conseguem fazer duas tranças no cabelo das meninas rebeldes. Apesar disto senti uma pontada de melancolia. A eminente princesa Isabel não sabe que na colônia batizada com o nome dela no Rio dos Bugres não existe professor que lhes possa ensinar a palavra de Deus, ou a ler, escrever e contar. Nem mesmo um sacerdote que lhes ministre cultos aos domingos, há. Ninguém ainda se interessou, se não este obstáculo já teria sido vencido. Tenho certeza, contudo, de que as crianças não ficarão mais muito tempo sem professor.

Até já foram construídas duas pequenas e simples capelas; falta apenas um pastor estacionário. O número de habitantes deve oscilar entre 5 e 600 almas – formam 71 famílias, que são em partes mais ou menos iguais católicas e protestantes. O número não é muito grande, mas há necessidade de um pastor na colônia distante. O Governo, agora bem


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Wir sprachen bei verschiedenen Kolonisten vor. Alle hatten sie fröhliche Sonntagsgesichter; nicht einen einzigen traf ich, der sich nicht vollkommen zufrieden gefühlt hätte in dem fremden Lande. Dazu wimmelte es überall von Kindern. Wo nur all die Kinder herkommen? So liebes kleines Lumpenpack ist es, und sieht gar gut aus am Sonntagmorgen, wenn die Mutter den Jungens die Gesichter gewaschen und den kleinen Mädchen das Haar in zwei kleine Schwänzchen freilich mit einiger Mühe und Gewalt hinten am Kopfe zusammengeholt hat. Und doch kam mir ein wehmüthiger Gedanke beim Anblick der lieben kleinen Fratzen. Die erhabene Kronprinzessin Donna Isabel weiss nämlich nicht, dass in der fernen, nach ihr gennanten deutschen Colonie am Rio-dos-Bugres die Kinder keinen Schullehrer haben, von dem sie Gottes Wort, Lesen, Schreiben und Rechnen lernen könnten, und auch keinen Geistlichen in der Nähe, der Sonntags Gottesdienst hielte...

Eine kleine, sehr einfache Kapelle, ja sogar ihrer zwei sind auch schon gebaut, es fehlt nur noch ein stationärer Seelsorger. Die Zahl der Einwohner mag sich auf 5-600 Seelen belaufen; sie bilden 71 Familien, die in ziemlich gleichen Theilen evangelisch und katholisch sind. Allerdings ist die Zahl nicht gross, aber an Geistliche muss in dieser fernen Kolonie gedacht werden...

Gar vielfach ergötzte ich mich an dem deutschen Landleben am Rio-dos-Bugres! Was doch eine gute deutsche Faust thut! Wie lange mag es her sein, dass in diesen Bergschluchten noch kannibalische Botokuden hausten? Jetzt ist nur der Name derselben am Fluss hängen geblieben! Wie lange ist es her, dass jene deutschen Anbauer arme, hülflose und heimatlose Menschen waren? Jetzt sind sie wohlhabende, wohnhafte und erbgesessene Familie geworden, dieselben Menschen, die in ihrer rheinbairischen Armuth ihr ganzes Leben hingesklavt haben würden! So wächst das von der Mutterpflanze im Sturm losgerissene Samenkorn, nachdem es weit umhergeworfen ist, auf fremden Boden unter einem mildern Klima fröhlich auf und bildet neue, herrliche Saaten".


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

intencionado na regularização das colônias, não ficaria atrás com alguma proposta interessante se alguém lhe fizesse esta sugestão. Disto tenho bastantes provas.

Família de colonos. - Acervo A.H.J.F.S

Muito me deleitei com a vida campestre alemã no Rio dos Bugres. O que pode um firme pulso alemão! Quanto tempo fará que nestes desfiladeiros ainda habitavam os botocudos canibais? Agora apenas seu nome resta preso ao rio. Quanto tempo fará que estes colonos eram homens desamparados, pobres e sem pátria? Agora estas mesmas famílias que teriam escravizado na pobreza de Rheinbayern o resto da vida, têm abastança e liberdade. Assim, a semente arrancada pela tempestade da árvore materna, produz, depois de muito jogada pelo mundo, novas e miraculosas colheitas em terras estranhas de clima ameno.

Minha presença na colônia naturalmente chamou muita atenção. Poucos sabiam o meu nome, e a maioria não compreendia o que eu queria lá e como chegara a ir lá. O que eu queria em primeiro lugar é cuidar dos emigrados, fazer todo o possível por eles, ajudando-os e aconselhando-



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Soweit der Bericht unseres Dr. Avé-Lallemant, dem wir noch einige Zeilen über die weitere Entwicklung am Bugerbach beifügen. Hermann Stoer, vor zwei Jahrzehnten dortiger Gemeindepfarrer, schreibt in seiner Chronik: „Santa Isabel, heute eine kleine, aus nur wenigen Häusern bestehende Freguezia (Marktflecken), bildete einst das Eingangstor für die Besiedlung des Hinterlandes im Südwesten des Staates Santa Catharina. Dadurch hatte Santa Isabel einst vor sechs Jahrzehnten die Bedeutung eines lebenswichtigen wirtschaftlichen Stützpunktes, zumal es an dem alten Lagesweg lag, der als einziger Verbindungsweg zwischen dem Hochlande und der Künstengegend bestand. Als in den 90er Jahren des vorigen Jahrhunderts die neue „Lagesstrasse" weiter suedlich gebaut wurde, wurde Santa Isabel von dem Verkehr abgeschnitten und der Freguezia die Möglichkeit einer Weiterentwicklung genommen. Seit dieser Zeit führt die Kolonie Santa Isabel an dem plätschernden Bugerbach ein stilles, von der Aussenwelt abgeschnittenes, traumhaftes Dasein. An der schmalen Talstrasse, die von hohen Palmen und dichten Hecken eingesäumt wird, liegen die Ländereien nur deutschstämmiger Kolonisten. In grösseren Abständen lugen ihre niedrigen einfachen Behausungen aus dichten Orangenhainen hervor. Selten verrirrt sich heute ein Fremder in das stille Tal. Friedlich hört man das Rauschen der beiden Mahlmühlen (der Familien Scheidt) des Tales, die das einzige Echo von dem Dasein schaffender Menschen wiedergeben. An Eingang des Isabel-Tales liegen sich schiedlich friedlich die beiden Gotteshäuser der evangelischen und katholischen Bewohner gegenüber. Erheben die Glöcklein ihre zarten Stimmen, dann kann man auf dem sonst verlassenen Talweg viele Bewohner beisammen sehen".

fl.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os. Existia uma tenacidade incrível nestes homens aparentemente pobres e impotentes, da qual o jovem estado imperial ganhava força e potência, aumentando incalculavelmente o seu progresso.

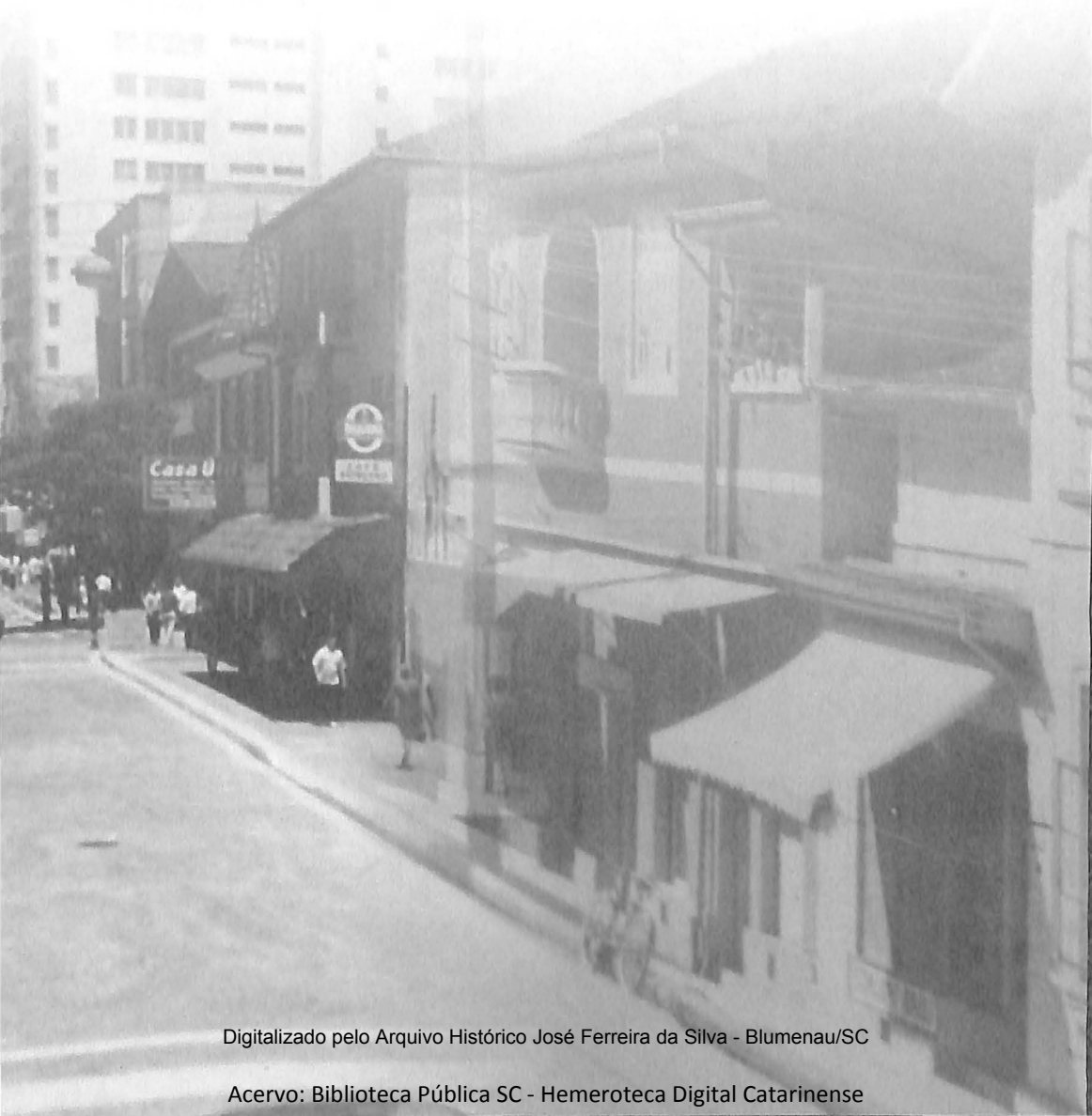
Gostaria de poder ficar todo o domingo com os colonos do Rio dos Bugres. Mas meu tempo era escasso, e quando me separei de Santa Isabel foi com devoção na alma. Agora eu sabia o que havia acontecido aos emigrantes do Eridano, e outros semelhantes, que haviam chegado pela mesma época e na mesma miséria".

Isto quanto ao relato do Dr. Avé-Lallemant, ao qual ainda acrescentaremos algumas linhas sobre o desenvolvimento posterior de Santa Isabel. Hermann Stoer, outrora pastor em Santa Isabel, escreveu na sua Crônica da Comunidade de Santa Isabel, a mais velha colônia evangélica em Sta. Catarina – o seguinte: "Santa Isabel, hoje uma pequena freguesia, já foi há tempos idos a porta de entrada para a colonização de todo hinterland e sudoeste de Santa Catarina. Há sessenta anos teve a importância de um ponto vital da economia da região, ainda mais que ficava na passagem única que ligava Lages e o planalto à costa. Quando por 1890 foi construída a nova estrada de Lages mais ao sul, Santa Isabel ficou isolada do trânsito e a freguesia perdeu as possibilidades de progresso. Desde esta época leva uma existência sonhadora, pacata e isolada nas margens murmurejantes do Rio dos Bugres. A beira da estrada, ladeada por altas palmeiras e cercas-vivas, se estendem as terras dos colonizadores de origem alemã. Suas casas simples espiam em maiores intervalos por entre o verde dos laranjais espessos. É raro que um estranho se perca neste vale sossegado. Os dois moinhos da família Scheidt sussurram como único ruído no vale que dantes ressoava ao som dos homens que lutavam pela existência. Na entrada do vale as duas casas de Deus, católica e protestante, se defrontam pacificamente, e quando aos domingos os sinos do campanário elevam suas vozes suaves e argênteas, pode-se ver muitas pessoas caminhando pela trilha abandonada".


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Perdi meu melhor amigo da minha
**ADOLESCÊNCIA**




Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# PERDI MEU MELHOR AMIGO DA MINHA ADOLESCÊNCIA

José Gonçalves[1]

Meu pai não resistiu à pertinaz enfermidade de que fora acometido meses antes e assim, no dia nove de janeiro de 1935, ou seja, nove dias após eu haver completado meus quatorze anos, faleceu. Foi sepultado no cemitério de Rodeio, cujo túmulo, passados já mais de setenta anos, ainda visito e o conservo em bom estado. Infelizmente, assim, papai não pôde colocar em execução seus planos quanto aos meus estudos, pois era seu desejo mudar-se para Blumenau, onde todos os filhos e filhas iriam trabalhar, enquanto que eu, que tanto desejava continuar meus estudos, faria os testes necessários para ingressar no Ginásio Santo Antônio. Tudo estava planejado por meu pai, mas o destino mudou seus planos. E assim, em lugar de prosseguir meus estudos, ao irmos morar em Blumenau, tratei de obter emprego para auxiliar minha mãe nas despesas caseiras, uma vez que meu irmão Júlio permaneceu no Ilse, trabalhando na casa comercial de Franz Deeker, e o outro irmão, o Felício, que havia se transformado em artífice da tesoura, foi trabalhar como cabeleireiro e barbeiro em Brusque.

Chegados a Blumenau, fomos morar inicialmente no bairro Bom Retiro, junto com um primo nosso, de nome Teodoro de Oliveira, que possuía uma casa bem espaçosa e foi fácil acolher a todos nós. Ele era filho de minha tia Damásia, irmã de minha mãe. Logo nos dias seguintes à nossa nova morada, eu e minhas irmãs Virgínia e Jordínia tratamos de procurar serviço para auxiliar na manutenção de nossa sobrevivência. Jordínia logo empregou-se na Cia. Hering e passou a trabalhar na secção de fiação. Virginia, que já possuía bons conhecimentos de costura, aceitou

[1] Escritor – Ex diretor da revista Blumenau em Cadernos – Ex Diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau".


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o convite de uma amiga que fora sua colega, na adolescência e que residia em Joinville, onde possuía um atelier de costura. Transferiu-se, assim, para aquela cidade, enquanto que eu e minha mãe e irmãs Jordínia e Arnolda, esta ainda bem jovem, permanecemos em Blumenau. Poucos dias depois, consegui meu primeiro emprego a titulo de experiência, na Fábrica de Artefatos de Madeira, de Leonard Schlossmacher e que ficava localizada nos fundos da hoje Casa Flamingo. Naquela fábrica, trabalhei durante três meses, após o que tive que me afastar do emprego, pois o pó emanado da madeira – peroba – que era utilizada no fabrico dos artefatos como farinheiras e outros mais, estava a me fazer muito mal à saúde. Um primo meu, irmão de Teodoro, de nome Antônio, que era tipógrafo e trabalhava na Empresa Gráfica Nietzche e Hoepcke, conseguiu um lugar de trabalho para mim naquela empresa. Assim, desliguei-me da fábrica de Artefatos de Madeira e ingressei naquela firma.

Logo nos primeiros dias de trabalho, me mandaram ao fotógrafo para fazer fotos destinadas à minha primeira carteira profissional. Meu desempenho na firma era no setor de limpeza das salas da gráfica e da litografia, recolhendo os papéis inutilizados, conduzindo-os a um grande depósito. E, duas vezes por semana, eu desempenhava a missão de fazer entregas, ao longo da Rua Quinze de Novembro, de numerosos pacotes de encomendas que as firmas faziam à gráfica. Assim, nos dias de entrega, eu colocava todos os pacotes dentro de uma carrocinha de quatro rodas, que eu puxava por cambão e saía para cumprir a minha missão.

## COMO ERA BLUMENAU NAQUELA ÉPOCA

Desde a primeira entrega que fiz eu procurei me identificar com todo o aspecto da cidade, ao longo da Rua Quinze.

Assim, saía da gráfica, localizada às margens da Rua Alwin


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Schrader e atingia esta ao longo de uma caminhada de uns cem metros. Na Alwim Schrader, divisava, ao meu lado direito, a Fábrica de Artefatos de Cimento, de Werner Garni que, anos mais tarde, no meu retorno de Joinville, tornou-se um dos mais queridos amigos que tive e do qual guardo saudosa memória. Logo adiante, entrava na Travessa Ceará, visualizando, à minha esquerda, a residência de outro grande amigo, o saudoso Erich Kielwagen que, no térreo de sua casa, possuía a mais conceituada ferraria de Blumenau. Erich era um valoroso artífice, uma figura humana e fraterna como poucos existem neste mundo. Somente anos mais tarde é que vim a conhecer e estimar muito o Erich, ao qual eu visitava com freqüência.

Vista da Rua XV de Novembro - década de 40. Acervo A.H.J.F.S.

Continuando na minha caminhada, puxando a carrocinha, eu entrava na Alameda Duque de Caxias. Na esquina da mesma, à minha direita, existe ainda hoje o prédio que, naquela época, era um hotel e se denominava ao que parece de Hotel Brasil. Hoje o prédio está pintado de vermelho e serve a diversos escritórios comerciais e de representações. Ao


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

longo dos 72 anos que nos separam daquela época, o hotel passou a denominar-se de Hotel Ruehle. Logo após o hotel, passava-se em frente a uma residência e, logo em seguida, em frente ao prédio em que funcionava a primeira casa de cultura de Blumenau, o Teatro Frohsinn que, mais tarde, transformou-se na Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes. Voltando ao hotel da esquina, via-se bem em frente ao mesmo, do outro lado da Alameda Duque de Caxias, e à minha esquerda, um castelinho, bonita casa que, mais tarde, foi residência da filha do ex-prefeito Frederico Guilherme Busch Jr., de nome Leda. Ao lado do castelinho, via-se duas casas, construídas de tijolos visíveis, tipo em Enxaimel e que até os dias de hoje lá estão e abrigam o Museu da Família Colonial. Ao lado dessas duas casas, encontrava-se um casarão que era ocupado pelo Partido Integralista Brasileiro, liderado por Plínio Salgado, partido este que se assemelhava, principalmente nos gestos de saudação, ao Partido Nazista, já que os integralistas se saudavam também com o braço estendido, pronunciando a palavra "Anauê". Ao lado do casarão achava-se outro, no qual funcionava a Deutsche Schule – Escola Alemã – que mais tarde transformou-se no Colégio D. Pedro II, localizado no alto da Rua Mal. Floriano Peixoto. Ao lado daquele prédio achava-se a casa comercial do Sr. Max Puetter. Em frente à mesma casa, do outro lado da avenida, portanto na minha direita, encontrava-se a casa comercial dos Irmãos Koffke, Carlos e Alberto, e que ficava na esquina com a Rua Quinze. Nessas casas comerciais citadas eu fazia entrega de encomendas. Finalmente eu chegava à Rua Quinze de Novembro, vendo à minha frente a fachada da sede social do Clube Náutico América e o belo jardim que ornamentava o acesso ao clube. Continuando então pela Rua Quinze, ia chegando à Praça Hercílio Luz, em cujo início existia um posto de gasolina, localizado onde hoje vemos o monumento aos Voluntários da Pátria. Em frente ao posto, do outro lado da Rua Quinze, esquina com a Alameda Duque de Caxias, existia uma casa baixa, em cujo térreo achava-se instalado o Serviço de Navegação Fluvial


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que atendia aos despachos e vendas de passagens e de tudo o que era embarcado no vapor Blumenau I e nas lanchas que o mesmo rebocava, ida e volta, a Itajaí. No centro da praça encontrava-se um belo coreto, em cujo andar superior colocava-se nos fins de semana a Banda Municipal e outras bandas que visitavam Blumenau para realizar as apreciadas retretas com a presença, sempre, de numeroso público. Em frente à praça, como ainda acontece hoje, achava-se o antigo prédio da Prefeitura Municipal, que, ao longo dos anos, foi recebendo reformas. Caminhando um pouco mais e puxando o carrinho com os impressos, eu chegava à ponte sobre o Ribeirão Garcia, a qual era construída de ferro e bem mais estreita do que a de hoje. Ao atravessar a ponte, eu deparava com o prédio do majestoso Hotel Holetz, o mais badalado na época pela sua beleza arquitetônica em estilo enxaimel e pelo luxo que ostentava. Hoje, naquele local, acha-se o edifício do Grande Hotel Blumenau. No outro lado, ou seja, ao meu lado direito em direção à barranca do rio, pois não havia ainda nenhuma avenida, havia uma casa térrea bem espaçosa, na qual se achava uma churrascaria e restaurante. Em frente à mesma, ou seja, no local em que hoje se encontra a Agência do Banespa, havia um posto de gasolina. Mais adiante, pela direita, havia duas residências e, finalmente, o Restaurante Socher. Pela esquerda, à entrada da Alameda Rio Branco, achava-se o prédio da Casa Kieckbusch, uma casa comercial que marcou época e ajudou a fazer a história de Blumenau. Ao lado daquela casa, havia uma casa bem extensa, na qual funcionava a Torrefação e Moagem de Café Kersanack. Nos fundos desta, funcionava a Fábrica de Artefatos de Madeira de Leonard Schlossmacher. Logo após a Casa Kersanack via-se uma casa com uma loja de calçados denominada de Lorgus ou Sauer. E então vinha o Valadão, por onde passavam as águas do Ribeirão Bom Retiro. Para ligar a Rua Quinze de Novembro naquele local, havia uma ponte de madeira bem larga. Ao passar com a carrocinha pela ponte e chegar na cabeceira, olhando para o lado esquerdo, avistava-se a casa que era ocupada pela Relojoaria Catarinense.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ao lado da mesma, uma residência e logo após achava-se o complexo comercial do Sr. Alfred Freschl – que era representante e distribuidor dos veículos da Ford americana e, por isso, mais conhecido como a Casa do Americano. A construção ocupava quase um quarteirão e, nos fundos, atingia os limites da atual Rua Sete de Setembro. Depois da Casa do Americano vinha uma residência e logo após uma casa em que estava instalada a Livraria Starke, uma das que mais encomendas recebia nas minhas entregas. Antes da casa Starke havia ainda outra construção, em cujo térreo, mais tarde, e que ficou muito popular, o Café Pingüim. Retornando à saída da ponte de madeira, olhando para o lado direito, havia duas residências, após o que se achava uma construção que abrigava um hotel cujo nome, me parece, era Hotel Cruzeiro. Após este, lembro-me da Sorveteria Selecta, de Pedro Santana, que possuía nos fundos uma varanda muito aprazível para se receber a brisa que vinha do vale ocupado pelo Rio - Itajaí Açu, um local muito agradável para passar alguns momentos de lazer e saborear um petisco ou um sorvete. Logo após a sorveteria, encontrava-se a Fiambreria Selecta, de Fritz Koehler. Logo em seguida vinha a Drogaria e Farmácia Catarinense. Em frente à sorveteria de Santana, pela mão esquerda, achava-se o castelinho da Casa Peiter. Ao lado desta, uma residência e, logo após, uma loja de calçados denominada de Casa Favorita. Ao lado desta, pouco mais tarde foi instalada a Farmácia Glória. Logo após encontrava-se um restaurante popular e, a seguir, o prédio no qual se achava o tradicional Hotel Pauli que ocupava cerca de quarenta metros de frente para a Rua Quinze e, nos fundos, seu terreno ia até os limites da, hoje, Rua Sete de Setembro. Havia naquele quarteirão pertencente ao Hotel Pauli a área agora ocupada pelo Hotel Rex e nesta área toda uma vasta pastagem, na qual eram colocados os animais de tração, pertencentes aos carroceiros que se hospedavam no hotel, trazendo como carga variedades de cereais para vender no comércio de Blumenau. O casarão do Hotel Pauli era um dos mais importantes referenciais para quem visitava


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau naquele tempo. Do outro lado da Rua Marechal Floriano Peixoto – cuja rua, naquela época, era mais conhecida como Rua Bom Retiro – achava-se instalado um prédio que abrigava uma companhia de seguros – Mutua Catarinense de Seguros. Em seguida, era encontrada a Casa das Louças, de Kleine e Metzger. Em frente ao Hotel Pauli, do outro lado da Rua Quinze, pela nossa direita, achava-se uma casa sobradinho, no mesmo local em que se encontra hoje o prédio da ACIB. Ali, no térreo, existia um bar e petisqueira muito freqüentados por boêmios da música e pessoas ligadas à imprensa local. Logo após, ainda pela direita, havia um belo prédio de dois pavimentos, no qual se instalou o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina – INCO. Ao lado deste, havia uma residência e, logo após, achava-se a famosa Casa Sul Americana, de João Manoel de Borba – Joca Borba para os amigos. Essa casa era muito chic e possuía artigos finos para abastecer a alta sociedade blumenauense e da região. Ao lado desta, havia outra residência e logo após um belo prédio todo revestido de um material escuro brilhante, tornando-se muito belo. Nele estava instalada a Cia. de Seguros Livonius. Pela mão esquerda da rua, após a Casa das Louças, nossa lembrança pelas entregas de impressos, chega até a Casa Comercial de Rodolfo Kander e, na seqüência, havia um prédio de dois pavimentos, no qual funcionava um hotel. Trata-se do Delphi Hotel, de propriedade do Sr. Erwin Belz, progenitor do conhecido e conceituado médico blumenauense Walmor Belz. Embora não tenha nascido naquela casa, Walmor viveu sua infância e adolescência na mesma. Mais tarde, enquanto estudava, Walmor praticou futebol, tornando-se um dos mais aplaudidos e eficientes atacantes da equipe titular do Grêmio Esportivo Olímpico. O Delphi Hotel era, na época, um dos mais conceituados estabelecimentos, possuindo excelente restaurante, o qual era muito freqüentado e preferido pela sociedade blumenauense. Em frente ao Delphi Hotel, lado direito da Rua Quinze quando eu passava por ali com a carrocinha, fazendo as entregas dos impressos, avistava a Farmácia Orion. Logo depois da farmácia, via-se um


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pequeno prédio com paredes de cor azulada, no qual se achava instalada a agência da Cia. Telefônica Catarinense, gerenciada pelo Sr. Cabral – mais conhecido na cidade por "Cabralzinho", certamente devido à sua baixa estatura. A gerência interna da Telefônica estava a cargo da Sra. Teóphila Tomazelli.

Rua XV de Novembro, década de 40 - Acervo A.H.J.F.S.

Retornando ao Delphi Hotel e visualizando o que havia pelo meu lado esquerdo, avistava uma casa que ainda hoje existe e que foi ocupada há anos atrás pela firma Brandes & Reinert. Logo após ali estava, e ainda hoje se encontra, a admiradíssima Casa Husadel com sua arquitetura original bem cuidada. Logo após chegávamos ao prédio da Tipografia e Livraria Blumenauense, que hoje se acha restaurado em todo o estado original. Ao lado subindo ainda pela mão esquerda, encontrava-se a belíssima residência do Sr. Roberto Grossembacher, sendo um de seus filhos o nosso prezado amigo advogado Edí Grossembacher que, acredito, deve ter nascido e vivido ali sua infância e adolescência. O prédio



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

citado era construído no estilo "enxaimel" e artisticamente ornamentado e enriquecia o agradável visual da Rua Quinze. Ao lado desta casa vinha outra comercial conceituada – a Casa Borba – de Domingos Manoel de Borba - que oferecia tecidos e confecções da mais alta costura e bom gosto. Ainda nos dias de hoje encontramos, em plena atividade, essa tradicional casa comercial, administrada pelos descendentes de Domingos Borba, de saudosa memória.

Logo após esta, lembro de uma casa na qual foi instalada a Cooperativa Financeira do Vale do Itajaí, ou Caixa Agrícola do Vale do Itajaí. Na seqüência, vinha a escadaria que conduzia à frente da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo na sua bela e original arquitetura e que mais tarde foi demolida, dando lugar à atual construção. Do outro lado da Rua Quinze, pela nossa direita, havia uma ou duas casas residenciais e depois surgia uma das mais populares e muito freqüentadas casas pela sociedade blumenauense, principalmente pela juventude. Trata-se da Confeitaria Toenjes, com seus apreciados quitutes, confeitaria e café, além de sorveteria e também com uma aprazível varanda nos fundos, com vistas para o rio. Ao lado desta, via-se o prédio ocupado pela Livraria Carl Wahle, de elevado conceito e que também possuía uma tipografia localizada no porão. Na seqüência vinha um largo que era ocupado por carros, carroças e animais de montaria pertencentes aos que freqüentavam um dos hotéis mais populares da época – o Hotel São José, do Sr. Michels. Naquele estabelecimento fiz algumas entregas e tive a oportunidade de conhecer um jovem que ali trabalhava e era estudante no Ginásio Santo Antônio. Trata-se do então jovem Antônio Reinert, o único da família Reinert residente na localidade de Diamante e que eu ainda não conhecia. Ele era irmão de meu cunhado Gercino, casado com minha irmã Maria. Mais tarde, Antônio casou com Estefânia – Fani para os familiares – filha do Sr. Michels, de cujo consórcio nasceu-lhes um filho e uma filha, esta se casando mais tarde com o oficial do Exército Walmore Siqueira, o qual, ao atingir o posto de


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Tte. Coronel, foi comandante do Vigésimo Terceiro Batalhão de Infantaria de Blumenau. É filho deste consórcio o Dr. Walmore Siqueira, médico cardiologista e geriatra. Antônio Reinert desempenhou, ao longo de sua vida, várias atividades, inclusive sociais junto ao Teatro Carlos Gomes e foi figura grandemente estimada e admirada pela sua beleza de alma, dotada de muito amor fraterno. O Hotel São José quase sempre estava lotado de hóspedes, atraídos, especialmente pelo tratamento fidalgo com que eram recebidos os que ali chegavam.

Bem à frente do Hotel São José, portanto, do outro lado da rua, se via um belo sobrado, no qual operava o Banco Nacional do Comércio. Na seqüência, ao lado do Hotel São José, existia uma construção de médio porte, na qual teve início a atividade comercial da Casa Moellmann. E, na seqüência desta, duas residências localizadas num plano um pouco superior, sendo que na terceira casa, na mesma altura de um extenso terreno elevado, se achava a casa, na qual operava a Tipografia e Gráfica Baumgarten, editora do primeiro jornal de Blumenau em idioma alemão, o "Blumenauer Zeitung" – Jornal de Blumenau, - cujo proprietário era o Sr. Julio Baumgarten, avô de Elimar Baumgarten, figura que deixou em nosso meio, na atualidade, saudosa e eterna memória. Elimar foi um verdadeiro símbolo no exemplo de amor fraterno que nos legou. Do outro lado da Rua Quinze, à minha esquerda, subindo, avistava-se uma bela residência que, pela sua arquitetura, se destacava das demais. Era, mesmo, um belo sobrado. Ao lado, um vasto terreno baldio, sobre o qual, mais tarde, foi construído o belo edifício da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

Depois da casa do Sr. Júlio Baumgarten, havia outra residência e logo após surgia um belo prédio de dois pavimentos do Hotel Elite, que foi muito badalado na época de sua vigência. Hospedava altas autoridades do país que nos visitavam. Ao lado do hotel havia uma casa comercial denominada de Casa Rádio Pilot e Móveis cujo gerente era o Sr. Feigel, o qual conheci mais tarde como sócio e diretor do Kennel Club de Santa



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Catarina. A minha memória sobre a Rua Quinze se aproxima de uma casa que abrigava naquele tempo um atelier fotográfico que pertencia ao Sr. Alfredo Baumgarten, o qual era um apaixonado por cinema e, assim, produziu numerosos filmes de dezesseis milímetros enfocando tudo o que de valor histórico acontecia em diversas regiões de Blumenau e do nosso Estado. Eram acontecimentos sociais, culturais e econômicos do Vale do Itajaí, assegurando, com isso a memória valiosa da história. Alguns desses filmes ainda são encontrados, hoje, no Arquivo Histórico "Prof. J.F. da Silva". Mais ou menos à frente do atelier, no outro lado da rua, existia um hotel, numa casa de dois pavimentos, cujo nome talvez fosse Hotel Central. Logo após o hotel, encontrava-se o Bar, Café e Lanchonete Benthien, muito popular durante dezenas de anos, conduzido pelo proprietário e, na seqüência, por seus filhos. Mais adiante, chegando-se ao final da Rua Quinze, destacava-se o grande complexo comercial da filial da firma Carl Hoepcke S/A, Indústria, Comércio e Navegação e que ocupava todo um quarteirão com cerca de quarenta metros de frente, da Rua Quinze e estendendo-se aos fundos até onde hoje encontramos a Rua Getúlio Vargas. E, ainda, pela nossa direita, entrando-se pela Rua Dr. Amadeu da Luz, encontrava-se um grande prédio térreo que abrigava uma oficina mecânica da firma, já que o Hoepcke era representante e distribuidor da Chevrolet americana. Na esquina da Rua Dr. Amadeu da Luz, lado direito, encontrava-se a casa comercial do Sr. Hermann Ruediger, progenitor de Ramiro Ruediger, de saudosa memória, que conheci quando ainda adolescente, com poucos anos menos do que eu. Ramiro fazia entregas de mercadorias aos fregueses do armazém de seu pai. Como os caros amigos blumenauenses não ignoram, Ramiro Ruediger foi uma das figuras que mais serviços prestaram a Blumenau, desde antes de ser eleito vice-prefeito a meu convite, pois eu era assessor de gabinete do prefeito Evilázio Vieira, o saudoso Lazinho e, na ocasião, precisávamos de um candidato a vice-prefeito que fosse bastante conhecido e estimado pelos blumenauenses.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Como Lazinho sabia que eu era muito amigo de Ramiro, me solicitou que fosse convencer Ramiro a aceitar a candidatura que ele já havia recusado a diversos solicitantes amigos seus. Fui à casa de Ramiro e, numa longa entrevista de bons amigos, acabei levando comigo a ficha devidamente preenchida para inscrevê-lo no MDB, Movimento Democrático Brasileiro. Assim, alem de já haver prestado assinalados serviços na área do esporte a Blumenau, Ramiro, eleito vice-prefeito ao lado do Dr. Renato Vianna, sobressaiu-se no conceito comunitário blumenauense com um trabalho redobrado em diversos setores da vida pública e esportiva de Blumenau. As homenagens de saudades que Ramiro Ruediger tem recebido do poder público e do povo blumenauense são mais que merecidas.

Final da Rua XV de Novembro. Fundos: Grupo Escolar Luiz Delfino e Estação Ferroviária E.F.S.C. Acervo A.H.J.F.S.

Do lado direito da Rua Quinze, em frente ao prédio da firma Hoepcke, achava-se uma pequena casa que era a emergente Casa Willly



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sievert, que se tornou, mais tarde, uma das mais conceituadas casas comerciais da cidade.

Estávamos então no final da Rua Quinze de Novembro. Via-se à direita, a ainda hoje existente Praça Victor Konder, sendo que, ao lado desta, no local em que encontramos hoje o edifício do antigo Fórum, existia o prédio majestoso do Grupo Escolar Luiz Delfino, o qual ocupava toda aquela área, até marginar a continuação da Rua Quinze de Novembro e do Ribeirão da Velha. Era um estabelecimento estudantil de respeitável conceito e, naquela época, era administrado pelo professor Orestes Guimarães. Após a Praça Victor Konder, em direção às margens do rio Itajaí, achava-se a estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, terminal da ferrovia que conduzia até o primeiro planalto, ou seja, Rio do Sul. O prédio era belo, construído em estilo enxaimel. Nas proximidades, ou seja, local em que hoje vemos o prédio da Delegacia de Polícia, achava-se o viradouro das locomotivas e para outras manobras, assim como um longo prédio de um pavimento, no qual era encontrado o armazém da Cooperativa dos Ferroviários. Na barranca do rio, achava-se uma vagonete sobre trilhos que era descida e elevada, levando e trazendo cargas e encomendas trazidas e levadas pelas barcaças rebocadas pelo Vapor Blumenau para Itajaí. A vagonete era descida e içada pela ação de um cabo de aço puxado por motor elétrico. Eis aí, amigo leitor, um pouco do que a minha memória de meus 88 anos guardou da década de 1930|1940, épocas de saudosa lembrança.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# História de vida

# LAURO WERNER

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# ENTREVISTAS

Esta entrevista foi realizada no dia 30 de outubro de 2007 com o senhor Lauro Werner, residente no Distrito do Garcia - bairro Progresso. Neste depoimento, o mesmo relata suas vivências como trabalhador da Fábrica de Artefatos Têxtil Artex S.A. As atividades deste operário foram iniciadas na década dos anos 50, após passar pelas etapas de aprendiz, desde varredor, tosqueador, e assim, sucessivamente, chegou a trabalhar na "sala secreta", um local que exigia confiança e sigilo do funcionário. Atualmente, longe dos teares e outros maquinários desta engrenagem fabril, já aposentado, contando com 66 anos de idade, o Sr. Lauro Werner relembra esta trajetória ao conceder uma entrevista para a formanda Mirela Adriana Nolasco do curso de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

**M. A. N.** - O senhor pode lembrar um pouco da sua infância, quando começou ajudar os seus pais em casa?

**L. W.** - A gente trabalhava na roça, né. Trabalhei na roça até os dezesseis anos, depois vim trabalhar na Artex. Só que os meus pais ainda ficaram morando na roça. Daí, vim pagar bóia na casa da minha tia ali no Zendron. Éramos em 14 irmãos.

**M. A. N.** - O nome dos seus pais?

**L. W.** - Alberto Werner e Leonidia Werner. Eu era o irmão do meio

**M. A. N.** - O senhor já conhecia a empresa Artex há muito tempo?

**L. W.** - Não, eu só fui conhecer aos dezesseis anos, quando eu vim pra fazer a ficha, pra trabalhar. Daí a minha mãe me trouxe. Porque o meu pai queria que eu ficasse na roça pra ajudar, e a minha


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mãe não, ela era querida, ela queria uma coisa melhor pra nós. Um futuro melhor pros filhos. Já tinha um irmão meu aqui, daí ela queria ir trazendo os outros irmãos também. Pra fábrica, pra sair da roça. Porque a gente não tinha futuro lá.

**M. A. N.** - O senhor já tinha alguém conhecido na fábrica?

**L. W.** - Tinha meu irmão já, e tinha meu tio, o Emil Theis, que gerenciava o RH, junto com o Célio Ponte, não sei se você conhece?

**M. A. N.** - O senhor acha que ter conhecidos lá dentro ajudou o ingresso do senhor na fábrica?

**L. W.** - Só consegui porque já tinha meu irmão, já tinha um começo, né. Porque pelo meu irmão eles já basearam o resto da família. Então, aos poucos, os outros meus irmãos também vieram, porque a gente deu uma demonstração de trabalho, de amor pelo trabalho, de vontade de fazer as coisas. Então aquilo ali é analisado. A diretoria analisava. Por exemplo, você entrava numa fábrica, você era o espelho, através de você podia entrar a família toda. Era peneirado, eles puxavam informação sobre o que você era. Faziam uma entrevista. "Olha, você tem seu irmão trabalhando aqui, o seu irmão é muito bom, por isso que a gente colocou você, a gente espera que você seja como ele pra que você seja um de nós, e assim você seus outros irmãos podem vir trabalhar aqui". Assim era com o pai! Se o pai entrava na fábrica, se fosse um bom funcionário, toda aquela família ia entrar na fábrica. Se o pai entrasse ali e fizesse qualquer coisa de ruim, que não fosse de agrado, já não entrava mais ninguém.

**M. A. N.** - Eles elogiavam muito a conduta do trabalhador?

**L. W.** - Do trabalhador, do amor que o trabalhador tinha por aquele


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

serviço, de fazer as coisas certas, e a gente era cobrado! Tinha muita cobrança. Naquele tempo, quando era proibido fumar no banheiro, então se você ia no banheiro, já o médico, o encarregado botava uma corda e ficava vendo se tinha alguém fumando, e se sentia algum cheiro, ficava ali até a pessoa sair e daí ia pro RH. A gente tinha uma sala, tinha um fumeiro, uma cadeira. Então quando a pessoa queria, depois de algum tempo de trabalho ir fumar, como eu era o encarregado, ela vinha e falava comigo: "Sr. Lauro, eu vou dar uma fumadinha. O Sr. tem alguém pra colocar lá?" "Não, espera um pouco até eu arrumar uma pessoa." Quando eu arrumava uma pessoa, dizia: "Olha! Agora eu consegui uma pessoa, então você vai lá e dá uma fumadinha." Mas ficava perto de mim, então ele ia lá, fumava o cigarrinho dele e voltava.

**M. A. N.** - O tempo era algo muito importante para a empresa?

**L. W.** - O tempo era importante, o tempo era produção. Não dava pra desperdiçar, e se a gente ia no banheiro, tinha que já ir bem rápido. Havia o falecido sr. Alberto, um alemão, mas, assim de coração ele era bom, só ele era muito ríspido. Então ele ia no banheiro, daí ele batia nas portas pra ver se tinha alguém conversando. Batia nas portas e botava o braço bem baixinho, na saída. Daí a gente via e tinha que passar por cima do braço dele. Então ele nos chamava de pneu de lambreta. Ele falava: "Oh! seus pneus de lambreta, vão trabalhar, seus malandros!

[ risada]

**M. A. N.** - O senhor entrou bem jovem, com dezesseis anos?


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

**L. W. -** É daí a gente tinha medo de perder o emprego, então a gente pouco ia no banheiro, só ia mesmo bem rapidinho, já voltava pro serviço para não ficar com a ficha ruim. Porque era assim: A firma Artex era uma firma muito boa! Muito boa pra ajudar os funcionários. Hoje, graças a Deus, o que eu tenho, tenho que agradecer. Quando eu passo ali, me lembro onde comecei, onde saí, fiquei feliz porque eu fiz a minha vida ali. Depois, com o tempo, todos meus irmãos vieram, daí também a minha falecida mãe e o meu pai também vieram.

**M. A. N. -** Isso foi gradativo, primeiro os filhos, depois a mãe e o pai também.

**L. W. -** Depois era assim: a gente veio pra cá pobre, então a gente trabalhou mais dois anos só pela comida. Depois, eu fiquei "rico", daí comprei uma bicicleta. Ah! Eu comprei uma bicicleta, eu era o bom da boca lá! Era uma bicicleta bonita! Daí a situação melhorou, então eu ia para Gaspar, eu morava ali onde é a Patrulha Rodoviária, em Poço Grande, ali tinha um engenho de cachaça. Lá a gente fazia a cachaça, era uma vida pesada, sabe. Chegava à fábrica, a gente trabalhava até meio-dia, dava uma descansadinha, pegava a bicicleta e colocava pela garupa. Então, quando não chovia, a gente ia com a bicicleta até Gaspar, e quando chovia, a gente levava a bicicleta nas costas. Era só a condução que a gente tinha.

**M. A. N. -** Quanto tempo o senhor trabalhou na empresa Artex?

**L. W. -** Acho que foi uns... 26, 27 anos. Porque eu trabalhei um pouco mais até que o necessário, porque a minha mulher também tava se aposentando. Então eu tava esperando ela pra gente sair juntos.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

**M. A. N.** - Ah! Vocês se conheceram na fábrica?

**L. W.** - Ela trabalhava na empresa Garcia e eu trabalhava na Artex. Naquele tempo eram duas, mas depois se uniram e fizeram uma só.

**M. A. N.** - Seu Lauro, quando o senhor trabalhava, entrou jovem, lá o senhor observava que havia vários setores na fábrica, e o jovem já percebia que isso podia ajudar muito a vida dele e da família?

**L. W.** - Não, naquele tempo quando a gente entrou ali tinha poucos setores, era pequeninha, e depois então foi aumentando. O que a gente tinha? A gente tinha, naquele pé de figueira, a tecelagem, encima era a costura. Hoje, aqui encima, onde eles fecharam ali no portão na entrada, e tinha um ranchinho onde a Loja Zadrosny botava sempre uma geladeirinha pra vender. Depois, então, começou a crescer. Acompanhei tudo.

**M. A. N.** - E quando começou a crescer, em que setor o senhor trabalhava?

**L. W.** - Na sala secreta.

**M. A. N.** - O que era a sala secreta?

**L. W.** - Era uma tecelagem pequena, para onde o falecido Arno Zadrozny trazia da Alemanha uma amostra da toalha, e a gente fazia a toalha, e a Alemanha comprava. Ela só dava a amostra, mas a toalha ela comprava. Não dependia de ninguém. Então o que era? Era uma toalha normal, depois você fazia uma barrinha lisa, fazia uma barra do tamanho da largura da toalha, era tudo à mão, então a gente fazia a espula, naquela espula tinha um


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tear que fazia, por exemplo, 40 a 50 cores. Então você fazia três batidas de tear, quatro batidas de tear, e a lançadeira passava pra lá e pra cá, você contava as cores. Quatro batidas na cor vermelha, três batidas na rosa, cinco batidas na branca. Tinha um carretel de papel, aquilo a gente ia torcendo e unindo as folhas e as pontinhas de batida. Eu trabalhei dois anos, das seis da noite às seis da manhã, sozinho, fazendo essas amostras. Depois eu fiquei muito cansativo. Daí então o Dr. Caetano me tirou e passou pra de dia, colocou-me na grade de produção. Então a gente trabalhou muito tempo naquela sala secreta, não entrava ninguém, entrávamos só nós e o falecido Arno Zadrozny que ia buscar as amostras. Eram escolhidas pessoas de confiança, pessoas que não comentavam nada do que se passava lá dentro. A sala secreta. A gente entrava, fechava a porta, ficava lá dentro, trabalhava a noite toda. O pessoal da manhã vinha, entrava, fechava, só entrava o diretor e nós. Depois fui encarregado da sala de pano, daí fiz mais de 15 anos, mais de 20 pessoas.

**M. A. N.** - E na tosqueadeira, que idade o senhor tinha quando começou a trabalhar?

**L. W.** - Uns 27 anos. Foi nesse setor que aconteceu o acidente comigo.

**L. W.** - A gente tinha uma tosqueadeira bem antiga, uma tosqueadeira bem lerda, aquilo rodava bem lentamente. Bem antiga, então até ali não tinha problema. Depois, como aumentou a produção da fábrica e aumentou a venda, eles tiveram que comprar na Alemanha uma super tosqueadeira, rápida, pra aumentar o serviço. Só que as mesmas barras, toalhas que nós tínhamos antes na tosqueadeira lerda, continuaram na rápida. E aí, pra



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

eles não gastar muito fio pra fazer uma barra maior, a gente passava no ponto lento, e sempre passando a mão por cima da faca, pra que não cortasse essa barra, não despencar. Só que encima tinha um aspirador que puxava aquele pó da felpa, né. Trabalhava uma faca fixa e trabalhava um rolo encima. Dava mais de mil e oitocentas voltas por segundo, você nem via aquilo ali. No que você passava a mão, aquele ar puxando, acontecia que, num fechar e abrir de olho, você tava sem a mão.

**M. A. N.** - E esse perigo, o senhor sabia que existia?

**L. W.** - Sabia, a gente sabia que existia o perigo, a gente falava pra eles: "Ó gente! Vamos fazer aquelas barras maiores, que pode dar acidente!". "Não, sai muito caro, muito gasto de fio, vocês têm que faze devagar, tem que cuidar!" Mas, por mais que a gente cuidava, um dia ou outro, meio que despercebido, o menos que levantasse o dedo, já a faca de cima pegava. Eu perdi esse dedo de manhã. Um senhor que morava ali no Santos Dumont, perdeu toda mão. O Sr. Pedro Paulo, que morava na Rua da Glória, também perdeu o dedo. Sei que nós, todos perdemos, até que o seguro começou a apertar eles, então tiveram que gastar dinheiro pra fazer a escala maior, que desse tempo de fazer a faca subir e descer. Aí acabou, primeiro aconteceu um monte de acidentes pra depois ser resolvido, só por causa da ganância, de não gastar um pouco mais de fio, investir um pouco mais naquela barra, que desse tempo, porque a faca levantava, e nesse meio tempo que a faca levantava, a costura passava, aí você já baixava pra tosqueadeira. Naquela máquina lerda dava tempo de sobra, mas na rápida já não dava mais tempo. Então a mudança de máquina é que causou o acidente. A gente não


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tava ainda bem preparado, gente saiu de uma máquina antiga, lerda e pegou uma máquina super moderna, sem preparação.

**M. A. N.** - As pessoas vinham falar sobre prevenção de acidentes? Eles falavam sobre isso na época? Pra vocês se cuidarem contra os acidentes? Distribuíam folhetos? Havia palestras?

**L. W.** - Não, não, naquele tempo não havia, naquele tempo era produzir, produzir!

**M. A. N.** - Roupa de proteção?

**L. W.** - Isso eu acho que nem tinha na época. A gente tinha um aspirador de pó, volta e meia a gente quase ficava agarrado. Dava aquele choque, que jogava a gente contra a parede! "Olha gente! Quase fiquei agarrado hoje aí!" "Ah! a gente vai mandar consertar!".

**M. A. N.** - Esse aspirador de pó era para quê?

**L. W.** - Era pra soprar, tirar pó da roupa e da própria máquina.

**M. A. N.** - Mas, a segurança do trabalho?

**L. W.** - Nada, nada. Eram uns anos muito ruins para o funcionário, anos de ditadura. O trabalhador vivia com medo, ele não ia muito atrás do direito dele, tinha medo.

**M. A. N.** - E a política havia na empresa?

Tinha os partidos, se você não fosse do partido do patrão, se o patrão descobrisse, você tava na rua, você não podia falar nada contra o partido do patrão, era tudo: Sim, senhor! Eu me lembro que levaram o partido do Castelo Branco, lá dentro. Ai se fizesse alguma coisa contra! Tempo das eleições quando os


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

patrões se metiam em política era ruim. Inclusive fui chamado duas vezes! Na diretoria, duas vezes fui chamado. Tinha um e que hoje é lá do Distrito. Ele foi vereador várias vezes! No tempo que ele trabalhava, ele não deixava de ser vereador. Porque ele era vadio e ficava escondido atrás do patrão. Ele se criou, depois que saiu da fábrica. Teve a intenção de olhar pela fábrica e chorava e dizia que nós não tinha votado nele, mas nós não votava nele, porque ele era só a favor do patrão.

**M. A. N.** - E o sindicato, seu Lauro, existia?

**L. W.** - Muito pouco. A presença do sindicato era a presença da fábrica, né. Era a voz do patrão, o que o patrão dizia, Hoje ainda há alguns presidentes do sindicato, lá no bairro da Glória, têm que fazer o que o patrão mandar. Porque o patrão é que botava eles lá! Eles eram mandados pelo patrão: "... então, você vai ser o presidente do sindicato". E você era, então você tinha que ficar do lado deles.

**M. A. N.** - E vocês estavam cientes disso tudo?

**L. W.** - Não, não, mesmo eu sendo encarregado eu via que os meus funcionários que trabalhavam comigo estavam desgostosos com o candidato do patrão, eu não ia contra eles, eu sempre tive do lado deles.

**M. A. N.** - Mas, abertamente o senhor falava?

**L. W.** - Não, só entre nós, quando vinha esses grandões, a gente aí tava do lado do patrão. Mas, eu tive uma convivência muito boa, tive 22 funcionários por mais de 15 anos. Eu me lembro, uma vez, que eu tive um funcionário, o Ceará. Daí a gente trabalhava


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tudo no carrinho, era tudo puxado no carrinho. Existia aquele carrinho pra tinturaria, eu levava pra costura, pra tingir, tudo no carrinho, tudo puxado. E esse rapaz era um dos puxadores meus. Mas eu sempre ajudei, eu era encarregado, mas eu também ajudava, eu trabalhava que nem eles. Eles sabiam tudo dentro do setor que nem eu sabia. Quando eu saía, nunca deixei de dizer pra eles aonde eu ia. Eu avisava um por um: "Eu tô indo em tal lugar e daqui a pouco tô voltando. Eu vou voltar daqui uma hora ou duas". Eles sabiam o que eu sabia, se eu ia numa reunião eu passava tudo pra eles. Dava um erro, eu era chamado. Sempre na boa vizinhança!

**M. A. N.** - Nesse setor de que o senhor cuidava, teve algum acidente de trabalho que o senhor presenciou?

**L. W.** - Não. Daí então eles compraram empilhadeiras, pra não carregar mais com carrinho. Daí o Bolberini que era meu chefe, disse: "Lauro! Escolhe dois motoristas, que vai vir empilhadeira, e leva eles pro centro de treinamento. Eles vão ficar uma semana lá praticando na empilhadeira pra trabalhar!" Daí eu disse tá. Falei pro Ceará, ele tinha 28 irmãos, era de uma família muito pobre. Daí chamei ele: "Tens carteira de motorista?" Tenho. "Sabes dirigir?" "Sei". "Vou mudar a tua situação". "Aí, que bom, seu Lauro! Puxa, que bom!" "Você vai dirigir uma empilhadeira, estás de acordo?" "To". Daí as empilhadeiras chegaram. Ele começou às cinco horas da manhã, uma maravilha, dirigindo bem, carregando a empilhadeira, descarregando e tal. Daí o seu Nelson Moser, que era o nosso mestre, e o Bolberini chegaram. Quando eles entraram na porta, ele ficou nervoso, sabe. Daí ele veio e bateu com aquela empilhadeira na coluna da sala e aquilo estremeceu tudo. Daí, eles me chamaram: "Leva ele lá


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pro RH e manda embora já". Eles eram sim! Eles davam uma chance, se você não aproveitava, perdia tudo. Eu disse: "Olha, o negócio é o seguinte: O rapaz tava trabalhando bem até agora, to acompanhando ele, não tem problema, só o que aconteceu é que ele ficou nervoso, quando vocês entraram, por isso que aconteceu isso aí." "Não, não, isso nós não podemos tolerar, daqui a pouco vai derrubar o prédio todo". Eu disse: "Não, não, vamos dar mais uma chance!" "Olha a chance que nós vamos dar vai ficar nas tuas costas, o que acontecer com ele você é que vai responder, não ele! Estais de acordo?" "Tô". Deixei irem embora, chamei ele, e disse: "Olha, eles querem te mandar embora!" "Não, não, seu Lauro". "Olha! Capricha, de agora pra frente eu sou o responsável, não é mais você. Capricha". E ele continuou trabalhando, se aposentou, era o melhor empilhador! Quando ele me encontra, diz: "Ó pai, como o pai tá?" Daí eu era assim, graças a Deus nunca precisei mandar uma pessoa embora, convencia as pessoas a fazerem a coisa certa, chamava a pessoa, conversava. Todos se aposentaram, e hoje graças a Deus., todos que eu encontro são como irmãos pra mim. Então eu me sinto bem, me sinto feliz. O negócio é conversar, não adianta, hoje nós estamos aqui, amanhã não tamos mais, então vamos fazer as coisas certas, vamos nos unir, se tem um problema aí vamos resolver entre nós. Porque eu acho, assim: Se você já tem isso pra fazer, você já não tem mais cabeça pra outro tititi, cada um tem seu setor, nada de ficar jogando nas costas de ninguém. Então a gente assumia e era cobrado, e funcionava.

**M. A. N.** - E quando o senhor sofreu o acidente? O senhor teve atendimento pronto, na hora, já levaram o senhor, pra onde?


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

**L. W.** - Assim que aconteceu o acidente, eles mesmos, a Artex, já com o carro da firma, me puseram direto pro hospital Santa Isabel. Porque aquilo lá é um tipo de uma faca, que fica grosso, aqui, então isso não cortou reto, isso cortou em rosca, ficou só uma ponta do dedo. E daí no Santa Isabel, um médico muito legal, nem me lembro mais hoje o nome dele, não sei se foi o Dr. Luiz Carlos, acho que até foi, se eu não me engano. Ele pegou um serrote, colocou encima de um pau e eu fiquei olhando e ele cortando, ele disse: "Olha pro lado". E eu disse: "Não, não, não tem problema" E eu durão e ele cortando. Daí ele cortou tudo certinho, deu uns pontos, e eu fiquei uns 20 dias em casa. Depois voltei pro hospital e tirou os pontos e comecei a fazer mais duas semanas de parafina.

**M. A. N.** - O que era é isso?

**L. W.** - Parafina. Eles colocavam um tacho fervendo, com parafina, é um negócio tipo de um sabão, assim era a parafina. Daí eles colocavam um tacho, aquilo fervia, então eles esperavam um pouco, e quando desse pra você meter os dedos, tinha que colocar a mão lá.

**M. A. N.** - Era um tratamento?

**L. W.** - Tratamento, aquilo ficava grosso de parafina, aí você botava a mão várias vezes, ali dentro, deixava esfriar um pouco, ia lá e colocava a mão de novo. Era dolorido, muito doído!

**M. A. N.** - Mesmo depois que fizeram os pontos e os tiraram estava bem sensível?

**L. W.** - Muito sensível. Eu acredito que aquela parafina, isso é pra não


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ficar dores, porque hoje eu não sinto nada, talvez eu sinto mais esses outros dedos do que esse. Isso amorteceu, aquela parafina quente, aquela fervura, aquilo deve ter amortecido isso aqui tudo.

**M. A. N.** - Seu Lauro, quando o Senhor sofreu o acidente foi para o hospital. Consegue lembrar o que sentiu naquele momento? Porque é algo que foi embora, que perdeu.

**L. W.** - Olha, se eu dizer pra você, eu... [pensativo] aquilo parece que foi uma coisa que veio e foi embora. Eu não botei nada na cabeça daquilo, nada, eu só fiquei na esperança de ficar bom pra voltar a trabalhar.Tinha de ficar bom pra voltar a trabalhar. Mas que eu ia ter problemas com os dedos, nunca tive preocupação.

**M. A. N.** - O senhor não ficou preocupado?

**L. W.** - Não, a mulher que chorava preocupada.... eu tinha perdido os dedos, e eu nunca me preocupei...

**M. A. N.** - O senhor não achou que isso podia atrapalhar e prejudicar?

**L. W.** - Não, nunca, e graças a Deus isso ficou na minha cabeça e não me prejudicou. Voltei animado, voltei contente de novo! Voltei na mesma função, eles foram muito legais comigo, deram apoio em tudo o que precisou.

**M. A. N.** - O senhor recebeu alguma uma indenização? Quando o senhor recebeu esse dinheiro, acha que isso pagou o que perdeu?

**L. W.** - Não, não, isso não vai pagar nunca, porque o que você perde no seu corpo não tem dinheiro que pague. Não. Porque é assim: eu nunca me preocupei com isso aí, mas fez falta! Eu não botei na


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cabeça que isso ia ser problema pra mim. Se eu tivesse botado na cabeça, talvez tinha dado problema. Eu botei na cabeça que eu ia ficar bom e ia voltar a trabalhar.

**M. A. N.** - Mas, depois com a maturidade, mais tarde o senhor percebeu que perdeu algo?

**L. W.** - Eu perdi... Tudo o que você perde, talvez, se você tem a cabeça boa, você não vai sentir no momento, mas mais tarde com o decorrer do tempo, você vai ver que faltou aquilo ali...

**M. A. N.** - E esse processo de readaptação, o senhor teve que voltar ao trabalho e começar a mexer nas máquinas, o senhor achava que seus dedos já estavam preparados para isso?

**L. W.** - Sim, quando eu voltei a trabalhar, eu já voltei bom, voltei preparado pra trabalhar, porque esse tratamento da parafina já era o final do tratamento.

**M. A. N.** - Quanto tempo ficou afastado? Alguns meses?

**L. W.** - Um mês. Já sarei, eu tinha muita saúde, sabe? Um sangue muito bom, isso não deu problema nenhum, foi um trabalho muito bom do médico, com os pontos certos. Depois tirou os pontos, já encaminhou para a parafina, e lá eu fazia primeiro o trabalho de fisioterapia com bolinhas, bastante tempo com bolinhas. Depois das bolinhas, eu ia na parafina e depois voltava da parafina e bolinhas de novo.

**M. A. N.** - O senhor estranhou um pouco a mão do senhor, depois?

**L. W.** - Estranhei, falta né? A mão direita, onde pega tudo, mas eu já sempre pensei que, tudo o que faz é a cabeça da gente. Talvez se


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tivesse colocado na cabeça, que eu teria problema, não ia mais poder trabalhar, aí ia ter um monte de problema. Mas, como eu botei na cabeça que eu ia ficar bom, já ia voltar a trabalhar... Conhecia o trabalho, já era profissional naquilo ali!

**M. A. N.** - Em nenhum momento essa empresa tentou dizer que o senhor teve culpa do acidente?

**L. W.** - Não, não, eles assumiram. Mesmo tava sendo avisado há muito tempo, e não era o primeiro, já tinha outros na frente. E depois do meu, aconteceram outros acidentes, até que eles botaram na cabeça que tinham que resolver aquilo ali.

**M. A. N.** - E na vida pessoal, o acidente não provocou nenhuma mudança?

**L. W.** - Não, eu sempre fui muito amigo do pessoal, tanto lá como aqui. Até aqui a gente trata um ao outro como irmão da gente, acho que a melhor vivência no trabalho da gente é a amizade. Acho que a coisa mais ruim é você ter uma pessoa que não gosta de você.

**M. A. N.** - Seu Lauro, o senhor ficou um pouco mais cuidadoso?

**L. W.** - Sim, daí pra frente, mesmo tendo aquele problema, fazia tudo mesmo com a maior calma, maior paciência, pra que não acontecesse nada. Daí a gente ficou de olho aberto, porque antes a gente achava que era um problema, mas não dava importância. Mas depois que você sofre, você pensa: "Poxa vida! Se eu tivesse cuidado, não tinha acontecido". A gente cuidou mais. E os outros que ainda estavam com aquilo na cabeça, com aquela fantasia, de que não aconteceria, mas foi acontecendo.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Até ali perto no Santos Dumont, morava um deles. Ele até já faleceu, perdeu todos os dedos

**M. A. N.** - Ele voltou ao trabalho?

**L. W.** - Ele voltou ao trabalho, daí ele não gostou da indenização, entrou com um processo, tiraram ele daquela função, encostaram como quem não serve mais. E até que ele fez um acordo com o seguro. Você que trabalhasse numa fábrica, naquele tempo, tinha que erguer a cabeça e aceitar as coisas numa boa, porque se quisesse dar uma de teimoso, só se prejudicava, porque não tinha lei pra te proteger, como tem hoje!

**M. A. N.** - Naquele tempo era só seguradora, e este seguro era descontado do salário de vocês?

**L. W.** - Sim, sim.

**M. A. N.** - E a CIPA, o senhor lembra da CIPA? A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes?

**L. W.** - É aí começou a melhorar. A gente tinha mais reuniões, tinha que evitar os acidentes. Tinha lá na Artex um centro de treinamento muito bom, as pessoas, quando elas, por exemplo, estavam precisando de uma revisora, procuravam a pessoa, encaminhavam a pessoa pro centro de treinamento, com a máquina de revisão. Essa pessoa ficava 15 dias revisando, quando chegava na minha mão, já era profissional. Assim era o tecelão. Ficava lá mais de um mês, quando ela vinha pra tecelagem, não estragava as máquinas. Quem era mecânico da Artex era nota dez, eles eram muito aperfeiçoados, muito treinamento e muito profissionalismo.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

**M. A. N.** - O senhor acha que todos aceitaram bem a CIPA? E as roupas de proteção e as palestras?

**L. W.** - Sim, no início foi meio difícil, porque as pessoas não aceitam logo no início, acham que não precisam disso, "eu já sei trabalhar, eu sei fazer aquilo". Mas quem já tinha sofrido um acidente, via que aquilo ali não era bobagem. Era um assunto sério. Como hoje, há máscara, luvas, roupa preparada, só não usa se não quiser, mas está tudo na mão. Hoje quem precisa tem. Porque a pessoa trabalha com tinta, pode perder uma vista, ali no cloro, tudo é perigoso, tem quatro metros de lama lá dentro, tem muitos micróbios ali dentro.[1]

**M. A. N.** - Interessante. O senhor falou que a cabeça do trabalhador é que determinava o futuro dele depois de um acidente. Se ele era determinado e não via aquilo como algo que prejudicava, ele tocava a vida adiante, agora se ele...

**L. W.** - Se ele acha que isso o prejudicou, que ele não foi indenizado como devia de ser, porque ele perdeu, ele começa a botar isso na cabeça e começa a criar problema pra ele mesmo.

**M. A. N.** - Mas, dependendo da fratura ou da lesão, alguns funcionários eram remanejados. O senhor viu isso acontecer?

**L. W.** - Não, a pessoa ficava lá até se curar, quando o médico dizia: "Você está em condições de trabalho". Tinha que trabalhar, tava liberado.

**M. A. N.** - Seu Lauro, em algum momento o senhor achou que sua vida

---

[1] O entrevistado neste momento está falando sobre as suas atuais funções no Museu da Água.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pudesse seguir um outro rumo? Perspectivas de trabalho, promoções, se não tivesse acontecido o acidente?

**L. W. -** Não, nunca pensei nisso. Eu sempre olhei pra frente, olhei no meu trabalho que eu fazia, me baseava por aquilo que eu fazia, e eles olhavam o meu trabalho. Nunca pensei ser ganancioso, ou batalhar pra ganhar um cargo. Eu ganhei, mas pelos meus méritos, do meu trabalho, de varredor, carregador de espula, auxiliar de tecelão, tecelão, tosqueador, sala secreta, pois quem entrar sala secreta era um dom! Ganhava muito bem, era uma coisa boa mesmo! Depois que entrou a estamparia, a sala secreta morreu.

**M. A. N. -** Sr. Lauro, eu agradeço muito a atenção do senhor.

**L. W. -** Eu fico muito contente, espero que isso sirva também pra sua carreira, pro seu trabalho.

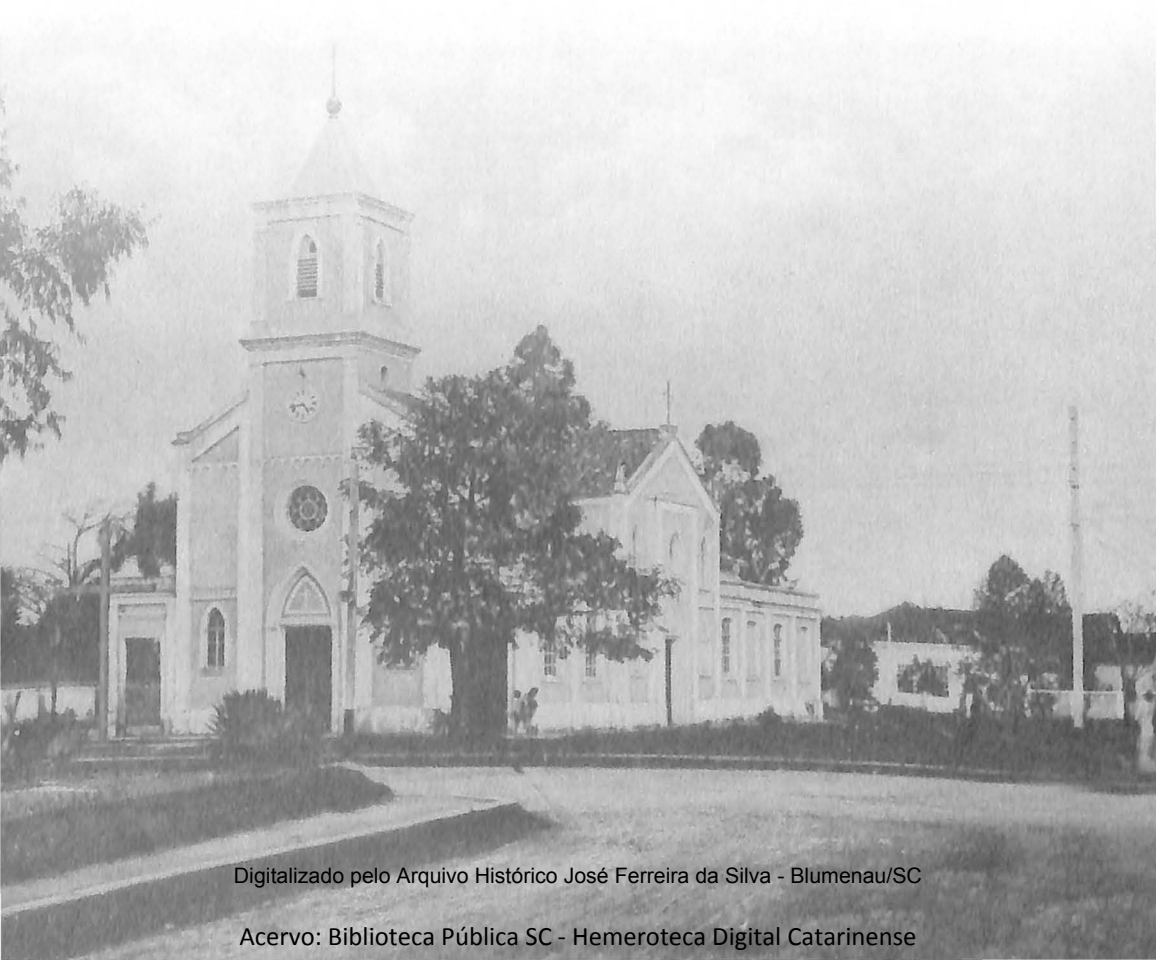
**M. A. N. -** Agradeço muito a atenção que o senhor está me dando, ter disponibilizado o tempo do seu trabalho, para estar me recebendo.Esta entrevista servirá para outros pesquisadores, para que possam conhecer a vida dos trabalhadores, entender o que o senhor sentia e sentiu na época em que trabalhava. Obrigada, Sr. Lauro!


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# Rebeldes católicos e o desaparecimento da Capela Sagrada Família da Fazendinha

# ITAJAÍ/1968



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Artigo

# REBELDES CATÓLICOS E O DESAPARECIMENTO DA CAPELA SAGRADA FAMÍLIA DA FAZENDINHA – ITAJAÍ/1968

Edison d´Ávila[1]

## INTRODUÇÃO

Afirmar que a Igreja Católica é uma instituição com força dominante na sociedade, não significa dizer que ela não se confronte com resistências e hostilidades também entre seus próprios fiéis. O desaparecimento da Capela Sagrada Família, da localidade Fazendinha, no bairro Fazenda, em Itajaí, é um destes casos de rebeldia leiga que se vai aqui estudar pelos elementos de antagonismo aberto a que chegou e para compreender o exercício sempre amplo da dominação da Igreja através de seus clérigos.

A sacralização do clero, implementada desde o século XI, pela qual os sacerdotes foram feitos "especialistas do sagrado e dispensadores exclusivos dos sacramentos necessários a toda vida cristã", liberou a Igreja do controle dos leigos, impedindo a intervenção destes nos negócios dela. O clero, então, justamente pelo caráter espiritual que passara a ter, assumiu uma posição dominante no universo religioso católico. Segundo Jerôme Baschet, "o governo do espírito sobre o corpo aparece como modelo da autoridade dos clérigos sobre os leigos".

---

[1] Historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de S.C.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## 1 AUTO-ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA DA FAZENDINHA E O SURGIMENTO DA CAPELA

O histórico da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, publicado em 2007, ao relatar a vida religiosa no bairro Fazenda, afirma que "o movimento religioso começou na Capela Sagrada Família, que ficava na Figueirinha". Fazendinha, Figueirinha ou Figueira são denominações de uma mesma região que é parte do bairro Fazenda, situada ao pé do Morro Cortado, no caminho para a Praia Brava e Balneário Camboriú. O nome Figueirinha começou a ser usado nos anos 60 por causa de uma frondosa árvore dessa espécie que havia à beira da estrada, bem no centro da localidade, e que foi derrubada quando se fez a duplicação da Rodovia Osvaldo Reis em 1994. Com o desaparecimento daquela árvore, tornou a localidade a ser chamada de Fazendinha.

A primazia da organização comunitária no bairro Fazenda coube à região da Fazendinha, pois até 1956, quando se fundou o "Fazenda Futebol Clube", depois substituído pela Sociedade Recreativa e Cultural da Fazenda, não houve movimento comunitário algum que promovesse a organização de moradores do bairro e lhes desse identidade própria.

A região da Fazendinha entrou no século XX como área pouco povoada, de algumas moradias espalhadas à beira da estrada e na pequena planície junto do morro, cortada por um dos córregos afluentes e formadores do Ribeirão Schneider. O povoamento começou a se adensar no final dos anos 1930 com a chegada de famílias luso-brasileiras e de origem italiana, vindas de Camboriú, Tijucas e Nova Trento. Esta migração deveu-se à expansão econômica de Itajaí, alavancada pelo comércio madeireiro do porto. Conta Agripino Marcos Teixeira que, ao se estabelecer ali em 1946 como primeiro comerciante, não havia energia elétrica, abastecimento de água, nem a estrada era pavimentada e que foi preciso que se organizassem


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os moradores para se ter tais benfeitorias. Todos esses serviços públicos paravam na ponte do Ribeirão Schneider, a cerca de um quilômetro, visto que o entendimento dos governos municipal e estadual parecia ser que o bairro Fazenda terminava naquele lugar. Dali para frente, não se dava atenção às necessidades dos moradores. As demandas existiam, mas para as ver atendidas, como justo direito, foi preciso que se organizasse a pequena comunidade. A auto-organização comunitária surgiu, talvez como herança trazida por aqueles antigos moradores de regiões coloniais, onde o trabalho comunitário era tradicional e praticado sob a forma de mutirões entre as famílias. Não resta dúvida que a Fazendinha passou a ter identidade por causa deste trabalho organizado de seus moradores e que produziu resultados. A luz elétrica chegou em 1951, depois que os moradores se organizaram em comissão, compraram os fios e doaram os postes. A água encanada se instalou logo a seguir e a pavimentação da estrada anos mais tarde.

Esta organização comunitária, encontrou-a o vigário de Itajaí, Padre Vendelino Hobold, quando pretendeu em 1954 construir uma capela no sul da cidade, que funcionasse também como um local de doutrina e visitas paroquiais. Sacerdote atilado e empreendedor, o pároco vinha implantando em toda extensão do Município capelas que funcionassem como centros de formação moral e religiosa de crianças, jovens e suas famílias. Para tanto, criara a "Congregação da Doutrina Cristã de Itajaí", dirigida por ele e pelas Irmãzinhas da Imaculada Conceição, do Colégio São José. Servindo-se da comunidade já organizada, ele propôs a construção de uma capela, cujas obras de pronto foram assumidas pela comissão de moradores integrada por Francisco Borinelli e os filhos Luiz e Honório Borinelli, Afonso Orsi, Donato Pereira, Manoel Marcos Teixeira e seu filho Agripino Marcos Teixeira, Domingos Leopoldino Pereira e José Caldas. Dentre estes fundadores, estava o pedreiro Honório Borinelli, conhecido


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do vigário, por ser o responsável pelas obras de alvenaria da nova Matriz de Itajaí e por ele contratado em 1949. O terreno da nova capela foi doado pelo casal Afonso e Elisa Gessele Orsi. Media 50 metros de frente por 50 metros de fundos e ficava sobre um outeiro, nos contrafortes de uma das derivações do Morro Cortado, na direção nordeste. Também coube ao casal a escolha do orago, a Sagrada Família.

A partir da tarefa assumida pela comunidade, aqueles moradores, todos católicos, passaram a trabalhar em regime de mutirão para edificar o templo; para eles lugar sagrado, de convivência solidária e essencial à prática da sua religião. As madeiras de linha da construção, isto é, barrotes, caibros e pés-direitos, foram retiradas das matas que circundavam a lagoa da Praia Brava e falquejadas a machado. As madeiras dos costados, assoalho e forro compraram-nas e as ganharam nas madeireiras da cidade. A construção toda media 10 metros de frente por 25 metros comprimento; incluída a sacristia que ficava na parte dos fundos da capela. Eles a pintaram de cor cinza claro e instalaram luz elétrica. O campanário ficava em apêndice lateral, à direita da capela, na parte de trás e o sino foi fabricado na Fundição Hoffmann, de Itajaí, com o metal de um sino quebrado, da Capela da Vila Operária, que o pedreiro Honório Borinelli ganhara do Padre Ludgero Waterkemper.

Enfim, a obra do trabalho comunitário de homens e mulheres resolutos e religiosos se ergueu sobranceira à vista de todos, moradores e viajantes, como testemunho de fé e organização comunitária daquele povo católico. No altar principal estavam as imagens da Sagrada Família, do Sagrado Coração de Jesus e do Senhor Bom Jesus de Iguape; em nichos laterais, ficavam as imagens de Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima. Em 19 de março de 1955, a Capela Sagrada Família foi inaugurada pelo vigário Padre Vendelino Hobold, durante missa solene matinal, seguida de festa popular que juntou gente de toda a redondeza e algumas autoridades


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

civis, dentre as quais o Prefeito Paulo Bauer, que doara a imagem da padroeira. Durante a missa, usou da palavra Rosa Irene Cordeiro, filha do carpinteiro Donato Pereira, que lendo um texto escrito pela professora Neoflides Vieira Wendhausen, afirmava: "Quem reza se salva, quem não reza se condena". A frase, como idéia central do discurso, expressava a explicação porque aqueles católicos aceitaram de tão bom grado a incumbência de às suas expensas edificar a capela; ou seja, manifestava o pensamento religioso deles, segundo a qual a capela era o lugar por excelência de suas orações e penhor seguro de salvação eterna; tornando-se também o centro social da localidade.

Ao redor da Capela Sagrada Família começou a girar grande parte da vida social da Fazendinha. As senhoras organizaram o Apostolado da Oração, cuja primeira presidente foi Alzira Oliveira Pereira, esposa de Donato Pereira. Eram elas também que conduziam as rezas do terço aos sábados à noite, à frente Domingas Borinelli, esposa de Francisco Borinelli, desfiando sua reza num português carregado ainda de sotaque trentino. Embora as missas só acontecessem uma vez ao mês, nas tardes de domingo havia sempre a doutrina para as crianças e jovens, sob a direção da Irmã Elisa Mazzei; conforme programa da "Congregação da Doutrina Cristã de Itajaí". Através destes encontros comunitários, das festas da Sagrada Família e do Senhor Bom Jesus de Iguape; além de obras de assistência social encetadas pela Igreja Católica, germinou a coesão social do grupo e se firmou a autoridade dos diretores da Capela, pois eram eles os responsáveis pela sua manutenção.

O empoderamento dos leigos não deixou de causar um primeiro conflito entre um daqueles diretores e a freira responsável pela catequese infanto-juvenil; o que a fez abandonar o trabalho catequético, dizendo nunca mais voltar ali. Pensou-se talvez à época que o incidente fosse localizado; quem sabe ele prenunciava já o posterior conflito entre


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a hierarquia da Igreja, senhora absoluta das decisões eclesiais, e leigos que manifestavam resistência a algumas dessas decisões.

## 2 CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DA FAZENDA E O CONFLITO: PÁROCO VERSUS LEIGOS NA FAZENDINHA

A cidade de Itajaí se expandia com o auge do ciclo da madeira e novas áreas precisavam ser incorporadas ao espaço urbano. Em 1959 os herdeiros da Chácara da Fazenda, Araci Müller Pereira, Breno Eugênio Müller e Roberto Eugênio Müller, vendo a oportunidade do comércio imobiliário, resolveram desmembrá-la, transformando-a no "Loteamento Muller". O terreno de 549.437, 922 metros quadrados era remanescente da antiga sesmaria concedida em 1793 pelo reino português ao Tenente Coronel Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho. Os limites da sesmaria iam da atual Avenida Joca Brandão ao Morro Cortado e na primeira elevação a partir da praia, à margem esquerda de caudaloso ribeirão, Leão Coutinho construiu a Casa Grande de frente para o mar. Trouxe a família, agregados e muita escravaria negra, implantando ali uma fazenda, de que se originou o nome do bairro. Já com área bastante diminuída pela venda de inúmeras parcelas do terreno, seus bisnetos Antônio e Pedro Lopes de Mello venderam em 1896 a fazenda ao Coronel Eugênio Luiz Müller. Ela teve vários administradores; o último dos quais foi Lauro Fernandes Pereira, razão pela qual a área também era conhecida como "pasto do Lauro".

O loteamento de 394 lotes, que praticamente duplicou a área do bairro Fazenda, reservou um espaço para uso público. A área destinada à praça pública hoje é ocupada pelo Grupo Escolar Guilhermina Büschele Mülller. Nesta praça seria construída uma capela, pois um grupo de moradores já vinha se reunindo para a reza do terço na sala maior da Casa Grande da Chácara. O vigário de Itajaí, no entanto, não gostou da


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

localização, por ser um baixio, distante da rua principal, e propôs aos loteadores a cessão de dois terrenos de frente para a Avenida 7 de Setembro, então denominada Avenida João Pessoa. Os proprietários concordaram. Nessa ocasião se demoliu a Casa Grande, sólida e histórica construção do século XVIII situada no local. Também o casal Júlio Oliveira e Maria de Lourdes Oliveira doou dois lotes contíguos àqueles outros e o mesmo fez Ana Santos com a doação do quinto lote, ampliando-se assim a área de terra para a futura capela.

O grupo de moradores interessado na organização religiosa fez a primeira reunião destinada à "marcação do terreno" e "construção de uma capela de material" no dia 16 de setembro de 1963, na residência de Gilberto Werner, então situada à Rua Florianópolis, 103. A comissão encarregada destes trabalhos ficou formada por Hélio Vieira, presidente; João Célio Mendonça, vice-presidente; João Marcelino, 1° secretário; Gilberto Werner, 2° secretário; Osmar Augusto da Silva, 1° tesoureiro e Bruno Fucks, 2° tesoureiro. Estes moradores eram quase todos membros da diretoria da S.R.C. da Fazenda. A organização da comunidade da Fazenda, que partira do campo esportivo e social, dava agora um passo para o campo religioso. Eles iam assim tomando consciência das possibilidades e ganhos da ação comunitária organizada.

Muitas discussões então foram feitas para escolha de um projeto arquitetônico para a futura capela, envolvendo os leigos da comissão e o vigário, sem que se chegasse a uma decisão. Os leigos desejavam buscar eles mesmos uma planta arquitetônica, mas o vigário obstava, pois queria ele fazer a escolha. O vigário, Padre Bertolino Schlickmann, como clérigo, qualificava-se para fazer a escolha. Enquanto isso, construiu-se um rancho de madeira no qual começaram as celebrações de missas e rezas do terço; e muitas festas para se angariar fundos destinados à futura construção. A participação dos fiéis se intensificava, mas a definição quanto ao feitio da


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

capela tardava. Em 3 de agosto de 1964, finalmente o vigário trouxe uma planta arquitetônica de São João Batista; a comissão, porém, não aceitou, tendo em vista os custos da construção e as suas modestas dimensões. Também neste mesmo ano, pela primeira vez, falou-se na padroeira da futura igreja: Nossa Senhora de Lourdes. A escolha não fora da comissão, nem do vigário, e sim do casal Júlio de Oliveira e Maria de Lourdes, doador dos primeiros lotes. Aliás, a escolha dos oragos, ou santos padroeiros das igrejas e capelas, quase sempre é feita pela comunidade e respeitada geralmente pelo clero. Ela é uma das poucas decisões no campo dos negócios da Igreja, em que leigos podem ter a palavra final, já que lhes cabe prover a manutenção dos templos e, respeitando-se sua escolha, estrategicamente assegura-se mais colaboração, cimentada pelos laços devocionais do povo com seus santos.

Os anos se passaram sem que a construção da "capela de material" fosse concretizada. Faltava dinamismo à comissão ou ela resistia em adotar um modelo de edificação que não lhe agradasse? É possível supor que os recursos arrecadados de fato fossem insuficientes, contudo, resta comprovado que não havia consenso entre os leigos e o vigário quanto ao projeto de construção. Havia um estranhamento entre eles.

Neste ínterim, Monsenhor Vendelino Hobold retornou à paróquia de Itajaí em 21 de fevereiro de 1965. Ele logo tomou providências para que houvesse a criação de novas paróquias na cidade, que crescia muito. Suas justificativas junto ao Arcebispo de Florianópolis foram aceitas e, em 1968, cinco novas paróquias foram criadas. Uma delas era a paróquia da Fazenda, cuja sede ficou sendo o galpão de madeira, agora transformado em Matriz da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. A escolha que preteriu a comunidade da Fazendinha, que já tinha igreja pronta, foi de Monsenhor Vendelino Hobold, sacerdote "pouco afeito a sugestões contrárias". De fato, a sede escolhida da nova paróquia era mais central, de fácil acesso e


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com melhores condições de implantação do complexo paroquial: igreja matriz, salão e casa paroquial.

O novo vigário ou pároco, Padre Jacobus Hendrikus Koopmans, holandês radicado no Brasil desde 1938, tomou posse em 11 de fevereiro de 1968. Três meses depois, ele destituiu a antiga comissão, sob o motivo de "inatividade", apresentando como justificativa alegada recomendação do Arcebispo e do antigo vigário, Monsenhor Vendelino Hobold. Padre Jacó, como era comumente conhecido, ainda foi categórico: a indicação de novos leigos para "zelar pelos destinos da igreja ficará a cargo do vigário"; embora os estatutos da Arquidiocese permitissem também a escolha através de eleições. Ficara claro, portanto, como seriam conduzidos os destinos da paróquia da Fazenda dali para frente.

A rigidez do comando clerical não tardou em ter conseqüências. Em novembro daquele ano, uma reunião extraordinária entre as comissões da Fazenda e da Fazendinha teve que ser realizada na presença do vigário. O presidente da comissão da Fazendinha, Hélio Elias da Silva, abriu o debate e externou o mal-estar reinante entre os paroquianos da sua comunidade. Ele argumentou sobre a necessidade de maior entrosamento, referindo-se ao "eixo Fazenda-Fazendinha" como o coração do bairro; e não titubeou em apontar "como um dos pontos negativos que pôde observar, a falta de assistência devida do pároco à sua comissão". Esta fala destemida e incisiva surpreendeu o padre que saiu em defesa própria, "frisando o fato de que, quando aqui chegou, sentiu, notou uma certa e até acentuada independência por parte da Capela da Figueira em relação à Matriz. Independência esta que de modo algum pode existir; daí a desunião reinante". A independência dos leigos da Fazendinha ou Figueira incomodava o novo pároco, porque se constituía num modo de lidar com as questões da Igreja que fugia ao controle dela e se contrapunha ao mandonismo dele. O conflito clérigo/ leigos então se instalou. Por conta disso, no intuito de ocultá-lo, na reunião


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

se decidiu compor nova comissão para a Capela Sagrada Família. A decisão de escolher outra comissão, sem levar em conta a histórica organização comunitária da Fazendinha, contudo, mostrou-se contraproducente, porque mais acirrou os ânimos. Em março de 1969, Bruno Radeck, que tinha sido feito presidente da comissão da Capela, reunido com o pároco, "propôs reunião entre a comissão da Matriz e antigos membros da Comissão de lá para saber o porquê da desistência inexplicável dos membros da comissão da Figueira". O pároco, então, convenceu-se de que não conseguiria dobrar aqueles leigos fundadores do movimento religioso do bairro; não aquiesceu ao pedido de se reunir com eles, e mais: negou-se a dar assistência religiosa na capela, nunca mais indo lá. A alegação oficial, porém, fora que ao ser "fundada a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, mais no centro do bairro, perdeu-se o interesse pela Capela".

A atitude radical do pároco gerou grande ressentimento, pois não se compreendia como "antes vinham os padres da Matriz de Itajaí celebrar na capela e agora o Padre Jacó, mais perto, não vinha; além do que, na Fazenda nem igreja havia"!

O pároco, por sua vez, não se conteve face àquela resistência e recrudesceu o modo autoritário de ele gerir a questão. Decidiu comprar todo o terreno em que estava encravada a área da Capela Sagrada Família e, alegando o difícil acesso, propôs-se mudar o templo para as proximidades do Ginásio de Esporte Ivo Silveira, com a intenção de destruir a edificação símbolo das lutas e da independência daqueles leigos desafiadores. Foi quando, nas palavras escritas no histórico da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, "houve revolta do povo que fundou a capela e não deixou que isso acontecesse. Interveio na questão o Arcebispo Metropolitano de Florianópolis". A situação chegou a enfrentamentos acrimoniosos entre leigos e o padre.

Então a Capela Sagrada Família ficou fechada por dez anos,


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

privada de uso para o culto público, com mobiliário, alfaias e objetos sacros abandonados. Ninguém mais a pôde freqüentar e seu fechamento foi a derrota do povo crente e combativo. Em 1979, a Prefeitura Municipal de Itajaí pretendeu construir uma escola na comunidade da Fazendinha; consultou o pároco que não se opôs, mas repassou a decisão ao Arcebispo. O terreno foi transacionado, a modesta Capela, enfim, foi posta abaixo e desapareceu do cenário da paróquia aquele lugar sagrado, berço do seu movimento religioso, construindo-se no local o Grupo Escolar Elisa Gessele Orsi. Vencera o poder discricionário do clero. Altares, bancos, imagens sacras e toalhas foram dispersos, porque o pároco nada quis recolher. Não houve mais resistência, já que muitos haviam perdido o ânimo e a causa da demolição, para que se construísse uma escola, desmobilizara a comunidade. Sobram, mesmo assim, ainda hoje, justificadas mágoas e muita daquela gente nunca mais voltou à Igreja.

## CONCLUSÃO

O desaparecimento da Capela Sagrada Família foi sempre contado como resultante de um conflito, embora sempre minimizado nos relatos oficiais. É função do pesquisador, então, buscar desvendá-lo, em seus componentes de autoritarismo, intolerância e resistência e poder explicá-lo de outro modo.

A Igreja Católica, como "associação de crentes", no dizer de Hans Küng, não está isenta de episódios absurdos, equívocos e movimentos errados, pelos quais são responsáveis os seus próprios representantes. O episódio da Fazendinha é um destes equívocos, em que leigos católicos, por terem outras opiniões, foram tratados de maneira truculenta pelo aparato de poder do clero. Os leigos fundadores da Capela Sagrada Família, com certeza não estavam isentos de erros, mas tiveram tratamento arrogante


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como subalternos e punidos com a destruição do seu lugar de culto; o que denota também "relações de classe" no interior da Igreja. Daí o conflito e a rebeldia.

Este estudo histórico pode chocar, quando se constata o quão humano foi o curso dos acontecimentos narrados, porque revelou estruturas dominantes, figuras autocráticas, católicos rebeldes; e fez análise crítica. No entanto, ele foi escrito na busca da credibilidade que possa permitir ser melhor compreendido.

Itajaí, Festa da Sagrada Família, 30 de dezembro de 2007.

## REFERÊNCIAS

Baschet, Jérôme. **A Civilização Feudal – Do Ano Mil à Colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

Benedetti, Luiz Roberto. **Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido**. São Paulo: Paulinas, 1983.

Besen, José Artulino. **A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento – História, Teologia da Beleza – 1955/2005 – Itajaí**. Itajaí: Paróquia do SS. Sacramento, 2005.

d´Ávila, Edison. Pequena História de Itajaí. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

Küng, Hans. **A Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Documentos:

Estatutos da Congregação da Doutrina Cristã de Itajaí. **Itajaí**, 12 mar. 1955.

Histórico da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Itajaí: **Paróquia Nossa Senhora de Lourdes**, 2007.

Planta do Loteamento Müller – Chácara da Fazenda. **Cartório do 1° Ofício do Registro de Imóveis da Comarca de Itajaí**. Itajaí, 1960.

Párocos na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Itajaí: **Paróquia Nossa Senhora de Lourdes**, 2007.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Paróquia da Fazenda, trabalho que conta com apoio das irmãs. **Jornal da Arquidiocese**. Florianópolis, out. 2007.

Paróquia do Santíssimo Sacramento. Itajaí: **Livro Tombo 1951/1959**.

Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Itajaí: **Livros Tombos 1963/1980**.

Sociedade Recreativa e Cultural da Fazenda. **Estudos de Pesquisa**. Paulo Henrique Ternes. Itajaí, 2006.

Ternes, Paulo e Esmeralda. Discurso de Saudação ao Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, no **Jubileu de Prata** da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes – Fazenda. Itajaí, 11 fev. 1993.

Entrevistas:

Borinelli, Honório. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 15 jan. 2007.

Cabral, Maria Oliani. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 27 nov. 2007.

Corrêa. Leonor. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 6 nov. 2007.

Etur, Elvira Cecília. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 6 nov. 2007.

Fuchs, Bruno. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 27 nov. 2007.

Lemos, Evandina Paiva e Cordeiro, Rosa Irene. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 9 jan. 2007.

Orsi, José Afonso. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 13 jan. 3007.

Pereira, Célio Donato. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 30 out. 2007.

Sagaz, Manoel José. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 12 out. 2007.

Teixeira, Agripino Marcos. Entrevista concedida ao autor. Itajaí, 13 jan. 2007.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# A antropofagia blumenauense: A **MÚSICA** em **BLUMENAU** no início do século XXI

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# A ANTROPOFAGIA BLUMENAUENSE : A MÚSICA EM BLUMENAU NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Viegas Fernandes da Costa[1]

A proposta deste ensaio, que não pretende mais do que esboçar um primeiro olhar possível a respeito da música produzida em Blumenau nos primeiros anos do século XXI, surgiu após a leitura de um breve artigo de Silviano Santiago a respeito da música popular brasileira produzida a partir dos primeiros anos da "redemocratização" no Brasil (1979-1981)[2]. A preocupação de Silviano Santiago neste artigo é observar a música brasileira na transição democrática, momento em que os intelectuais de esquerda precisaram se reposicionar ante o quadro político brasileiro, o que não gerou poucas "crises de identidade" e um certo patrulhamento ideológico. Afinal, tombava o inimigo comum – a ditadura – e se fazia necessário saber qual bandeira levantar a partir de então. Estas mudanças chegam também à Academia, permitindo aos críticos literários estudar a música popular brasileira enquanto local privilegiado da complexidade, enquanto "*espaço 'nobre', onde se articulam, são avaliadas e interpretadas as contradições sócio-econômicas e culturais do país*"[3]. Assim, queremos olhar para a música produzida em Blumenau a partir do seu suporte literário, enquanto discurso sobre a cidade e suas relações com o nacional e o global, enquanto instrumento de crítica social e identitária; bem como olhar para uma manifestação musical específica, articulada em torno de um movimento que ficou conhecido como "MPBlu – Movimento da Música e da Poesia Blu", e que entre os

---

[1] Historiador e pós-graduando em Estudos Literários/ FURB.

[2] Trata-se do artigo "**Democratização do Brasil – 1979-1981**", publicado no volume "**Declínio da arte, ascensão da cultura**", 1998.

[3] **Santiago,** Silviano. Idem, p. 19.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

anos de 2002 e 2005 articulou um diálogo entre músicos, poetas e artistas plásticos da marginalidade[4] cultural blumenauense, estendendo as suas influências até o momento em que escrevo este texto.

Na Introdução de sua "História Social da Música Brasileira", José Ramos Tinhorão defende a tese de que a cultura do estrato social economicamente mais pobre de um país subdesenvolvido é "*submetida a uma dupla dominação; em primeiro lugar, porque se situa em posição de desvantagem em relação à cultura das elites dirigentes do país; e, em segundo lugar, porque esta cultura dominante não é sequer nacional, mas importada e, por isso mesmo, dominada*"[5]. Sabemos do nosso desconforto em aceitarmos o conceito de "dominação", já que este pode pressupor uma relação vertical de poder, quando entendemos que o poder se exerce na horizontalidade. No entanto, podemos aceitar a afirmação de Tinhorão se substituirmos o conceito de dominação pelo de influência acrítica, ou seja, a aceitação de uma cultura estrangeira enquanto manifestação cultural superior às manifestações culturais originais à região, o que impossibilita às culturas dialogar.

No caso de Blumenau, região inserida neste contexto de um país subdesenvolvido, no entanto, esta relação entre a cultura popular e a cultura considerada de elites apresenta-se de forma ainda mais complexa. Primeiramente porque há na cidade um investimento em uma constante invenção da identidade germânica através de um discurso oficializado, e constantemente reforçado, no elemento alemão, inclusive e, principalmente, por um tipo de historiografia. Assim, o que destoa desta tradição germânica,

---

4 O marginal é aqui compreendido enquanto o não oficial, enquanto discurso artístico não reconhecido pelas elites que detêm o poder econômico e simbólico na cidade de Blumenau.

5 **Tinhorão,** José Ramos. **História Social da Música no Brasil**, 1998, p. 10.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ou teuto-brasileira[6], é relegada à marginalidade e/ou invisibilidade[7]. Temos então, aqui, um primeiro elemento de dificuldade às manifestações musicais não comprometidas com este discurso identitário oficial que, quando vistas, são tratadas de forma preconceituosa enquanto manifestações de pouco valor. Na literatura, já apontávamos esta problemática na crônica "*Jussara*", publicada em abril de 2004, e onde escrevemos:

> *Blumenau é famosa por suas bandinhas alemãs, criadas para turista ver. É comum nos depararmos, aos finais de semana, com pequenos grupos de músicos vestidos de forma bizarra com aqueles bermudões germânicos, camisas brancas, suspensórios e chapéus de veludo verde, tocando suas sanfonas, seus clarins, seus pratos e outros instrumentos, e interpretando canções em um alemão arrastado e duvidoso. Muitas destas bandas já se modernizaram e incluem modernos teclados, baterias, guitarras e sintetizadores, e querem nos fazer crer que suas musiquinhas misturadas a não sei o quê são a mais legítima expressão da tradição dos 'pais fundadores' da 'civilização' no Vale do Itajaí, como se fosse possível tal expressão! Mas o fato é que as bandinhas existem, e a propaganda 'caça-turista' a partir delas também. Porém se engana quem pensa que só há estas bandinhas por cá. Ainda que pouco reconhecidas, existe uma razoável quantidade de bandas alternativas na região, muitas delas criando músicas originais e de qualidade.*[8]

O excerto acima conclui afirmando a existência de *bandas alternativas* em Blumenau, *criando músicas originais e de qualidade*. A própria crônica trata de um encontro ocorrido entre o cronista e uma freqüentadora

---

6 A respeito da construção de uma identidade teuto-brasileira, diferente da germânica, no Vale do Itajaí sugerimos a leitura do artigo de Cristina Ferreira, Identidade e Cidadania na comunidade Teuto-brasileira no Vale do Itajaí, 2000.

7 Adiante vamos discutir o investimento na construção de uma identidade germânica a partir do ano de 1967, em Blumenau. Porém, faz-se necessário reforçar aqui o caráter marginalizador empregado pelo poder público municipal e as elites locais na construção desta identidade. Maria Bernardete Ramos Flores, em seu livro **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp** (1997, p. 70), cita a reunião da Comissão Municipal do Turismo ocorrida em 16 de abril de 1971 onde, em nome do "*cultivo da imagem germânica da cultura, não aceitou o oferecimento do SESI para trazer uma escola de samba à Blumenau, por achar que esta dança iria ferir a dança tradicional*".

8 Costa, Viegas Fernandes da. **Sob a luz do farol**, 2005, p. 71-72.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos espaços onde estas bandas se apresentavam. Espaços tão alternativos quanto as bandas e o público que os ocupavam, e que constituíram a estética do movimento MPBlu.

O uso do termo "movimento" ao MPBlu se justifica por algumas das suas características. Em primeiro lugar está o trânsito dos seus artistas. No disco "*Acústico e Acrático*", dos Colonos Rebeldes, por exemplo, temos a presença do poeta Douglas Zunino na autoria de uma das músicas, que também participou com composições no disco dos Trovadores do Vento e no disco *Palavras de Vidro* da banda Revolver[9]. Nira Silveira, músico e escritor que assina com o pseudônimo "Iran", compôs letras para Colonos Rebeldes e Revolver. Aroldo, músico, vocalista e compositor da Revolver, participou também dos discos dos Colonos Rebeldes (como vocal) e dos Trovadores do Vento (como vocal e violão). Daian Schmitt, o único a lançar disco solo até o momento, além de assinar as composições do seu trabalho, participou como letrista e como músico (violão) do disco dos Colonos Rebeldes e é citado nos agradecimentos em *Palavras de Vidro*, da banda Revolver. Por fim, Orly, compositor da banda Trovadores do Vento, participa do disco dos Colonos Rebeldes (letrista, backing, violão) e do disco *Palavras de Vidro*, da banda Revolver (Backing Vocals). Além dos músicos aqui citados, o MPBlu contou com muitos outros nomes que estabeleceram este mesmo trânsito entre as bandas, participando da gravação dos discos, das apresentações em espaços alternativos e se apresentando nos festivais de rock do Vale do Itajaí, como o River Rock (Indaial) e o Festival Universitário da Canção, Cultura e Arte (Blumenau). Tampouco o movimento permaneceu restrito a estas quatro bandas. Houve outros

[9] Em seu livro **Cidadela** (2006), Douglas Maurício Zunino dedica diversos poemas seus a músicos do MPBlu. É o caso dos poemas *Pessoas* (p. 19-21), dedicado a Pity (Piti, músico da banda Revolver); do poema *O míssil teleguiado da realidade* (p. 28), dedicado a Aroldo (músico e compositor da banda Revolver); do poema *Numa noite* (p. 37-49), dedicado a Daian (Daian Schmitt); e do poema *Mutante* (p. 87-92), dedicado a Orly (músico e compositor da banda Trovadores do Vento).


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

grupos, mas que tiveram curta duração e não chegaram a gravar discos próprios, como foi o caso das bandas Saiabmamas, Os Tutanos e Milho no Trilho, esta última representada pelo músico, artista plástico e fotógrafo Charles Steuck, que além de integrar a banda, participou do movimento expondo suas fotos e realizando intervenções artísticas. A principal música da Milho no Trilho chamava-se *Bin Laden*, e fazia alusão ao imperialismo estadunidense e ao terrorismo pós-11 de Setembro. Devemos ressaltar ainda que, apesar da maioria dos discos terem sido produzidos após o fim do MPBlu, em 2005, a estética, as pessoas e as bandas permaneceram. Isto nos permite afirmar que mesmo não se atribuindo a "marca" MPBlu ao movimento, o mesmo permanece influenciando e dando uma certa coesão às bandas e artistas que o integraram. E é nesta sua "permanência" que vamos citá-lo aqui.

Uma segunda característica que nos permite atribuir ao MPBlu o nome de movimento, é a autenticidade e originalidade das suas canções. Os músicos do MPBlu desenvolveram uma expressão própria, distanciando-se das bandas "cover", tão comuns na região. Ritmicamente incorporaram elementos do rock, do folk, do blues e da MPB, e são claras as influências sofridas de Bob Dylan, Raul Seixas e do Tropicalismo. No entanto, todos os quatro discos por nós analisados veiculam músicas próprias[10], cujas temáticas discutiremos adiante. Neste sentido, percebemos mais um elemento da subversão às influências acríticas da música produzida pelos músicos do MPBlu. Se por um lado se posicionam em oposição ao discurso identitário oficial, por outro, procuram romper a hegemonia da

[10] Há algumas músicas que não são de autoria das bandas locais. É o caso da música *Medley*, do disco *Acústico e Acrático* dos Colonos Rebeldes, que apresenta trechos de canções de Zé Ramalho, Bob Dylan, Rita Lee e Arnaldo Batista; e da música *Uma Árvore de Veneno*, do disco *Palavras de Vidro* da banda Revolver, que se constitui como uma adaptação de um poema de William Blake. Porém mesmo nestes casos, não se trata de mera interpretação de canção já existente, mas de colagem de diversas músicas em uma composição nova.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

música distribuída a partir do eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Assim, arriscamo-nos a afirmar que o MPBlu se constitui enquanto uma espécie de movimento antropofágico blumenauense: já que ao dialogar com a cultura global e nacional, constrói-se enquanto original e local.

Um terceiro aspecto que relaciona o MPBlu à idéia de movimento está no seu aspecto literário. Assim, queremos olhar aqui para a música produzida por estas bandas enquanto discurso, ou, como diz Silviano Santiago, enquanto "espaço privilegiado" onde as contradições sociais, econômicas e culturais se articulam e são interpretadas e avaliadas. Há de se considerar também que o MPBlu se desenvolve em diferentes temporalidades. A primeira delas é a cronológica, ou seja, surge nos primeiros anos do século XXI. A segunda diz respeito a sua inserção no contexto das inovações tecnológicas. O avanço das telecomunicações com a consolidação da internet, e o desenvolvimento das mídias digitais, que baratearam a gravação dos discos, facilitaram a distribuição e a "perenização" dos produtos culturais deste movimento. A terceira temporalidade corresponde ao contexto cultural local (que se relaciona com contextos maiores) em que o movimento surge. A expressão musical das bandas do MPBlu, como já mostramos, desenvolve-se dentro de uma lógica de articulação com outras manifestações artísticas: a poesia, as artes plásticas, a fotografia, as intervenções urbanas. Outro aspecto ainda não abordado aqui, está na cooperação de muitos dos seus artistas com o Fórum dos Movimentos Sociais de Blumenau e suas atividades, apresentando-se em terminais urbanos, nas celebrações do Dia do Trabalhador, nas Jornadas Socialistas, na Rádio Comunitária do Bairro Fortaleza e em outros espaços e eventos organizados pelo que podemos chamar de "esquerda blumenauense". Assim, ao analisarmos o aspecto literário do movimento, devemos considerar estes seus dois aspectos dialógicos: interno (com as manifestações artísticas) e externo (com os movimentos sociais).


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Segundo José Endoença Martins, a literatura produzida em Blumenau após a década de 1960 pode ser interpretada a partir de duas metáforas distintas: Blumenalva e Nauemblu[11]. A primeira corresponde à "experiência da germanidade", já que "*os defensores de blumenalva crêem que a literatura blumenauense constrói – reconstrói – localmente o retrato de uma cultura local que não se afasta dos valores germânicos que encontram espaço propício na cidade de Blumenau*"[12]; já a segunda, Nauemblu, "*diferente da monolítica, fechada, centrada e paradisíaca blumenalva* (...), *se mostra plural, aberta, descentrada, estranha e nada paradisíaca*"[13]. E Endoença aponta ainda para o fato da Blumenalva se alimentar "*dos valores e ideais mais caros à germanidade local*", enquanto que Nauemblu "*se inscreve nas forças locais que vão muito além das germanidades, brasilidades e mundialidades culturais que o local é capaz de engendrar esteticamente*"[14]. Considerando estes aspectos teóricos desenvolvidos por José Endoença Martins, podemos inserir o MPBlu na metáfora literária da Nauemblu, já que questiona e subverte a identidade e os valores atribuídos à germanidade da cidade. É o caso, por exemplo, da canção "*Santo de Casa*", composta por Blenio Pires e Douglas Zunino para a banda Colonos Rebeldes, cujo trecho segue:

> *Santo de casa não faz milagre/ Mas olha eu aqui/ Tirando leite de pedra/ E eu continuo a minha viajem/ Veja bem/ Mesmo pedra dá leite/ Eu sei da minha linguagem/ Sou amador de profissão/ Não sou santo/ Não acredito no Santa/ Mas pra você meu anjo/ Pego meu banjo/ E toco e canto/ Um tango macarrônico em alemão/ (...)/ Veja bem/ Sou um colono rebelde/ Conheço todas beldades desta cidade/ Já provei do mel deste fel/ E é tudo parecido/ Neste falso enxaimel*".

---

[11] Desde 1996, José Endoença Martins vem desenvolvendo análises da literatura blumenauense a partir destas duas metáforas. Para este ensaio valemo-nos de dois artigos seus: "*Na Curva do Rio de Douglas M. Zunino se inscreve na autobiografia de nauemblu*" (2002) e "*Blumenalva e nauemblu transcendem deutschtum e brasilianertum na literatura blumenauense*" (2007).

[12] **Martins**, José Endoença, 2002, p. 82.

[13] **Ibidem**, p. 84.

[14] **Ibidem**, p. 84.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No trecho acima podemos perceber alguns dos elementos que caracterizam a Nauemblu, a começar pela expressão "*sou um colono rebelde*". Por "colono rebelde" podemos entender o sentimento de pertencimento dos músicos a um território (o da colônia; lugar afastado dos grandes centros; Blumenau) que questionam e tentam subverter (rebeldia) esta territorialidade. E ao dizerem "*não acredito no Santa*", referindo-se ao Jornal de Santa Catarina, principal veículo da mídia impressa blumenauense, estão rejeitando o discurso oficial veiculado por uma mídia comprometida com interesses econômicos. Quanto aos versos "*Já provei do fel deste mel*" e "*falso enxaimel*", são interpretações nada paradisíacas da cidade cuja imagem se procurou oficialmente construir a partir de 1967: uma cidade performática, um simulacro construído para o consumo turístico, "*na qual tudo deveria convergir para uma única voz, plasmada numa só imagem,* ***cantada numa só língua:*** *a germânica*", segundo Maria Bernardete Ramos Flores em seu livro "*Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*"[15]. Ao citar o enxaimel como algo falso, a música estende seu olhar crítico sobre os outros aspectos da germanidade construída em Blumenau, já que a cidade é "vendida" ao turista a partir, e principalmente, deste seu elemento arquitetônico.

> *Só que esta cidade, performatizada no estilo germânico, tinha que ser construída. A paisagem arquitetônica (...) dava a aparência de conjunto, mas na realidade estes traços germânicos eram apenas traços dispersos do que restava de uma arquitetura enxaimel, cuja técnica de construção de encaixe de madeira trançada, já caíra em desuso há muito tempo.*[16]

Interpretação parecida a respeito da cidade vamos encontrar no romance "*Enquanto Isso em Dom Casmurro*", de José Endoença Martins, onde o autor escreve que "*esta cidade já foi alemã, italiana. Com alemães e italianos as enchentes anuais perderam leveza e novidade. Ganharam angústia. O enxaimel foi despejado da riqueza de detalhes estéticos que abrigava e virou simulacro empobrecido*

[15] **Op. Cit.** p. 70.
[16] **Ibidem,** p. 74.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

*da nostalgia*"[17]. Esta crítica à cidade aparece também na canção *Asfalto*, cuja composição é atribuída à banda Trovadores do Vento em parceria com o poeta Douglas Zunino, onde se afirma que "*na minha cidade tem flores/ Mas os olhos das pessoas são duros como pedras/ As pessoas / São duras como pedras*"[18]; e na canção *Tá cheio de urubu*,composta por Aroldo, da banda Revolver, onde encontramos "*É um lugar como outro/ Tem ares de provinciano/ Mas muita coisa acontece/ Por debaixo do pano/ Se te parece absurdo/ São só as regras do jogo/ Oh! Brother, tenha cuidado/ Pode ser perigoso*"[19]. São a arquitetura urbana e a arquitetura moral de Blumenau, seus simulacros e hipocrisias, os objetos da percepção crítica do MPBlu, bem como um dos elementos a inscrever este movimento na tradição da Nauemblu.

Outra característica comum às canções das quatro bandas analisadas, e que permite inseri-las na Nauemblu, é a pós-modernidade veiculada em seus discursos. José Endoença Martins estabelece que a Nauemblu transcende o local[20], e nesta transcendência estabelece-se sua pós-modernidade. Além das muitas referências encontradas nas músicas das influências sofridas pelos artistas, a relativização do global e a ausência dos referenciais teórico-ideológicos (tema problema nas manifestações artísticas do período da redemocratização no Brasil, conforme o artigo de Silviano Santiago referenciado no início deste ensaio) é elemento constante nas canções das bandas do MPBlu, e surgem principalmente nas letras da Revolver, que alerta: "*Posso te desapontar/ Mas não canto nada/ Extremamente falso/ Portanto não se importe/ Quando eu desafinar/ Ou sair do compasso*"[21]. Além de profissão de fé, o trecho alerta para a liberdade e para o compromisso

---

17 **Enquanto Isso em Dom Casmurro**, 1993, p. 10.

18 **Trovadores do Vento**, s/d, música Asfalto.

19 **Aroldo**. Tá cheio de urubu. **Páginas de Vidro,** Revolver, 2007.

20 Conferir o artigo "*Blumenalva e nauemblu transcendem deutschtum e brasilianertum na literatura blumenauense*" (2007), principalmente o capítulo 4: "*Transcendendo o local: a pós-modernidade*" (p. 353-359).

21 Aroldo. **Nada de novo no front**. Op. Cit.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do artista para consigo mesmo e sua arte, a despeito de todo e qualquer "patrulhamento" a que se possa tentar submetê-lo. A relativização ideológica e a incerteza pós-Muro de Berlim são temas de duas canções desta banda. Em *Girassol de Veludo* o compositor diz "*Você espalha de novo/ As cartas na mesa/ Nenhuma resposta/ Nenhuma certeza/ Está tão escuro/ No bar da tristeza*"[22]. Em *Caminhante Clandestino*, música que abre o disco *Páginas de Vidro*, novamente a incerteza e o individualismo pós-modernos:

> *Aqui ou em qualquer lugar/ A maior revolução/ É justamente a que se dá/ Dentro de cada coração/ Ninguém pra impor condições/ Quimeras ou ideologias/ Ninguém pra nos ditar sermões/ Regras ou vã filosofias/ Cada um faz seu caminho/ Do jeito que lhe convém/ Cada um tem sua vida/ E é somente o que se tem/ Não importa a cor dos olhos/ Nem o pano da bandeira/ Tudo isso a gente sabe/ Um dia vai virar poeira*[23].

Outra questão presente nas canções das bandas do MPBlu é a crítica ao consumismo desenfreado, à mídia e às desigualdades sociais. Na música *Pra* Relaxar, da banda Trovadores do Vento, por exemplo, o poeta questiona a possibilidade da utopia diante da realidade social: "*Fecho os olhos pra pensar/ Vejo coisas absurdas/ O dinheiro foi matar/ O mundo é complicado/ Tanta gente a chorar/ Cadê aquela melodia/ Que o vento nos propôs a tocar*". Daian Schmitt, em seu disco solo, de 2008, também se volta para o questionamento e à critica sociais. Em sua música *A Cor Vermelha da Maçã* ironiza: "*Compre um novo carro/ Troque a marca do cigarro/ Um caixão de mogno/ Uma gravata e um belo terno*". Também a denúncia da sua geração, que considera perdida e alienada, é tema na canção *Eu Não Tomo Mais Neston*: "*A decadência da minha geração/ É a subliminar vitrine da televisão/ Os jovens são todos iguais/ Ideologias artificiais na mente*". É este olhar crítico que as músicas veiculam, desde a *Bin Laden* da banda Milho no Trilho até as canções de Daian Schmitt, que inscrevem o movimento no Global, seja

---

22 Ibidem. **Girassol de Veludo**.

23 Ibidem. **Caminhante clandestino**.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pelas temáticas, seja pela relativização deste olhar.

A fim de encerrarmos, queremos afirmar ainda nossa ciência das lacunas deste ensaio. Procuramos inserir, no entanto, o "Movimento da Música e da Poesia Blu" no debate literário e historiográfico da música blumenauense, e elencar elementos que permitem reconhecer sua produção cultural enquanto manifestação de qualidade. Lembramos José Ramos Tinhorão e Silviano Santiago, que alertam para a música popular enquanto espaço de compreensão da sociedade. Reconhecemos na expressão musical do MPBlu expressão popular e marginal blumenauense e, portanto, objeto de análise importante para a compreensão da complexidade social e cultural desta população. Com isso não a afirmamos única. Blumenau é rica em manifestações culturais marginais, sabemos. Se privilegiamos aqui o MPBlu, foi justamente por seu caráter de movimento contemporâneo e seu caráter "antropofágico", articulando múltiplas manifestações artísticas e literariamente inserindo o local no global.

## REFERÊNCIA

**Costa,** Viegas Fernandes da. **Sob a Luz do Farol.** Blumenau: Hemisfério Sul, 2005.

**Ferreira, Cristina.** Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira no Vale do Itajaí. In. **Ferreira,** Cristina & **Frotscher,** Méri (orgs.). **Visões do Vale.** Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 71-90.

**Flores,** Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest:** turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Obra Jurídica, 1997.

**Martins,** José Endoença. Blumenalva e Nauemblu transcendem Deutschtum e Brasilianertum na literatura blumenauense. **Blumenau em Cadernos,** Blumenau, nov./dez. 2007, p. 327-362.

**Martins,** José Endoença. "Na Curva do Rio" de Douglas M. Zunino se inscreve na autobiografia de Nauemblu. In. **Zunino,** Douglas Maurício. **Na Curva do Rio.** Blumenau: Edição do Autor, 2002, p. 81-91.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

**Martins,** José Endoença. **Enquanto Isso em Dom Casmurro.** Florianópolis: Paralelo 27, 1993.

**Santiago,** Silviano. Democratização no Brasil – 1979-1981: (Cultura X Arte). In. **Antelo,** Raul et. al. (orgs.). **Declínio da Arte, Ascensão da Cultura.** Florianópolis: Letras Contemporâneas/ Abralic/ Obra Jurídica, 1998, p. 11-23.

**Tinhorão,** José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 1998.

**Zunino,** Douglas Maurício. **Cidadela.** Blumenau: Edição do Autor, 2006.

**Discografia.**

**Colonos Rebeldes. Acústico e Acrático,** 2003. (CD)

**Daian Schmitt. Daian Schmitt,** 2008. (CD).

**Revolver. Palavras de Vidro,** 2007. (CD).

**Trovadores do Vento. Trovadores do Venton,** s/d. (CD).


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# Código de Posturas do
# MUNICÍPIO DE BLUMENAU

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemerotéca Digital Catarinense

# CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU

## Título I
## Parte Geral
## Capítulo I

Art. 1. Todo acto contrario ás disposições deste Codigo é considerado contravenção e como tal punido de accôrdo com as penas nelle estabelecidas.

Art.2. Toda a imposição de multa importa na existencia de um auto, lavrado no proprio logar, ou no logar mais próximo, no caso de impossibilidade absoluta, assignado pela autoridade e duas testemunhas.

Art. 3. Qualquer membro dos ramos do Governo Municipal, qualquer empregado municipal, bem como zeladores e inspectores de caminho, poderão impôr multas.

Art. 4. A pessoa que, tendo presenciado a infracção, se recusar assignar o auto como testemunha, sendo intimada pela autoridade ou fiscal incorrerá na pena de desobediencia, na forma da legislação em vigôr e mais nas multas previstas no Codigo.

Art. 5. Quando o infractor incidir mais de uma vez, durante o mesmo exercicio, em penas do mesmo artigo, haverá reincidencia, e a pena será dobrada.

Art. 6. Será equiparado a infractor e com elle multado no mesmo artigo, quem consentir em sua propriedade a infracção de posturas municipaes, quem auxiliar em qualquer logar infracção e quem, assistindo a infracção ou o auto de multa, se recusar a assignar como testemunhas.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 7. As multas, por falta de pagamento de imposto, não poderão ser pagas sem o respectivo imposto e vice-versa.

Art. 8. Sempre que as multas não fôrem pagas immediatamnete, serão os objectos que deram logar á infracção, quando haja, aprehendidos até o respectivo pagamento.

Art. 9. Na falta de pagamento amigavel das multas, serão ellas equiparadas as dos casos de reincidência.

Art. 10. Os animaes, materiaes ou outros quaesquer objectos aprehendidos em virtude da infracção de posturas, só serão restituidos depois de pagas as multas e despezas feitas com a sua aprehensão transporte, conservação e manutenção.

Art. 11. A aprehensão será feita pelo Superintendente, pelos Intendentes, pelos fiscaes e zeladores ou pelos inspectores de caminho, quando para isso tenham ordem, sem outra formalidade mais que a entregaao dono de um documento assignado pelo aprehensor em que se declare a qualidade do objeto, a data e motivo da aprehensão e o nome do depositario, quando haja.

Art. 12. 48 horas depois do aviso de aprehensão, não tendo sido resgatado o objecto, será elle posto em hasta publica, annunciada, pelo menos, com antecedencia de oito dias, para do producto tirar da Superintendencia a importância da multa, imposto e demais despezas.

Art. 13. As penas de infracção de posturas não exigem do infractor de outras em que incorrer em vista da legislação em vigor.

Art.14. Quando na mesma occasião fôrem infrigidos vários artigos, a multa será correspondente a cada um delles.

Art. 15. Em todas as multas cabe recurso, dentro de oitos dias, para o procurador Thesoureiro no primeiro districto, e para os Intendentes nos outros districtos. De todas as decisões cabe recurso, dentro


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de trinta dias, para o Conselho Municipal, mediante petição. Nenhum recurso será examinado sem previamente seja depositada a importancia da multa.

Art. 16. As multas terão sempre dois graos, maximo e minimo, não podendo ser este inferior a dois terços do maximo.

Art.17. Os paes e tutores respondem pelas infracções commettidas por menores sob d=seu poder.

Art. 18. As communicações ás autoridades municipaes podem ser verbaes.

Art. 19. As intimações serão feitas por escripto ou perante duas testemunhas e deverm citar os artigos da lei em que se fundam e dar um prazo regular para serem cumpridas.

Art. 20. No caso de falta de execução de quaesquer serviços ou obras, conforme a intimação, serão os mesmos feitos pela Municipalidade, por conta do infractor.

Art. 21. A aferição de peso e medidas deverá ser feita pelos fiscaes dentro do primeiro trimestre de cada anno.

Art. 22. Todo negociante ambulante é considerado mascate ou pombeiro, segundo o genero em que elle commerciar, exeptuandose, porém,

1) os que venderem os generos da propria lavoura;
2) os caixeiros das casas de negocios estabelecidas no Municipio e que comprarem por conta de seus chefes.

Art. 23. São considerados pombeiros que vendem no Municipio animaes a retalho ou em pé, não sendo estabelecidos com açougue, seja qual o numero de cabeça, não podendo taes pombeiros negociar com os productos que recebem em pagamento dos animaes sem pagarem o respectivo imposto. São tambem considerados pombeiros:

1) os que negociarem com productos em embarcações dentro dos limites do Município;


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2) os que, tendo residencia em outro Municipio, vierem comprar produtos agricolas de particulares;

3) os residentes no Municipio que, não sendo estabelecidos com casa de negocio, comprarem productos para commercio.

Art. 24. É prohibido nos limites do Municipio, mascatear ou exercer outra profissão ambulante, sem previo cumprimento das disposições e leis muinicipaes, sob pena de multa 500$000, além do respectivo imposto. No caso de contravenção desta disposição, a autoridade ou empregado municipal, terá direito de reter as mercadorias encontradas, até que o mascate tenha satisfeito os impostos, multa e despezas.

As casas comerciais também estavam sujeitas às penalidades do Código de Posturas. Acervo A.H.J.F.S.

Art. 25. Os negociantes ou industriaes ambulantes de qualquer natureza, devem trazer comsigo o conhecimento do pagamento do respectivo imposto, sob pena de incorrerem na multa como se não tivessem paga.

Art. 26. Os empregados municipaes, além da multa, serão obrigados a indenização pelo prejuízo pecuniario, que porventura o seu proceder


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tenha dado á Fazenda Municipal.

Art. 27. Sendo chamado qualquer fiscal Municipal, para resolver questões puramente particulares entre moradores do Municipio, tendo por objecto assimptos de caminhos, aguas etc. ser lhes paga a conducção a razão de $500 por kilómetro, não podendo a retribuição ser inferior a 5$000.

Art. 28. Todos os vehiculos que estiverem registrados na Superintendencia deverão trazer em logar visivel, a chapa que é destribuida pela Superintendência, sob pena de multa de 15$ a 20$.

Art. 29. Todas as casas de negocio estabelecidas dentro dos limites do Municipio, são obrigadas a conservarem fechadas as suas portas e deixar de effectuar vendas aos domingos, durante todo dia, e, dentro do perimetro urbano, igualmente nos primeiros e segundos dias da festa de Natal, Paschoa e Espirito Santo, nos dias nacionaes: 1° Janeiro, 3 de Maio, 7 de Setembro, e 15 de Novembro. Nos dias 21 de Abril, 13 de Maio e 2 de Novembro, o commercio, dentro do perimetro urbano conservará as portas fechadas do meio dia em diante. Exeptuamse as pharmacias, hoteis, casas de pasto e diverões, e fabricas, cuja materia prima esteja sujeita a detoriação dentro de 24 horas. Nos dias uteis ficam as casas commerciantes, dentro do perimetro urbano obrigadas, a fechar as suas portas ás 20 horas. Os negociantes que não cumprirem as disposições deste artigo serão multados em 20$ - 30$ e no dobro em caso de reincidencia.

§ único. No período de 16 de Novembro a 1° de Janeiro, as casa commerciaes poderão conservase abertas até 10 horas da noite e, nos domingos, até meio dia.

## Título II
## Hygiene Publica
### Capítulo II

Das infracções que prejudicam a prophylaxia das molestias contagiosas.

Art. 30. Ter em casa, escolas, fabricas ou outros quaesquer estabelecimentos


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que derigir, doente de molestia reputadas contagiosas e não participar ás autoridades: multa de 20$-30$.

Art. 31. Dar, exportar, vender ou expôr a venda, sem previa desinfecção, os objectos que tenham servido a doentes de molestia contagiosa: multa de 20$-30$.

Art. 32. Lavar, sem previa desinfecção, roupa de hospitaes ou de doentes de molestias contagiosas, multa de 10$-15$.

Art. 33. Occuparse na venda de generos alimenticios, estando doente de molestia contagiosa: multa de 40$-50$.

Art. 34. Alugar, sem desinfecção regular ou caiação, casa ou comodo onde fallecido ou morado doente de molestia contagiosa: multa de 40$-50$.

Capítulo III

Das infracções que prejudicam a salubridade publica.

Art. 35. Estabelecer hoteis, casas de saude, hospitaes, lavanderias, fabricas ou outros estabelecimentos possiveis de se tornarem insalubres, incomodos ou perigosos, sem consentimento da Superintendencia Municipal, multa de 20$-30$.

Art. 36. Consentir que alguem desça a poço, sem previa verificação da existencia de gases mephiticos e sem ter atada ao tronco uma corda, cuja extremidade deixada fóra sirva, em caso de accidente para salvamento, multa de 20$-30$.

Art. 37. Fornecer ao publico, sob qualquer pretexto, e sem autorisação legal, substancia nocivas ou perigosas: multa de 30$-40$.

Art. 38. Ter animaes mal cuidados ou doentes, sem a necessaria precaução para que não se tornem perigo publico, multa de 15$-20$.

Art. 39. Cortir, salgar, seccar ou expor ao ar livre couros crús, no centro da cidade ou nas proximidades de habitações, multa de 20$-30$. Nas zonas da cidade, nas freguezias e povoações, os couros estendidos


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para seccar devem achar-se pelo menos trinta metros distantes das margens das estradas e caminhos, multa de 15$-20$.

Art. 40. Estabelecer latrinas e estrumeiras, regos de aguas servidas, sem encanamento regular, impermeavel, cóvas, estanques ou depositos moveis, a menos de quinze metros da rua e menos de trinta metros póços ou corregos, cujas aguas sejam aproveitadas para alimentação, multa de 20$-30$.

Art. 41. Conservar em seus terrenos ou propriedades, dentro da cidade, freguezias ou povoações, aguas de chuva, ou de outra procedencia estagnadas, ou em vasilhas em que possam desenvolver-se lavras de mosquitos, multa de 20$-30$.

Art. 42. Estabelecer chiqueiros dentro da cidade e povoações, sem que estejam nas condicções hygienicas exigidas pela autoridade, multa de 10$-15$.

Art. 43. Fazer despejos de água, dectrictos, cisco, animaes mortos, fézes ou qualquer immundicie fóra dos logares designados pela Superintendencia Municipal, multa de 20$-30$.

Art. 44. Conduzir cadaveres á sepultura em caixão aberto, multa de 10$-15$.

Art. 45. Cavar sepulturas ou cóvas para enterramento de cadaveres, de qualquer natureza, com profundidade inferior a um metro e oitenta e cinco centimetros, multa de 20$- 30$.

Art. 46. Fazer exhumações ou excavar sepulturas occupadas há menos de trez annos, salvo os casos de investigações legalmente autorizadas, multa de 20$-30$.

Art. 47. Abrir cemiterios sem previa licença da municipalidade, multa de 35$-50$.

Art. 48. Sujar poços, fontes ou ribeirões, cujas aguas servem para o consumo, quer lançando nella simmundicies, quer tolhendo seu curso livre, multa de 20$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 49. Deixar em terreno de sua propriedade, dentro da cidade ou povoações animaes mortos ou carne em estado de putrefacção, multa de 20$-30$ e obrigação de enterral-os, sem demora, sob pena de ser isto feito a sua custa.

Art. 50. Os moradores das ruas da cidade devem cuidar diariamente da limpeza dos passeios na frente de suas casas, sendo, todavia, vedado atirar lixo nas boccas dos canaes de esgoto. Os infractores de qualquer uma destas disposições incorrerão na multa de 10$ e, no dobro, no caso de reincidencia.

Art. 51. É prohibido prejudicar por qualquer forma a limpeza das ruas, lançando nellas aguas ou detrictos de qualquer especie, como sejam restos de cosinha, cascas de fructas, pedaços de papel etc., sob pena de multa de 10$-15$.

Art. 52. Até que esteja conveniente installado o serviço de esgoto fica o Superintendente autorizado a intimar os proprietarios dos predios, sitos no perimetro urbano, a construirem fossas cimentadas, quando julgar conveniente, no logar onde fôrem necessarias.

Art. 53. O serviço de despejo e transporte das materias feccaes, será feito administrativamente ou por contracto.

Art. 54. O Superintendente marcará um prazo, para construcção das referidas fossas, sob pena de multa de 30$ e de serem feitas por conta dos proprietarios.

Art. 55.Todo proprietario ou arrendatario de terrenos atravessados por corrente de aguas, ribeirões ou valletas, deixar de ter completamente limpo o respectivo leito, e até aos fundos das construcções, sendo valleta, de sorte que o livre esgoto não fique obstruido, sera multado em 15$-20$.

Art. 56. Todo proprietario dentro do perimetro urbano é obrigado a fazer nos fundos de seu predio esgotos de tijollos para as aguas sob pena de multa de 30$-40$.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catari

## Capítulo IV
## Das infracções que prejudicam a alimentação publica.

Art. 57. Matar, para expôr a venda, gado suíno, vaccum, lanigero, cançado ou doente ou suspeito de sel-o, multa de 35$-50$.

Art. 58. Vender ou fornecer leite de animal, cujo estado de saude seja máo ou suspeito ou addicionar ao leite qualquer substancia nociva ou não, multa de 35$-50$ e confiscação do mesmo.

Art. 59. Empregar em preparados alimenticios, em artigos de confeitaria, licores, xaropes e outras quaesquer bebidas, saes ou outras substancias nocivas, multa de 35$-50$ e fechamento do estabelecimento.

Art. 60. Vender ou expôr á venda generos de qualquer natureza, que se destinam á alimentação publica ou a ser ingerido, estando alterados ou falsificados, multa de 35$-50$.

Art. 61. Empregar, sem as necessarias precuações, vasilhas para guardar ou medir, bem como torneiras e boccaes de chumbo, estanho, cobre, zinco, ferro e nickel, multa de de 25$-30$.

Art. 62. Expôr á venda carne verde de animal, abatido há mais de vinte quatro horas, multa de 25$-30$.

Art. 63. Ao Superintendente cumpre, mensalmente, visitar por empregados de sua confiança, as cocheiras, açougues e matadouros estabelecidos dentro do perimetro da cidade guardando a distancia que fôr determinada pela mesma autoridade e, havendo falta de asseio e hygiene, impôr a seus proprietarios a multa de 35$-50$.

Art. 64. Os açougueiros só poderão transportar carne fresca em carros especiaes, de accôrdo com o modelo apresentado pela Superintendencia. Os contraventores pagarão multa de 35$-50$.

Art. 65. Todo açougueiro deve ter uma meza de mármore, para cortar a carne, sob pena de multa de 20$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 66. Os padeiros serão obrigados a conduzir pão e outros productos de sua padaria em carros fechados, de accôrdo com as indicações da Superintendencia. Os contraventores serão multados em 35$ - 50$.

Os padeiros eram obrigados a conduzir pão e outros produtos em carros fechados. Acervo A.H.J.F.S.

Título III

Ordem publica e segurança publica.

Capítulo V

Art. 67. Espantar animaes de montaria, ou atrella-dos a carros, multa de 10$-15$.

Art. 68. Estalar com chicote dentro do perimetro da cidade ou povoações, ou nas estradas, em logar onde pararem carros ou animaes ensilhados, multa de 10$-15$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 69. Queimar foguetes dentro da cidade e povoações, ou nas estradas em logares onde pararem carros ou animaes ensilhados, excepto nos casos de festa publica e recepções officiaes, multa de 10$-15$.

Art. 70. Estender roupas a seccar ou corar, nas praças e ruas, multa de 6$-9$.

Art. 71. Ter, sem estar em pasto ou cocheira, gado vaccum, muar, cavallar, suino ou lanigero, multa de 10$-15$.

Art. 72. Ter ou depositar nas ruas ou estradas objectos que, pelo seu volume ou natureza, incommodem ou possam constituir perigo para o transito publico, multa de 10$-15$.

Art. 73. Armar andaimes nas ruas, praças e estradas, ou collocar nellas material de construcçãp ou de qualquer natureza sem previa licença da Superintendencia, multa de 10$-15$.

Art. 74. Abater rezes ou outro animal de grande volume dentro dos limites da cidade e povoações, sem ser açougues, multa de 10$-15$.

Art. 75. Maltratar ou estafar qualquer animal, multa de 10$ - 15$.

Art. 76. Ter cães soltos dentro da cidade, sem os ter dado ao registro municipal, ou sem açamo, multa de 6$-9$.

Art. 77. Construir chaminé com altura insufficente e que possa prejudicar a terceiros, multa de 10$-15$, e obrigação de adaptal-o ás condicções indicadas pela Municipalidade.

Art. 78. Estragar ou mudar as cercas dos rumos, damnificar ou alterar os marcos que designam rumos ou kilómetros, multa de 25$-30$.

Art. 79. Impedir a visita das autoridades incumbidas de verificar o estado sanitario de habitação e dependencias, açougues, cocheiras, fabricas etc., multa de 25$-30$.

Art. 80. Atravancar, entranqueiar, seja com o que fôr, ruas, estradas, caminhos, pontes, boeiros, rios e ribeirões, ou embaraçar de qualquer modo o livre transito e a navegação, multa de 25$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

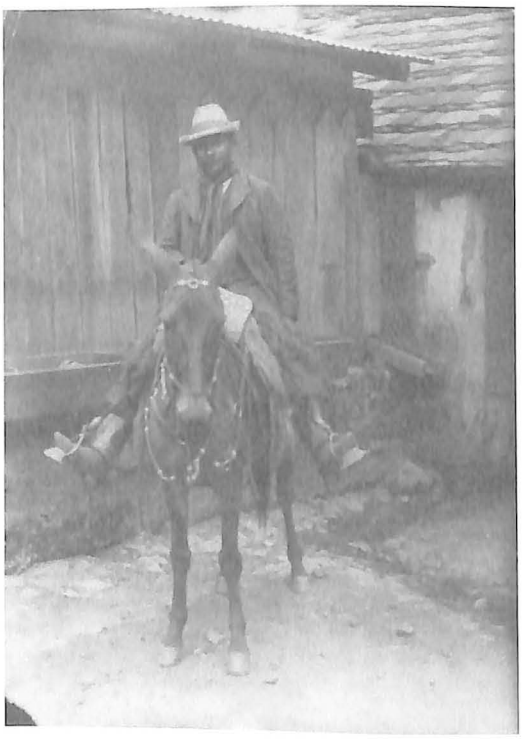
Art. 81. Aos proprietarios de vehiculos registrados na Superintendencia que fôrem encontrados sem a referida chapa, será imposta a multa de 15$-20$.

Art. 82. A velocidade maxima para automovel e motorcycleta, dentro do perimetro urbano, freguezias e povoações, é de 20 kilómetros por hora, sob pena de multa de 35$-50$.

Art. 83. Todo chauffeur é obrigado a dar signal nas esquinas e curvas das estradas, sob pena de multa de 6$-9$.

Art. 84. Todos os carros carroças devem trazer á noite, pelo menos um pharol acceso, ao lado esquerdo; os automoveis os pharoes em cada lado. Os contraventores serão multados em 15$-20$.

Art. 85. Todo vehiculo que transitar pelas estradas publicas do Municipio, é obrigado a ter um breque, sendo prohibido trancar as rodas com correntes ou sapatas, sob pena de multa de 15$-20$.



Art. 86. Todas as carroças que transportarem cargas de pezo maior de uma tonelada, são obrigadas a usar rodas forradas e de espessura nunca inferior a trez pollegadas (sete a oito centímetros), sob pena de multa de 15$-20$.

Art. 87. Os vehiculos devem transitar sempre ao lado direito de quem os

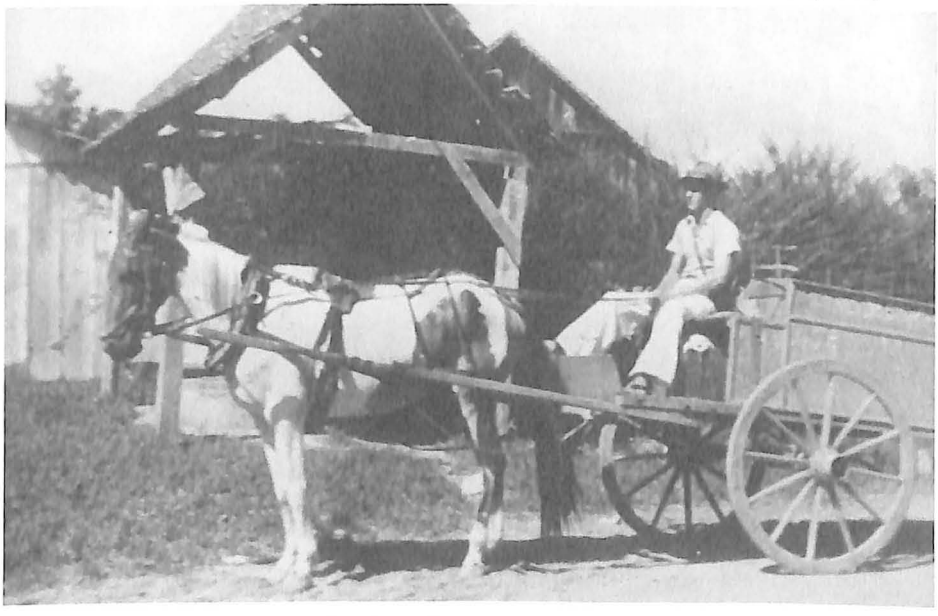


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

governa, obedecendo as placas affixadas nas ruas e estradas, sob pena de multa de 10$-15$.

Art. 88. Os vehiculos só podem parar bem próximo e parallelamente á beira dos passeios não no meio da rua, sendo prohibido estacionarem de modo que o carro e animaes fiquem atravessados. Os carros e carroças estacionados em praças, ruas ou estradas publicas com animaes atrelados, devem estar desatrelados, quando o cocheiro houver de ausentar-se do carro, sob pena de multa de 10$-15$.



Carroças deveriam trazer à noite pelo menos um farol aceso. Acervo A.H.J.F.S.

Art. 89. É prohibido depositar material de construcção na rua e nos passeios por um tempo excedente de 24 horas, sob pena de multa de 10$-15$. Em todo caso uma parte dos passeios deve ficar livre ao transito.

Art. 90. No caso de construcção, permittir-se ao deposito de materiaes na rua, mediante licensa do fiscal, não devendo, porém, o espaço



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

occupado pelo serviço de construcção exceder de trez metros de largura da rua, sob pena de multa de 10$-15$.

Art. 91. Os passeios são destinados exclusivamente ao transito a pé. Por esta razão é prohibido: a) fazer transitar carros de qualquer especie:

b) deixar que o gado por ella transite;

c) andar nos passeios de bycicleta ou de patinas;

d) collocar nos passeios bancos ou cadeiras, de modo que o transito fique difficultado ou impedido, multa de 10$-15$.

Art. 92. Amarrar animaes nos postes da linha telegraphica, telephonica e de electricidade, assim como nas arvores das ruas sob pena de multa de 10$-158$.

Art. 93. Correr em disparada a cavallo, em velocipede ou carro, nas ruas e praças da cidade, povoações e estradas mais frequentadas, salvo deligencia policial, accidente, prestimo de soccorro, procura do medico ou parteira, multa de 20$-30$.

Art. 94. Disparar tiros dentro dos limites da cidade e povoações, trazer comsigo armas prohibidas, salvo casos permitido por lei, caçar com armas de fogo, próximo a qualquer habitação, multa de 10$-15$.

Art. 95. Vender a retalho, durante a noite, polvora ou qualquer explosivo, fazer baldeação de espirito, kerozene ou qualquer inflamavel, multa de 35$-50$.

Art. 96. Conduzir tropas de animaes sem uma guia e numero de condutores, bem como gado bravo, sem estar preso em dois laços e sem dar aviso aos transeuntes, multa de 20$-30$.

Art. 97. Não deixar signal visivel que possa advertir aos que se aproximem, no caso de algum desmoronamento havido nas estradas que passem por seus terrenos e que seja perigoso ao transito publico, multa de 25$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 98. Deixar que permaneçam de pé muros, paredes de qualquer edificio ou quaesquer obras, de construcção, que ameaçam ruina total ou parcial, multa de 20$-30$.

Art. 99. Arrebentar pedras á polvora ou dynamite nas proximidades da cidade, povoações ou habitações de forma que estas possam ser alcançadas pelos estilhaços, multa de 35$-50$.

Art. 100. Ter em deposito na cidade ou povoações, sem as precauções exigidas pela Superintendencia, e sem previa licença desta, grande porção de polvora, fogos artificiaes, dynamite, gazolina, kerozene ou outra qualquer materia inflammavel ou explosiva, multa de 35$-50$, e immediata remoção dos inflammaveis para o local designado pela Superintendencia.

Art. 101. Apitar ou dar qualquer signal, sem motivo justo, que possa alarmar a Força Publica, multa de 10$-15$.

Art. 102. Fazer bulha ou vozeria durante a noite, dar gritos nas ruas, praças, estradas, casas publicas ou particulares de modo que pertube o socego publico, multa de 10$-15$.

Art. 103. Vender bebidas alcoolicas a ebrios, vagabundos e desordeiros, multa de 10$-15$.

Art. 104. Pertubar ou impedir a celebração de officios ou ceremonias de qualquer religião, multa de 30$-40$.

Art. 105. Ter qualquer animal, domestico ou não, sem as precauções necessarias para que elle não seja incommoodo a outra pessoa, ou perigosa ao publico, multa de 10$-15$.

Art. 106. Dar bailes publicos, sem pagar o devido imposto, e sem a respectiva licença, multa de 25$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## Capítulo VI

## Das infracções que prejudicam a moralidade publica.

Art. 107. Banharse maior de 12 annos, durante o dia despido, em pontos que possam ser vistos das estradas, ruas e habitações, multa de 10$-15$.

Art. 108. Offender por gestos,acções, palavras ou outro qualquer meio a moral publica, multa de 10$-15$.

Art. 109. Dirigir palavras ou gestos indecentes ou offensivos aos transeuntes, multa de 20$-30$.

Art. 110. Inscrever ou affixar nas paredes, portas, pontes ou outro qualquer logar da via publica, palavras, disticos, cartazes, desenhos obcenos, injuriosos, allusivos a vida publica ou privada de alguem, ou consentir permanencia de taes inscripções na frente de suas casas ou propriedades, multa de 40$-50$.

Art. 111. Expôr-se ás vistas do publico na propria casa ou nas ruas em trajes insufficientes para cobrir a nudez, multa de 20$-30$.

Art. 112. Vender, offerecer ou expôr a venda objectos obcenos, como figuras, estampas, photographias, leitura etc., multa de 20$-30$.

Art. 113. Jogar jogos de parada, com cartas, dados ou outro qualquer apparelho de azar, consentir os mesmos jogos em suas casas, multa de 20$-30$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## Título IV

## Capítulo VII

### Das infracções que prejudicam a conservação das ruas e estradas.

Art. 114. As estradas ou caminhos que servirem a mais de 10 familias serão considerados publicos.

Art. 115. Não ter o seu lote cercado convenientemente a margem das ruas e estradas e ter nelles cercas vivas de altura superior a 1,50 metros, multa de 35$-50$.

Art. 116. Os proprietários dos lotes que fazem frente ás estradas e caminhos, são obrigados a fazer derrubada, até dez metros pelo menos, a cada lado da estrada, sob pena de multa 20$-30$, e de ser o serviço feito pela Municipalidade, por conta dos infractores.

Art. 117. Todo proprietario ou arrendatario é obrigado a limpar e abrir as valletas e boeiros na frente de seu terreno, para o livre esgoto das aguas. Os infractores incorrerão na multa de 20$-30$, sendo o serviço feito pela Municipalidade por conta dos infractores.

Art. 118. Os proprietarios ou arrendatarios de terrenos que tenham plantações de arroz, nas margens das estradas, são obrigados a construir valletas nesses terrenos para esgoto das aguas, distantes pelo menos de um metro e cincoenta das valletas dos caminhos, sendo prohibido servirem-se destas para esgoto das ditas aguas sob pena de multa de 35$-50$.

Art. 119. Os proprietários e occupantes de lotes nos districtos em que a medição dos mesmos fôr feita de forma que a metade de cada lote faz frente á estrada, são obrigados a conservação da metade da extensão total da estrada que passa pela frente, em toda a sua largura, sob pena de multa de 15$-20$.

Art. 120. Os proprietarios ou occupantes dos lotes cuja frente toda é


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

formada pela estrada publica, tem que conservar cada um a metade da extensão da estrada pela frente, com toda a sua largura, e todas as valletas lateraes, sob pena de multa de 10$-15$.

Art. 121. Os proprietarios de lotes ruraes, que não pagam imposto para conservação, são obrigados a tapar os buracos no leito da estrada, sob pena de multa de 10$-15$.

Art. 122. Abrir vallos nas estradas, para esgotos das aguas, em logares que não fôrem designados para esse fim, pelo fiscal, multa de 20$-30$..

Art. 123. A repreza das aguas de rios e ribeirões, é admissivel sómente, quando por ellas não fôrem prejudicados os terrenos dos visinhos nem as ruas ou estradas publicas, sendo prohibido mudar o leito das aguas correntes, uma vez que semelhante mudança prejudique os visinhos ou os interesses publicos. Os contraventores pagarão multa de 20$-30$ e serão obrigados restabelecer o estado anterior e a indemnisar o prejuizo causado.

Art. 124. Embaraçar o livre esgoto das aguas das valletas ou dos ribeirões, deixar de ter limpas as que margeiam as estradas e ruas em frente de suas propriedades, multa de 10$-15$.

Art. 125. Conduzir madeira de arrasto, sem licença, pelas estradas, multa de 10$-15$.

Art. 126. Apossar-se de estradas ou parte dellas, vallos, rios, corregos ou fontes de servidão publica, tapando as ou estreitando as ou mudando as, multa de 35$-50$.

Art. 127. Estabelecer nas estradas publicas cancellas, multa de 10$-15$.

Art. 128. Amarrar embarcações a pontes, ou estacionar sobre estas com cavallos ou carretas, multa de 10$-15$.

Art. 129. Os moradores ou proprietarios de terras em estradas secundarias ou de fundos serão obrigados a attender ao convite dos inspectores de caminho ou outra autoridade municipal, para o trabalho de


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

conservação commum dos caminhos que vão dar a estradas geral na proporção de seus lotes, sob pena de multa de 10$-15$ e serviço feito pela Municipalidade, por conta dos infractores.

Art. 130. Conservar arvores ou arbustos que ensobram a estrada, sem aterrar esta com cascalho, multa de 10$-15$.

Art. 131. Conservar cercas vivas nas margens das estradas, cujos barrancos fôrem muito elevados, multa de 10$-15$.

Art. 132. Fazer excavações nas estradas, ruas ou praças, cavar os cortes e aterros, arrancar a gramma da beirada das valletas, multa de 10$-15$.

Art. 133. Andar depressa com carro ou animares de montaria em curvas, encruzilhadas e sobre pontes e não desviando de aglomerações populares, multa de 10$-15$.

Art. 134. Em todos os casos de falta de execução de serviços ou obras conforme a intimação do fiscal, zeladores ou inspectores de caminho, serão ellas feitas pela Municipalidade por conta do intimado.

## Título V
## Capítulo VIII
## Das edificações na cidade, freguezias e povoações.

Art. 135. Quem dentro do perimetro urbano, de freguezia ou povoação construir ou reconstruir qualquer obra, como sejam edificios, muros, cercas etc., terá que requerer previamente licença á Superintendencia:

a) quem construir uma obra nova, pagará á Municipalidade um imposto de licença no valor de 10$, occupando a obra até 100 metros quadrados de chão; de 20$, occupando a obra de 100-200 metros quadrados; tendo a obra mais de 200 metros quadrados;


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

b) são isentos do imposto de licença: reconstrucções, muros, cercas, e obras de canalisações;

c) a reconstrucção que occupar chão maior que a obra primitiva, será considerada obra nova e pagará a competente licença;

d) Sempre que o augmento de chão não exceder de trinta metros quadrados o imposto de licença será apenas de cinco mil réis.

Art. 136. A licença para construir será requisitada por escripto, acompanhando a petição os seguintes documentos:

a) esboço de situação, escala nunca menor de 1:1000;

b) o esboço da reconstrucção, idem, idem;

c) secção longitudinal, idem, idem;

d) secção transversal, idem, idem;

e) vista da fachada, idem, idem;

f) duas vistas lateraes, idem, idem;

Art. 137. Este esboço conterá, exactamente na mesma escala e com clareza necessaria, o plano da reconstrucção, bem como das paredes, espessura das mesmas, portas, janellas, escadas etc. De todos os andares, podendo a administração municipal no caso de fabricas ou outros edificios de dimensões maiores, exigir que lhe sejam apresentados mais outros documentos.

Art. 138. O esboço da situação exporá o terreno onde a obra será construida, em toda a sua extensão horizontal, de modo a evidenciar a superficia edificada, com indicação exacta de todas as confrontações e os nomes das ruas e dos visinhos.

Art. 139. Um dos esboços apresentados em duplicata ficará á


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

disposição do Superintendente, caso este conceda a licença requerida, sendo o outro restituido com o respectivo despacho de licença, ao requerente, que o deverá exhibir ao fiscal, quando este o exigir.

Art. 140. Nunca se poderá iniciar obra de construcção que fizer ao alinhamento da rua, antes de ser este desmarcado pelo competente funccionario municipal.

A edificação de residências também deveria respeitar o Código de Posturas.
Acervo A.H.J.F.S.

Art. 141. Fica expressamente prohibido que muros, jardins, varandas ou escadas passem além do alinhamento da rua, não se podendo permitir excepção em caso algum.

Art. 142. Quem construir a obra, pagará as despezas a fazerem-se com a marcação do alinhamento da rua.

Art. 143. As fachadas das casas ficarão exactamente no alinhamento da edificação ou paralelas a este. Distando o alinhamento mais de 10


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

metrros da rua, será indifferente a collocação da casa, comtanto que não prejudique o aspecto geral, a juizo da Municipalidade.

Art. 144. Nos casos em que fôr permittido construir com paredes directamente pegadas a casa visinha, o constructor, se quiser construir afastado, deverá construir de modo que fique guardada sempre uma distancia de quatro metros entre os edificios. Entre casas pegadas poder-se-á, com consentimento dos interessados construirse uma parede divisoria commum; senão, cada um terá de construir uma parede como si o edificio visinho não existisse.

Art. 145. Os edificios que distarem pelo menos dois metros de um dos limites, não poderão ter janellas na parede que dêr para o respectivo limite.

Art. 146. No perimetro da cidade, excepto na rua 15 de Novembro, não serão permittidas construcções que não estejam afastadas dos limites do terreno em que são edificadas pelo menos 2,50 metros.

Art. 147. Um terreno não poderá em toda a sua superficie, ser occupado por uma obra, devendo-se reservar o espaço necessario para um quintal, que em caso algum pode ter menos de 30 metros quadrados.

Art. 148. Em casas construidas no alinhamento da rua, as portas, janellas, venezianas etc. do rez-do-chão collocadas a menos de 2,50 metros de altura acima do passeio, não poderão abrir para fóra. As portas salientas dos alicerces, architraves, ou outras peças, architectonicas do rez-do-chão não poderão sobresahir mais de 15 cm, e alpenderes por cima de portas mais de 30 cm.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O desrespeito ao Código de Posturas, gerava punições. Acervo A.H.J.F.S.

Art. 149. Mirantes, balcões ou galerias, architraves ou outras peças architectonicas,, não poderão ser construidas senão numa altura de 3,50 metros acima do passeio, não passando o alimento da rua mais de um metro.

Art. 150. A altura dos edificios, construidos directamente a beira da rua não poderá exceder a largura da mesma rua. Nas casas que distarem da beira da rua, essa altura poderá augmentar com a respectiva distancia

NB. Mede-se a altura dos edificios desde o nivel da rua até a cimalha, bem como a dos mirantes, aguas furtadas etc.

Art. 151. Calhas do telhado, canos, mirantes, alpendres não poderão passar limite visinho.

Art. 152. Nas encrulhadas a esquina dum edificio collocado directamente no alinhamento da rua deverá ser quebrada si a Municipalidade o exigir e nas condicções por esta estabelecidas.

Art. 153. Pretendendo-se construir um casa sem porão, será necessario seccar-se o chão da casa, si assim convier, por canalisação etc. o fundamento será construido de modo que, no caso de uma inundação, as



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aguas poderão facilmente ecoar-se sem ficar paradas debaixo do edificio. Do mesmo modo as aguas da chuva, cosinha e outras proveniencias não poderão correr par baixo do edificio, dando-se-lhes esgoto permanente, conforme as indicações da autoridade municipal.

Art. 154. Se um edificio já existente não satisfazer as prescripções dos artigos 153 e 154, estes serão attendidas por occasião de concertos no soalho.

Art. 155. Empregando-se nos alicerces material que atrahe humidade os alicerces serão separados por uma camada isoladora, para o que se poderão applicar chapas de chumbo, papelão para cobrir telhados, podendose tambem costruir ao redor do edificio inteiro por exemplo uma especie de muro cimentado, que póde ser de uma camada de concreto, de uma espessura de 15 cm.

Art. 156. Os alicerces, bem como todos os muros e paredes serão feitos de cal e argamassa não se podendo empregar alvenaria secca nos fundamentos.

Art. 157. O reboco, caso não se empregue argamassa, conterá pelo menosuma parte de cal para duas de areia.

Art. 158. O pé direito no rez-do-chão será no minimo de 3,50 metros, podendo diminuir para 3 metros nos andares superiores.

Art. 159. Todos os compartimentos darão de fóra entrada ao ar e luz de modo a ficarem completamente ventilados. Em casos excepcionaes e com o consentimento do Superintendente, poder-se-á dar de cima entrada de luz, sob a condicção de, neste caso, tambem não ficar prejudicada a ventilação.

Art. 160. As janellas exteriores deverão representar uma superficie que corresponda, pelo menos, a 15% da superficie dos respectivos compartimentos. As portas exteriores terão no minimo, dois metros de


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

altura e um de largura, e as interiores, no minimo, dois de altura e 90 cm de largura. Em compartimento secundario, essas portasinteriores poderão Ter dimensões menores.

Art. 161. Todas as casas construidas no alinhamento das ruas terão uma fachada com altura minima de 6 metros.

Art. 162. Chaminé e fogão distarão no minimo 30 cm de qualquer madeirante, tendo a chaminé a altura necessaria para que não incommode o visinho.

Art. 163. As fachadas de todas as casas que se construirem immediatemente a beira da rua serão providas de calhas de telhados e canos de esgotos e as aguas caso não fôr possivel leval-as para os fundos deverão ser conduzidas por baixo dos passeios á sargeta.

Art. 164. Todos os muros e paredes de edificios visiveis da rua, serão mezes depois de acabada a construcção e de conformidade com o carater desta, rebocados e caiados ou serão tomadas as juntas com cal e cimento. Nas fachadas, o exaimel não se pode apresentar senão sob o aspecto artistico. Do contrario a fachada será rebocada.

Art. 165. Ranchos abertos ou casas feitos de madeira terão de distar da rua pelo menos 20 metros.

Art. 166. Casas, ranchos, depositos, etc. não poderão ser cobertos de Madeira, palhas, folhas e semelhantes materiaes.

Art. 167. Durante a construcção de um edificio, o visinho ficará obrigado a permitir que os andaimes sejam collocados em seu terrenos, com a condicção do proprietário do edificio em construcção restabeleça o estado anterior, responsabilisandose por todos os prejuizos causados.

Art. 168. Durante o tempo da construcção os andaimes e depositos de materiaes não poderão occupar mais de um terço da rua sendo retirados logo que fôr possivel. De noite, os logares de construcção


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

serão sufficientemente illuminados a expensas do proprietario, que ficará responsavel por qualquer prejuizo causados aos transuentes.

Art. 169. As conducções de correntes electricas fortes deverão passar por todas as parters e janelas a dois metros de distancia pelo menos. Caso tal conducção cruzar estradas, ruas, pontes ou qualquer outro espaço ou superficie servindo ao transito, como sejam quintaes, jardins etc., será defendida por uma rêde de arame estendida por baixo.

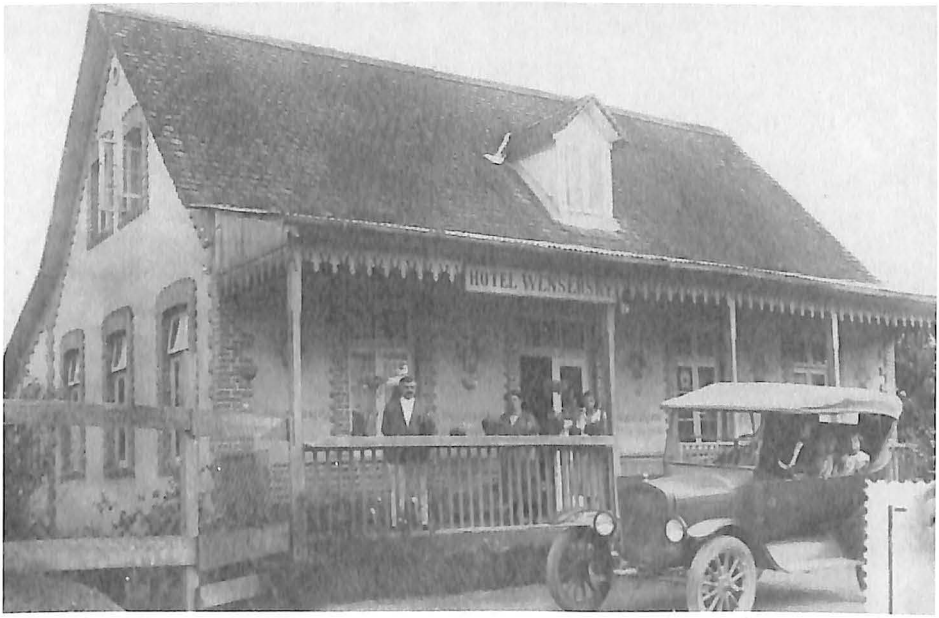
Art. 170. Perto de cada casa deverá existir uma latrina cimentada, cujo conteudo, sempre que fôr possivel, será removida a expensas do proprietario, no dia primeiro, no dia primeiro de cada mez por trabalhodores empregados pela Camara Municipal desinfectandose a cova na mesma occasião. Dependem as dimensões das covas do numero das latrinas que com aquellas communicam, e o numero das latrinas e o numero das pessoas que na casa habitam. Nas covas não se detam senão materiaes feccaes, nunca porém, fragmentos de louças e tecidos, lixos, entulhos etc. Si a existencia de taes objectos estragar a machina de extracção e os canos, o proprietario será responsavel pelo prejuizo. As covas e aberturas de latrinas terão de ser fechadas por tampas de madeira.

Art. 171. A cova da latrina deverá distar dez metros, peloo menos, do pço.

Art. 172. Tavernas, casa de pasto e hoteis, bem como todos os edificios destinados a nelles se reunirem muitas pessoas, deverão além das latrinas, possuir mictorios, que serão collocados de modo a serem facil accesso quem sahir dos compartimentos do hotel ou sala de reunião, e não serem prejudicaes á hygiene publica.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense




Hotéis e edifícios que reunissem muitas pessoas deveriam atender às exigências do Código de Posturas. Acervo A.H.J.F.S.

Art. 173. Todo proprietario, dentro do perimetro urbano, terá de construir, por sua conta, e logo que a administração municipal exigir, um passeio ao longo de seu terreno ou casa, demarcado pelos fiscaes, de conformidade com as instrucções seguintes:

a) o passeio de um metro e oitenta centímetros de largura, será feito de pedras naturaes ou de cascalho duro cimentado;

b) sempre que fôr possivel, evitar-se-ão degraus, na direcção longitudinal. A ascenção e o declive da calçada dependerão do nivel, não podendo a ascenção passar de 12%;

c) no passeio não se poderá collocar degrau deante das portas das casas;

d) as entradas para os quintaes poderão calçar-se com pedras, mais não é licito collocarse degraus que liguem a entrada com a calçada;


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e) a elevação da calçada acima do nivel da rua não poderá passar de 15 cm, não podendo ficar abaixo de 13 cm.

Imcumbe mais ao proprietario manter os passeios em perfeito estado de conservação.

Art. 174. Terrenos incultos serão cercados com cercas de estacas ou por tecedura de arame, logo que a administração municipal o exigir.

Art. 175. Quem, dentro do prazo marcado, não construir calçadas e cercas, pagará a multa legal, mandando a administração municipal executar as obras por conta do respectivo proprietario, que pagará tambem as despezas que decorrerem de sua recalcitrancia.

Art. 176. Nos terrenos cultivados, quer grandes quer pequenos, dentro do perimetro urbano, será roçada a capoeira e não se poderá nelles deitar lixo ou entulho.

Art. 177. Quem, parcellando terrenos, pretender construir ruas particulares, deverá requerer previa licença ao Superintendente, ou ao Conselho Municipal, como si se trtatasse de qualquer outra construcção

Art. 178. Não se poderão construir directamente á beira da rua fabricas que, funccionamdo, fazem muito ruido, nem ranchos, estrebarias, etc.

Art. 179. Estradas de ferro, que funccionam com força de qualquer espécie, deverão estabelecer, cruzando as ruas do perimetro urbano, cancellas e organisar os respectivos serviços, ou construir pontes ou tuneis. Em todos os casos decidirá o Superintendente, depois de ouvir a Commissão de Obras Publicas.

Art. 180. Obras de qualquer espécie, em decadencia, constituindo perigo immenente, deverão ser derrubadas ou concertadas, de sorte a excluir o perigo.

Art. 181. Não serão concertados os edificios em terrenos destinados a ruas ou praças publicas.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Art. 182. O proprietario do perimetro urbano é obrigado tambem a caiar a fachada de sua casa, quando para isso fôr intimado pela Municipalidade, que dará um prazo nunca inferior a 15 dias.

Art. 183. Todos aquelles que não cumprirem as determinações deste capitulo, pagarão uma multa no valor de 35$-50$, importância que será dobrada em casos reicidentes, e a multa não eximirá o infrator de outra pena, em que incorrer, em vista da legislação estadoal ou federal em vigor.

## Título VI

## Capítulo IX

### Das infracções que prejudicam a lavoura e riquezas naturaes do Município.

Art. 184. Não extinguir formigueiros que apparecem em seus terrenos e prejudicarem as culturas do visinho; multa de 10 $-15$. O prejudicado deve avisar o proprietario do terreno de onde sahem as formigas e mostrar-lhe os seus carreiros na divisa das terras.

Art. 185. Queimar derrubadas da mattas ou capoeiras sem fazer aceiros de cinco metros pelo menos, que as separe das propriedades circumvisinhas fazer a queimada sem prevenir os confiantes, multa de 10$-15$.

Art. 186. Usar de dynamite na pesca, ou envenenamento das aguas, ou lançar rêdes na fôz de ribeirões, multa de 20$-30$.

Art. 187. É prohibido caçar dentro dos limites do Municipio desde 15 de Setembro até 15 de Março. Nesta prohibição comprehende-se tambem a caça de antas, porcos do matto, tatêtes, paccas, coatis, etc. A caça de passaros de canto e outros de utilidade para a lavoura, é vedada em qualquer epoca. É licito, em qualquer tempo, caçar


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aves de rapina, e passaros prejudiciaes a lavoura. Os contraventores deste artigos serão multados em 20$-30$.

Art. 188. Os morros que constituem divisores de aguas só é permitido o desmattamento até uma distancia de 50 metros, contados dos respectivos cimos, multa de 35$-50$.

Título VII

Capítulo X

Das infracções que prejudicam a boa ordem da administração municipal.

Art. 189. Fazer a aferiçaõ infiel ou negar documentos que attestem a aferição feita, multa de 25$-30$6

Art. 190. Deixar de executar fielmente ordens de seus puperiores em materias de serviços de seu cargo, multa de 25$-30$.

Art. 191. Negar certidões ou alteral-as, attestar falsamente entrar em transacções com empreiteiros, multa de 25$-30$.

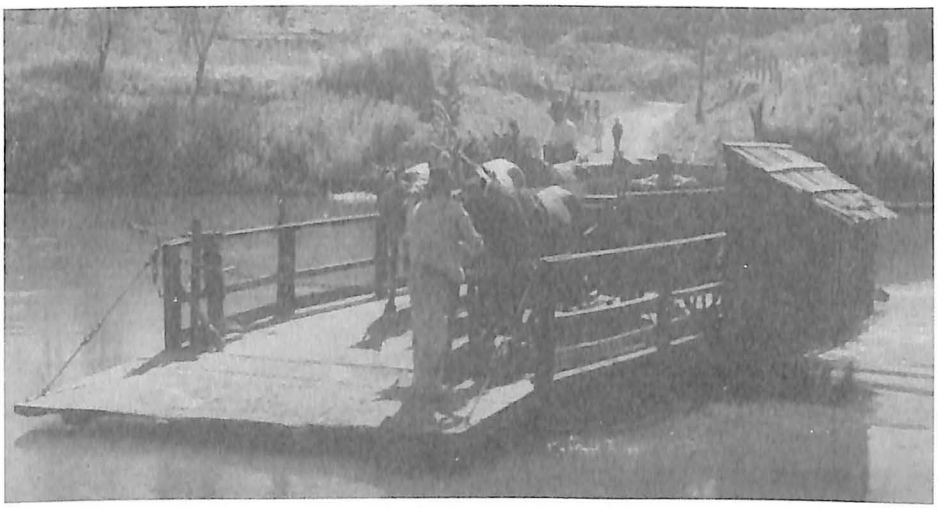
Art. 192. Referir-se descortezmente a seus superiores ou a qualquer dos membros do Governo Municipal, multa de 10$-15$.

Art. 193. Não obedecer ou faltar ao respeito a Superintendencia Municipal ou a seus empregados, no exercicio de suas funcções, multa de 20$-30$.

Art. 194. Impôr multa, por malicia ou sem justificação sufficiente, multa de 35$-50$.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



O transporte via fluvial também estava sujeito ao Código de Posturas. Acervo A.H.J.F.S.

## Capítulo XI

### Das infracção que prejudicam as rendas municipaes.

Art. 195. Devem ser pagos os impostos de viação, carros, pombeiros, gado, industria e profissão, sem lançamento previo, no tempo marcado pela lei.

Art. 196. Deixar de pagar, no prazo fixado pela lei, o imposto municipal em que foi lançado, ou em tempo, aquelle a que fôr obrigado, em virtude da lei municipal, multa no primeiro trimestre 10%, no segundo 25%.

Art. 197. Vender generos com pezo, medidas ou balanças, que não estiverem regurlamente aferidas pela Superintendencia, multa de 20$-30$.

Art. 198. Alterar as balanças, pezos ou medidas, multa de 35$-50$.

Sala das Sessões do conselho Municipal de Blumenau, aos 14 de Novembro de 1923.

Victor Konder, Presidente.

Francisco Margarida. - José Bona. – Silvio Scoz. - Otto Hennings. -Hermann Weege.- Rudolf Hoeschl. - Max Haufe.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A rua da Glória
**SUMIU!**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# A RUA DA GLÓRIA SUMIU!

Urda Alice Klueger[1]

Na noite de hoje tive que ir resolver uma coisa na Rua da Glória, a rua da Escola da minha infância, e depois me sobrou um tempinho para uma caminhada. Resolvi que podia caminhar por lá mesmo, e estacionei no pátio de simpática pizzaria, que tinha um dono também simpático, que me autorizou a deixar o carro ali.Vale lembrar que a pizzaria ficava quase que defronte à minha escola primária, e embora o dono da pizzaria tivesse me sugerido a caminhada em direção ao centro, onde encontraria largas calçadas, disse-lhe que tomaria o rumo oposto, que iria à procura do passado, da minha infância, pois estudara ali e conhecera tantas crianças da Rua da Glória, naquele tempo!

E então fui! Céus, a Rua da Glória sumiu! Eu lembrava de estreita serpente de poeira, ladeada de casas humildes, e sabia muitas coisas sobre ela, como o pé de goiaba que havia atrás da casa da nossa prima Coca, como as orquídeas boas de roubar na cerca da casa tal ou tal, onde moravam meus amiguinhos – a Rua da Glória era uma rua de grande intimidade, para mim! Nela ficava a minha escola, a Igreja Nossa Senhora da Glória, a casa paroquial, o salão paroquial, onde funcionava um grêmio que ajudei a fundar, e que tinha o lindo nome de "Grêmio Guias das Montanhas", e nela viviam as lembranças da escolinha da D. Júlia Strawolska, anterior à Escola São José, que fora a minha – cadê tudo?

Minha escola mudou completamente – tem diversos andares, hoje, e já não se chama São José, embora eu tenha tido a impressão que a imagem de São José continua lá no alto do que foi, um dia, o segundo andar,

[1] Escritora.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

acima de uma varanda onde éramos vistos pelo Governador do Estado, quando aparecia, e pelas Madres da Congregação, quando se abalavam de Minas Gerais até o Sul. E por todos os lados há cercas e muros, muitas cercas e muitos muros, e muito asfalto e muito concreto, e o muro da minha escola, hoje, é tão grande que já não pude descobrir se ainda vive uma árvore cuja muda nossa sala plantou lá dentro, lá no começo dos anos 60, no Dia da Árvore, junto com a Irmã Maria Rosária!

A Igreja quase parece a mesma, não tivesse agora lá no alto da torre relógios que parece que não funcionam. Mas está toda cercada de grades, e das antigas construções só restou a Casa Paroquial, e olhei bem atentamente que ainda está lá a sala onde um dia, quando eu tinha 15 anos, o Padre Sílvio Tron tirou da minha cabeça o sonho de vir a ser uma arqueóloga.

Enveredei Rua da Glória adiante, então, e foi como entrar num mundo desconhecido. Não consegui reconhecer uma casinha que fosse, uma pessoa que fosse! A serpente sinuosa tem muito menos curvas, depois do asfalto, e como há asfalto, concreto e ferro por todos os lados! A minha Rua da Glória já não existe. Nem existem mais os morros cobertos de mato que estavam por detrás das casas: assim de noite, na ignorância da mudança, as muitíssimas janelas iluminadas morros acima me davam a impressão que olhava para os *cerros* de Caracas, na Venezuela, embora tivesse certeza que, de dia, o que tinham sido um dia os morros repletos de fadas e duendes, e até uma gruta de Nossa Senhora, seriam diferentes dos *cerros* lá do quase Caribe! E a lua quase cheia, que deveria estar reinando soberana por cima da matas que tinham sumido, agora parecia ser apenas mais uma janela iluminada naquela sensação de se estar em Caracas!

Pergunto-me: se até a lua sumiu da Rua da Glória, como pode ela ter sobrevivido? Sei que andei e andei, fui longe e depois voltei, e nenhuma casa, nenhuma pessoa que fosse consegui reconhecer – sequer


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o lugar onde um dia fora a casa da nossa prima Coca, a mãe do Ernani, da Minervina e de tantos mais; a avó do biólogo Elias e de muitíssimos mais! Se sequer o lugar da casa da Coca consegui reconhecer, o que dizer do resto? Sabia, família a família, quem morava em cada casa, e agora tudo se foi. Vi apenas uma casa comercial que tinha "Stoll" por nome – fiquei a pensar que talvez se tratasse da família de uma menina chamada Maria Stoll, graciosa sílfide que era liderança no nosso colégio – mas será que a gente da Maria Sotll ainda está por ali? A Rua da Glória da minha infância vive hoje, apenas, dentro do meu coração. Quando voltei da caminhada e disse ao homem da pizzaria que a Rua da Glória sumira, ele ficou feliz:

- Progrediu um bocado, não foi?

Perguntei se ele era dali.

- Não, cheguei na Garcia na década de setenta.

Mesmo em 70, a Rua da Glória era outra. As mudanças devem ter acontecido tão imperceptivelmente que quem estava ali não notou.

Para mim, no entanto, foi como um soco no peito.

Blumenau, 31 de janeiro de 2006.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# Histórias da
# MINHA AVÓ - V

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ – V

Urda Alice Klueger[1]

(Para Emma Katzwinkel Klüger, minha avó)

Não sei muito bem quanto tempo minha avó viveu naquele lugar de Santa Catarina para onde foi quando chegou ao Brasil como imigrante, e onde aconteceu aquele primeiro Natal mágico, com um docinho de Natal para cada criança, buscado a pé a 30 quilômetros de distância por um bisavô que eu tive e que como que se perdeu nas brumas da distância: sei que dele ficou-me esta curtição pelo Natal – o que mais terá ficado? É tão comprido o tempo, e tão poucas as informações!

Lá nesse lugar que me era meio nebuloso minha avó viveu dos sete anos até ser uma mocinha; um dia, veio, com sua família, para Blumenau, não sei bem quando. O que sei é que aos 20 anos ela estava noiva do meu avô Oskar Klueger, e que então respondeu a um anúncio de um jornal, que procurava moças do Sul para trabalhar, e se foi para Santos/SP, trabalhar para uma família inglesa durante seis anos, preparando-se para casar. Desse tempo de Blumenau e de Santos abundam as histórias e há até lindas fotografias onde, fisicamente, ela se parece muito comigo. Seis anos sem ver o noivo! Mas ela voltou para o casamento trazendo todo o enxoval, 150 mil réis de economias, e a riqueza que era uma máquina de costura! Era como ser milionária! Do lado de cá, meu avô, que a esperara, comprara terra e construíra casa onde hoje é o bairro Garcia, em Blumenau – e tudo isto aconteceu antes de 1908, pois em 1909 já nasceu meu tio mais velho, o tio Erich.

E o tempo passou, e muitas coisas aconteceram, e em 1922

[1] Escritora.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nasceu meu pai, e três décadas depois nasci eu, e um dia a minha avó veio morar na nossa casa, e duvido que algum neto prestou tanta atenção, algum dia, às histórias que ela contava, quanto eu prestei! Guardei na minha memória cada nuance, cada detalhe, cada emoção que ela nos passava enquanto comia os ainda translúcidos pepinos novos em fatias fininhas, nas tardes de proximidade de Natal, quando as cigarras rebentavam de tanto cantar! Encantavam-me aqueles lugares meio misteriosos onde ela passara a sua infância, e aos poucos fui aprendendo coisas: o nome da cidade de onde ela veio era Kaunas, na Lituânia – e hoje conheço fotos de Kaunas, através da Internet – e mais tarde conheci Lisboa e outros lugares onde o seu navio passou – só não sabia direito onde era aquele nebuloso lugar onde ela, seus pais e irmãozinhos, viveram tão difícil vida nos seus primeiros anos de Brasil.

Até que ... bem, sempre um dia os milagres acontecem! Eu penso que nunca, ao longo de mais de cem anos,nenhum descendente da minha avó voltou àquele lugar. Mas em 2006, um professor chamado Plauto Mendes entrou em contato comigo para que fosse à sua escola num lugar desconhecido, chamado Rio Rosina. As crianças, lá, tinham lido livros e outros textos meus, e ele promovia o nosso encontro. Então fui, de carona com ele. É meio complicado explicar onde é tal lugar: da cidade de Blumenau a gente se dirige à cidade de Timbó – de lá, vai-se à cidade de Rio dos Cedros. Em Rio dos Cedros começa-se a subir íngreme maciço de altíssimos morros – e desde quando se está embaixo, duas coisas passam a chamar a nossa atenção: grossíssimos tubos de metal canalizam enormes quedas d´água que um dia ali eram livres, e que um governador lá do tempo da minha infância canalizou para transformar sua força em eletricidade, conforme Plauto me explicou, e a estrada.

Depois de muito andar por aí por muitos lugares, principalmente na nossa América dita Latina, eu aprendi a entender como foram feitas


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

muitíssimas das estradas do nosso continente: a principal força utilizada foi pé de índio. Séculos depois das estradas estarem abertas, um e outro engenheiro foi lá, e mandou passar trator, e muitas vezes mandou cobrir com asfalto – mas a máquina primeira que construiu a maioria das nossas estradas foi o pé de índio, que por milênios andou para lá e para cá pelos lugares mais óbvios e mais lógicos, até formar aquelas estradas que hoje a gente se utiliza sem nem pensar no assunto.

Então, enquanto seguia para Rio Rosina, eu ia conversando com Plauto sobre aquela estrada que subia a montanha, tão evidentemente aberta por pé de índio: espremida entre as altas encostas de um lado e um rio do outro, não havia nenhuma outra possibilidade plausível de estar em outro lugar – e nossos irmãos índios, lá no passado, viram tal coisa muito bem vista, e começaram a subir e a descer por aqueles lugares bem onde, depois, os engenheiros concordariam que eram os melhores lugar para se passar.

Montanha subida, desembocamos num lugar parecido com o Paraíso Terrestre – lagos e lagos, água por todos os lados, inúmeras casas de campos de gente rica; as propriedades dos lavradores e de outras gentes, a igreja, a escola João Floriani. A escola era um encanto, cercada de jardins, tudo funcionando como uma máquina bem azeitada, diretora, professores e servidores extremamente simpáticos, sem contar a doçura que eram os alunos, e que eu conheceria logo depois. Fui levada para a cozinha,onde se preparava a merenda escolar e onde um lanche diferenciado me esperava – e lá estava o Bruno!

Agora vai começar a emoção: o Bruno Alexandre Ferrari era um rapaz de vinte e tantos anos e de forte sotaque italiano, e a camaradagem era fácil e boa naquela acolhedora cozinha, como em toda Rio Rosina. Ali por perto estava a Usina Palmeiras, da qual minha avó sempre falava, e então a conversa girou por aquele lado: que um dia a minha avó chegara


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ao Brasil e viera parar num lugar que talvez pudesse ser ali, ou por ali, e que meu bisavô, no Natal, caminhara 30 quilômetros de ida e outros 30 de volta, para trazer um docinho de Natal para as suas crianças.

- Mas 30 quilômetros daqui é Timbó! – todos afirmavam, e eu cada vez me emocionava mais: então tinha sido a Timbó que ele fora, aquele desconhecido antepassado que decerto me legara tantas coisas? Eu conhecia muito bem Timbó – quantas vezes lá estivera! Sabe-se lá quantas vezes esbarrara nas lembranças do meu bisavô ainda por lá ou entranhadas, ou flutuando – talvez até tivesse pisado em cima, algum dia, sem saber, do seu cansaço da caminhada de 30 quilômetros atrás de alguns docinhos de Natal, pois caminhadas movidas por sonhos, assim, deixam marcas para sempre! De emoção em emoção, ia acompanhando as conversas naquela cozinha, e dava as minhas contribuições: "Minha avó contava de quando os índios fizeram isto, ou aquilo..."

Aquelas histórias da minha avó eu apenas as ouvira da boca dela; nunca, em nenhum lugar, ouvira outra pessoa contar coisas assim, ou lera que alguém tivesse escrito coisas parecidas. Eram histórias particulares da minha avó e minhas, pois penso que os outros que as ouviram não prestaram muita atenção ou já morreram – EU era a herdeira daquelas histórias! E então, ali no aconchego da cozinha daquela escola acolhedora, no maior sotaque italiano, o jovem Bruno Alexandre Ferrari pôs-se também a contar as histórias da minha avó lituana, exatamente as mesmas, tim-tim por tim-tim, detalhe por detalhe, como as ouvira seu *Nono*[2] contar no passado! Eu chorei. Tinha, enfim, chegado àquele lugar mágico que povoara toda a minha vida, desde a infância! Talvez não fosse exatamente aí em Rio Rosina, mas 5 quilômetros para lá ou para cá – o fato é que fora para ali que os imigrantes lituanos cansados e alquebrados foram levados, no final do século XIX, quando acabaram aportando aqui no Brasil! Eu voltara

[2] Nono: avô, em italiano.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

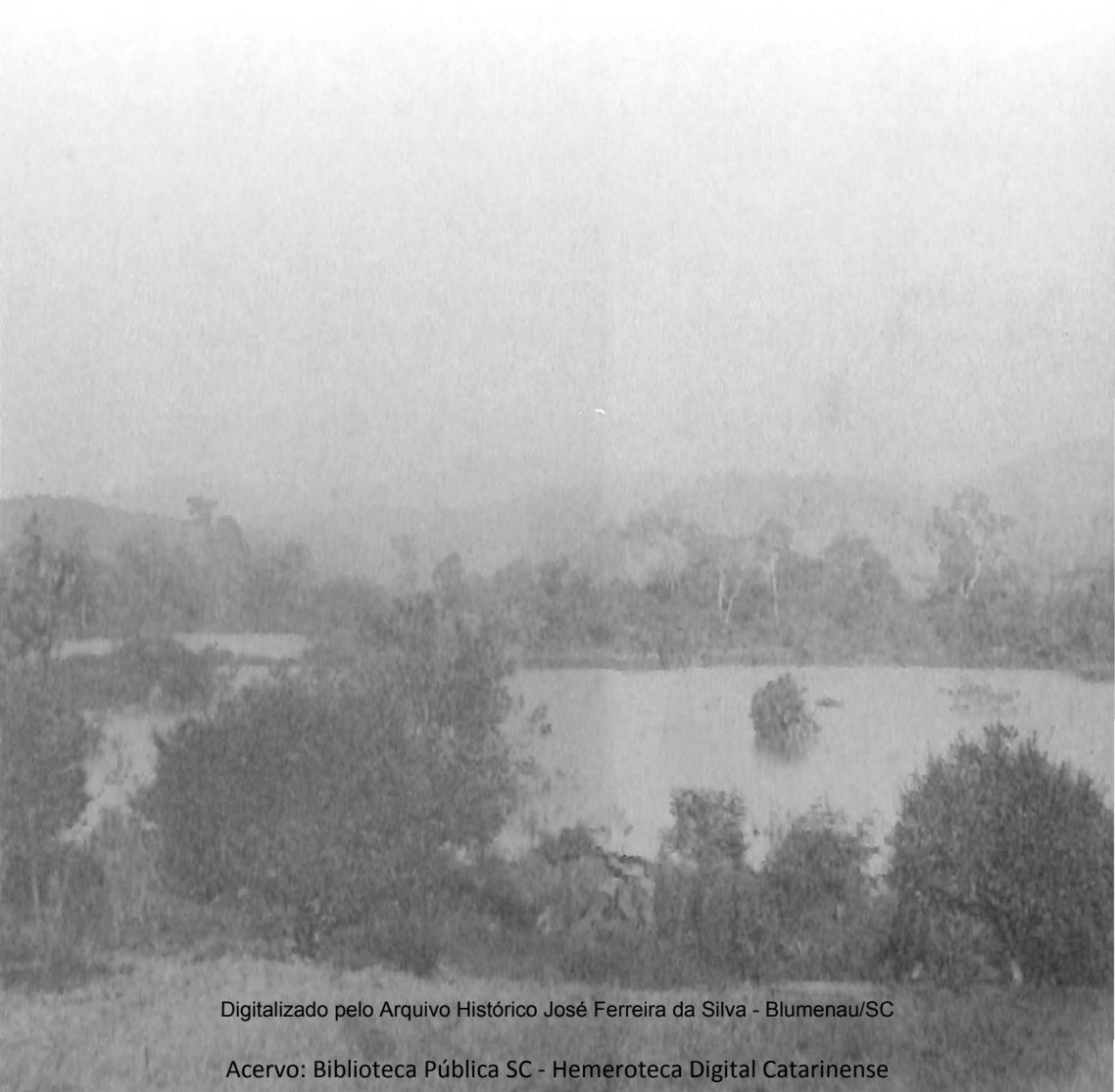
lá, afinal, descendente deles, descendente das tradições deles, descendente da força que fazia um homem caminhar 60 quilômetros para trazer um docinho de Natal para cada filho! O ciclo se fechava, afinal! Eu estava pisando nas terras encantadas onde minha avó tinha vivido a sua infância! O Natal que eu herdara daqueles meus antepassados agora seria sempre muito mais forte! Como ficar indiferente a uma coisa assim?

Blumenau, 09 de Setembro de 2007.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# Poço da
# MOÇA



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# POÇO DA MOÇA

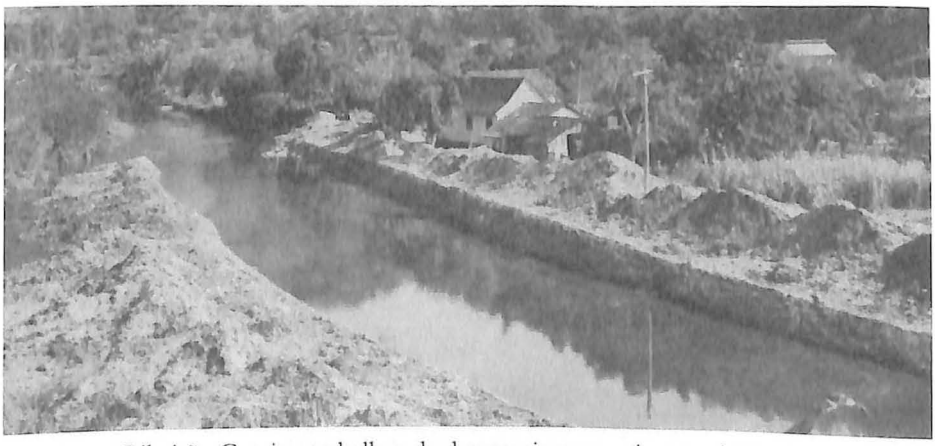
Dr. Walmor Erwin Belz[1]

Blumenau traz consigo uma miríade de fatos acontecidos durante o seu desenvolvimento. Na época em que vicejava mais consciência ecológica, com menos seres humanos – que são os maiores predadores do universo – o ribeirão do Garcia corria límpido brilhante cheio de peixes. Podia-se tomar banho e até beber de sua água corrente quase cristalina.

Veja-o hoje! Fedorento, cloaca dos moradores ribeirinhos. Nos idos de 40 na altura onde fica o G. E. Olímpico, o ribeirão oferecia com suas encostas, que chamávamos de barrancos um local propício para tomar banho. Das barrancas pulávamos em mergulhos fantásticos.

Poço da moça, porque?

A Historia conta que ao tomar banho nas profundezas do poço o mesmo tragou uma bela donzela. Hoje lamentavelmente não existe mais poço nem moça. Pois ninguém recorda-se do fim desditoso da jovem nem do maravilhoso ribeirão límpido e sadio.



Ribeirão Garcia - trabalhos de desassoriamento. Acervo A.H.J.F.S.

[1] Emérito da Academia Catarinense de Medicina.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# OTHON D'EÇA
## algumas notas sobre sua vida e obra

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# OTHON D'EÇA: ALGUMAS NOTAS SOBRE SUA VIDA E OBRA

Enéas Athanázio[1]

Interessado nas coisas de nossas letras, um amigo de outro Estado pede minha ajuda para obter informações sobre Othon da Gama Lobo D'Eça, que adotou o nome profissional e literário de Othon D'Eça (1892/1965), e seu mais famoso livro de contos – "Homens e Algas." Desejava elementos mais amplos que os constantes dos verbetes de enciclopédias e dicionários literários, informações que obtive com facilidade e lhe transmiti de pronto. Quanto ao livro, porém, não consegui atendê-lo; foi inútil a minha busca em livrarias e sebos. Em outra ocasião, no início do ano passado, ocorreu algo semelhante com um livro de Guido Wilmar Sassi e não tive outro remédio senão emprestar o meu exemplar, com dedicatória do autor, mesmo correndo o risco de não voltar a vê-lo. Fatos assim se repetem com relativa freqüência e põem a nu nossa dificuldade em furar as barreiras e distribuir a obra dos catarinenses que aqui residem, confinados aos estreitos limites de um dos menores Estados da federação. Nas minhas viagens pelo Brasil – e sou um andante inveterado – costumo perguntar aos escritores de outras terras quais os catarinenses que eles conhecem e a reposta é quase sempre a mesma: raros. Nereu Corrêa chegou a ser conhecido das gerações mais antigas e Lindolf Bell de outras mais recentes, embora ambos já estejam caindo no esquecimento. Enquanto não houver uma política pública séria e persistente de difusão do livro em nosso Estado, tudo continuará assim: seguiremos escrevendo uns para os outros.

Nascido em Florianópolis em família tradicional, Othon D'Eça viveu no Rio de Janeiro e depois na Bahia, exilando-se junto com

1 Advogado e escritor. Colaborador da revista há mais de 25 anos.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os seus para fugir do clima de ódios e perseguições aqui reinantes na época. Bacharelou-se em Direito na antiga capital do país, retornando em seguida ao Estado. Aqui, teve intensa atividade cultural e literária, foi o fundador da Academia Catarinense, exerceu cargos relevantes e foi livre-docente de Direito Internacional Público e catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito de Santa Catarina, disciplina de que fui seu aluno. Novelista, contista, crítico, poeta e articulista, exímio pianista, destacou-se como integrante da chamada "Geração da Academia" e conquistou lugar de relevo em nossa história literária.

Ainda solteiro, residiu em Campos Novos, minha cidade natal, por um período que nunca consegui precisar. Exercia atividades profissionais e logo ficou conhecido, sendo lembrado por pessoas mais antigas muitos anos mais tarde. Nesse período se tornou grande amigo de meu pai, José Athanázio, médico também formado no Rio e solteiro. Nas longas noites silenciosas, ambos costumavam caminhar em torno do jardim com seus famosos caramanchões, cedrinhos recortados em formato de figuras e cercas vivas bem aparadas, conversando por horas a fio. Comedido nos gestos e de pouco falar, meu pai era o oposto daquele homem esfuziante, irrequieto, nervoso e gesticulante, conversador inesgotável e "causeur" inigualável. Cansados de andar, sentavam-se no banco tosco - na verdade um tronco maciço, lustroso devido ao uso – que existia diante do hotel onde ele se hospedava, num dos lados da praça central e quase junto da casa de meus avós paternos com quem meu pai residia. E ali ficavam, em longos e variados assuntos, enquanto a noite avançava, as estrelas pontilhavam o céu e, às vezes, um friozinho se anunciava. Era com intensa emoção que o professor me relatava esses fatos, décadas depois, revelando que nunca esquecera o amigo da mocidade, desaparecido tão jovem.

Sempre que me encontrava, nos corredores da Faculdade ou na rua, Othon D'Eça me abraçava com efusão e exclamava: "Parece que estou vendo o José mocinho!", aludindo à minha semelhança física com meu


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pai. Suas aulas de Direito Romano, mesmo versando matéria complexa, eram vivas e movimentadas. Falava sem cessar, derramando a torrente de conhecimentos que povoavam sua mente, sempre inquieto, gesticulante, ativo. Sentava e levantava, descia e subia ao estrado, andava para lá e para cá. Bastava, porém, que alguém se referisse a Eça de Queirós – uma de suas paixões – para que o assunto da aula fosse esquecido. Foi graças a essas digressões que despertei para o romancista português.

Ele faleceu em 1965, durante o regime autoritário, e só soube do fato alguns dias depois, deixando-me consternado por não ter podido comparecer.

Além da amizade com meu pai e de ter sido seu aluno, a vida estabeleceu curiosas ligações entre mim e o mestre saudoso. Em 1992, ano de seu centenário de nascimento, quando publicadas suas Obras Completas pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), fui convidado a escrever o prefácio ao livro "...Aos espanhóis confinantes!", trabalho que executei com raro prazer, debruçando-me sobre mapas e conversando com pessoas conhecedoras de nossa geografia. Dei ao prefácio o título de "Vencer e Voltar", o lema da expedição relatada na obra. Trata-se de um diário, escrito de forma magistral, da "bandeira" comandada pelo então presidente (governador) Adolfo Konder ao Oeste do Estado, ainda inóspito em muitas regiões, como manifestação explícita de posse e soberania, da qual Othon D'Eça fez parte. A expedição ocorreu em 1929, às vésperas da Revolução de 1930, que tantas mudanças traria ao país. Viagem que hoje seria corriqueira, assumia proporções de grande aventura naqueles tempos de antanho. Mas Othon D'Eça soube ver tudo que aconteceu, com olhar arguto, e escreveu um livro admirável, de leitura interessante, abordando aspectos humanos e fornecendo um documento inigualável do Oeste há quase oitenta anos.

Publicadas em cinco volumes, as Obras Completas contêm: "Cinza & Bruma" e "Poemas Dispersos" (Vol. I), "Vindita Braba" (Vol.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

II), "Homens e Algas" (Vol. III), "...Aos espanhóis confinantes!" (Vol. IV) e "Nuestra Señora de L'Asunción" (Vol. V). A coleção foi enriquecida com ensaios introdutórios de diversos autores, prefácios, depoimentos, fotos do autor e retratos em bico-de-pena. Homenagem justa e merecida da qual me regozijo por ter participado. Meu ensaio introdutório foi publicado depois em vários outros livros e periódicos.

Oito anos mais tarde, em 2000, fui escolhido pela Academia Catarinense, da qual não sou membro, como "Escritor do Ano", ocasião em que recebi o "Prêmio Othon D'Eça", estabelecendo assim mais uma inesquecível ligação com meu velho professor e dileto amigo de meu pai.

Ainda nos meus tempos de acadêmico, residindo em Florianópolis, acompanhei de perto o lançamento de "Homens e Algas", em 1957. Com prefácio de Nereu Corrêa, capa de Santa Rosa e **ex-libris** de Corrêa Dias, o livro surgia em edição do autor, numa daquelas feias publicações da Imprensa Oficial do Estado. Expoente do chamado **regionalismo açoriano**, que, infelizmente, não teve seguidores, o livro obteve repercussão modesta, mais fora que dentro do Estado. Clóvis Assumpção saudou-o com belo comentário publicado em "Leitura" (Rio, abril de 1957) e algumas notas saíram em nossos jornais. Segundo Celestino Sachet, o contista dedicou seus 73 anos de vida aos homens do mar, convivendo com esses homens puros e as algas limpas que tão bem soube retratar em sua obra.

---

Algumas fontes:

"Enciclopédia da Literatura Brasileira", Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, Rio, MEC, 1990, Vol. I, pág. 540.

"Dicionário Literário Brasileiro", Raimundo de Menezes, Rio / S. Paulo, LTC Editora, 2ª. ed., 1978, pág. 230.

"A Literatura Catarinense", Celestino Sachet, Florianópolis, Editora Lunardelli, 1985.


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)

  R$ 10,00 (anos 60)

  R$ 10,00 (anos 50)

- Encadernação R$ 50,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 140,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2008 (Tomo 49). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense